



**ANA CAROLINA DE ALMEIDA MARQUES**

**MAIS AMOR, POR FAVOR?! POLIAMOR NA REDE:  
UM ESTUDO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO DE POSTAGENS DE BLOGS**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS**  
**Teoria Literária e Crítica da Cultura**

Setembro de 2016



**ANA CAROLINA DE ALMEIDA MARQUES**

**MAIS AMOR, POR FAVOR?! POLIAMOR NA REDE:  
UM ESTUDO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO DE POSTAGENS DE BLOGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientador: Prof. Doutor Antônio Luiz Assunção

Setembro de 2016

Aos meus pais, Cássio e Tânia,  
Por tudo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela realização deste sonho. Pela minha vida e por todo o amor já recebido.

Ao meu orientador, Toninho, pelo apoio e estímulo para que seguisse na pesquisa acadêmica. Pela paciência de ouvir todas as minhas ideias, medos e inseguranças.

À minha mãe, pelo amor e apoio sempre presentes. Por não duvidar de que eu conseguiria mesmo quando eu duvidava. Mãe, conseguimos! Esse trabalho é nosso!

Ao meu pai, pela confiança em mim e em meus sonhos. Por todo cuidado, amor e amparo. Por todos os quilômetros de viagens de São João a Cambuí/ Cambuí a São João.

À minha irmã, Juliana, pelo apoio e motivação nos momentos de cansaço e aparente estagnação. Por todas as nossas conversas, principalmente, as engraçadas. Rir com você é fundamental!

À tia Érika, por acreditar em mim e, constantemente, me lembrar dos meus sonhos e das infinitas possibilidades. À tia Leda e à Olívia, pelas companhias valiosas e indispensáveis aos meus dias.

À vó Niva, por todas as perguntas sobre o mestrado e a dissertação. Por seu amor e carinho.

Ao Vítor, pelo companheirismo e apoio durante esta pesquisa. Sem você esses dois anos teriam sido absolutamente mais difíceis. Obrigada pelo amor de todos os dias.

Aos meus amigos, pelos bons momentos. Em especial, ao Thiago, por toda sua ajuda. Ao Rafael, pela troca de experiências e terapia constante.

A todos os professores do mestrado em Letras da UFSJ.

Aos amigos do mestrado, Silvia, Vivia, Flávia, Jaqueline, Taiane, Gabriel, Nayhara, João Paulo e Felipe, vocês fizeram toda a diferença.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

## I.

HOW strongly does my passion flow,  
 Divided equally 'twixt two?  
 Damon had ne'er subdued my heart,  
 Had not Alexis took his part;  
 Nor could Alexis powerful prove,  
 Without my Damon's aid, to gain my love.

## II.

When my Alexis present is,  
 Then I for Damon sigh and mourn;  
 But when Alexis I do miss,  
 Damon gains nothing but my scorn.  
 But if it chance they both are by,  
 For both alike I languish, sigh, and die.

## III.

Cure then, thou mighty winged god,  
 This restless fever in my blood;  
 One golden-pointed dart take back:  
 But which, O Cupid, wilt thou take?  
 If Damon's, all my hopes are crossed;  
 Or that of my Alexis, I am lost.

Aphra Behn, *On her Loving Two Equally*,  
 In **The False Count** (1682).

## RESUMO

Nesta pesquisa, foram analisadas duas postagens de blogs. Nelas, o poliamor – modelo de relacionamento humano em que é possível se relacionar afetivamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo – aparece como tema. Buscou-se, então, investigar as práticas discursivas relacionadas ao discurso do poliamor. Para isso, foram delimitados três objetivos específicos: identificar, nos enunciados das duas postagens, as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos-autores, em conformidade com o postulado por Benveniste (1976; 1989) e com a releitura de Fiorin (1996). A análise do interdiscurso presente nos enunciados em questão foi também proposta. Para isso, os escritos de Pêcheux (2010), Orlandi (2012) e de Guimarães (1995) se fazem necessários. Por fim, partindo do pressuposto de que a escrita de postagens sobre o poliamor pode estar relacionada a vivências, buscaremos investigá-las enquanto narrativas de vida. A metodologia utilizada pode ser explicada em três etapas. Primeiro, a pesquisa e seleção de blogs e postagens. Feito um recorte no material de análise, foram escolhidas duas postagens de blogs diferentes nas quais o poliamor era tratado como tema. Em seguida, foi feita a análise dos traços subjetivos nos enunciados, os elementos linguísticos referentes à instauração de pessoa, tempo e espaço. Foi feita também a análise dos dizeres encontrados nos enunciados. Para essas análises, as postagens foram divididas em excertos e trechos em destaque. Enfim, analisaremos as postagens pensando-as enquanto narrativas de vida. Foi demonstrado pelas análises que a primeira pessoa do singular – eu -, assim como a primeira do plural – nós – são utilizadas nas postagens, o que caracteriza um tom mais subjetivo, com a alternância entre a coletividade e a individualidade nos momentos em que o sujeito-autor considera mais necessários. O uso do presente destaca-se, apesar da existência de construções verbais no passado e no futuro. Elementos linguísticos que constituam a instauração do espaço não foram significativos. A investigação do interdiscurso foi de extrema importância, revelando a complexidade resgatada pelos enunciados das postagens. Diferentes discursos foram resgatados pelos dizeres analisados. Foi possível, por fim, identificarmos a postagem 1 enquanto narrativa de vida, relacionando-a ao conceito de espaço biográfico de Arfuch (2010). Já na postagem 2, por sua vez, poucos foram os traços que permitiram essa análise, aproximando-se mais de um texto argumentativo.

**Palavras-chave:** Poliamor. Cibercultura. Enunciação. Interdiscurso. Narrativas de vida

## ABSTRACT

In this study, we analyzed two blog posts. In them, polyamory - human relationship model that can relate affectively with more than one person at the same time - appears as a theme. We sought then investigate the discursive practices related to polyamory discourse. For this, three specific aims were defined: identify, in the statements of the two posts, the subjectivity marks left by the subject-authors in accordance with the postulate by Benveniste (1976; 1989) and the reading of Fiorin (1996). The analysis of the interdiscourse present in the statements in question has also been proposed. For this, the theoretical postulates of Pêcheux (2010), Orlandi (2012) and Guimarães (1995) are needed. Finally, on the assumption that writing posts about polyamory may be related to experiences, we seek to investigate them as life narratives. The methodology may be explained in three steps. First, research and selection of blogs and posts. Made a cut in the material analysis, were chosen two posts of different blogs in which polyamory was treated as a theme. Then the analysis of subjective marks in the statements was made, the linguistic elements related to the establishment of person, time and space. It was also made an analysis of the discourses found in the statements. For these analyzes, the posts were divided into featured excerpts and passages. Finally, we will review the posts thinking them as life narratives. It has been shown by analysis that the first person singular - I - as well as the first plural - we - are used in posts, which features a more subjective tone, with alternating between collectivity and individuality at times when the subject-author considers more necessary. The use of the present stands out, despite the existence of verbal constructions in the past and in the future. Linguistic elements constituting the establishment of space were not significant. The investigation of interdiscourse was of utmost importance, revealing the complexity rescued by the statements of the posts. Different discourses were rescued by the statements analyzed. It was possible to finally identify the post 1 as life narrative, relating it to Arfuch's (2010) concept of biographical space. In the post 2, in turn, few marks allowed this analysis, approaching more to an argumentative text.

**Keywords:** Polyamory. Cyberculture. Enunciation. Interdiscourse. Life narratives.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página Inicial do blog <i>Casal sem Vergonha</i> .....	32
Figura 2 – Imagem da publicação analisada .....	33
Figura 3 – Perfil do colaborador que assina a postagem analisada .....	34
Figura 4 – Página inicial do blog <i>Entre todas as Coisas</i> .....	34
Figura 5 – Números do blog <i>Casal sem Vergonha</i> .....	35
Figura 6 – Página inicial do blog <i>A gota D'Água</i> .....	37
Figura 7 – Comentários .....	68
Figura 8 – Parte inicial da postagem analisada .....	72



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O QUE É ISSO DE ‘POLIAMOR’? .....</b>	<b>13</b>
1.1 No início, a Deusa .....	13
1.2 O patriarcado .....	14
1.3 A sexualidade feminina no Brasil Colônia .....	15
1.4 O amor romântico .....	18
1.5 Poliamor .....	19
1.6 Blogs .....	24
1.6.1 Cibercultura .....	27
1.6.2 O blog <i>Casal sem Vergonha</i> .....	30
1.6.3 O blog <i>A gota D’água – Do antigo “Amélia é a mãe”</i> .....	35
<b>CAPÍTULO 2 - O POLIAMOR “SAI DO ARMÁRIO” .....</b>	<b>38</b>
2.1 Os aspectos da enunciação .....	38
2.2 “Ame ou deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor”: Uma proposta de análise .....	41
2.2.1 Interpretando os dados .....	49
2.3 Interdiscursividade/ Memória enunciativa/ Formações discursivas e o Poliamor .....	51
2.4 Narrativas de vida .....	57
<b>CAPÍTULO 3 - AMORES MÚLTIPLOS, AMORES LIVRES? .....</b>	<b>70</b>
3.1 “Poliamor não me contempla”: Uma proposta de análise .....	70
3.2 Interdiscursividade/ Memória enunciativa/ Formações discursivas e o Poliamor .....	77
3.3 Narrativas de vida .....	92
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

Em novembro de 2015, estava às voltas com os artigos finais do meu primeiro semestre de mestrado. Dos três artigos que precisava fazer, comecei pelo da disciplina Teorias Críticas da Cultura. Eram muitos os possíveis objetos de análise, não conseguia me decidir até, no *facebook*, deparar-me com uma publicação da BBC Brasil sobre poliamor. Poliamor? *Modelo de relacionamento afetivo estabelecido entre vários parceiros em que há consentimento e conhecimento de todos os envolvidos*. Havia ali tudo que eu poderia querer para uma análise: cultura, relacionamentos humanos e todos os problemas decorrentes deles.

Para os outros artigos, escolhi diferentes objetos de análise. Mas o poliamor sempre em minha cabeça, insistindo em aparecer em conversas com amigos, em filmes, séries e em postagens do *facebook*. Sentia-me cercada. Seria esse o meu tema para a dissertação?

Eu queria estudar algo polêmico e encontrei. O momento me parecia mais que apropriado: ao mesmo tempo em que o conservadorismo ganhava força na política brasileira, as minorias gritavam – alto. Esse embate me faz pensar. Pensar o poliamor. E pensá-lo é questionar os ideais cristãos cristalizados. Questionar também as práticas patriarcais de nossa sociedade, em que o sexismo - ainda - é latente. É perguntar o que é monogamia, o que é poligamia, o que é - o próprio - poliamor. É se perguntar o que significa *natural, construído, desconstruído*.

Estudaremos o poliamor em práticas discursivas. O discurso. Nosso objeto teórico, “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1969, p. 82). Vinculados à linha de pesquisa Discurso e Representação Social do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ, a nossa pesquisa acontece na memória do dizer, diante a opacidade da língua, sistema não-perfeito e sujeito a falhas.

Ao pesquisar pelo material de análise, deparei-me com postagens de blogs. São textos em que a subjetividade atinge um nível dificilmente encontrado nas mídias convencionais. Foi paixão à primeira vista. Vejo um blog como um espaço individual delimitado, em que cada pessoa pode se expressar sobre o que quiser e como quiser. No entanto, ao mesmo tempo em que é individual, é possível se relacionar com outros, outros *bloggers*. O individual é cercado pelo coletivo.

Confortáveis em seus espaços individuais, resguardados, os sujeitos se expressam. Longe do maquinário midiático (e de seus jogos de interesses, de preocupações com vendagem e de posicionamentos ideológicos engolidos a seco). O sujeito comum pode se posicionar. Do seu ponto de vista, ele escreve sobre o assunto que quiser. Nada me parece mais democrático.

Pensando nesse sujeito que se expressa sobre o poliamor, delimito três objetivos específicos para investigarmos as postagens. No primeiro, identificar, nos enunciados, as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos-autores. Para tal, baseamo-nos em Benveniste (1976; 1989) e Fiorin (1996). Para escrever sobre o poliamor, os sujeitos precisam recorrer a outros discursos. É como se dá o funcionamento do próprio discurso, “a condição do legível em relação ao

próprio legível” (PÊCHEUX, 2010, p. 52). Por isso, no segundo objetivo, é analisado o interdiscurso presente nos enunciados em questão. Para esse, os postulados teóricos de Pêcheux (2010) se fazem necessários. Por fim, investigar as postagens enquanto narrativas de vida.

Quanto à nossa metodologia, ela é composta por três etapas. Primeiramente, pesquisamos e selecionamos blogs e postagens. Fizemos um recorte em nosso objeto de análise, escolhendo duas postagens, cada uma de um blog diferente, nas quais o poliamor é tratado como tema. Depois, analisamos os traços subjetivos nos enunciados, os elementos linguísticos referentes à instauração de pessoa, tempo e espaço. Assim como os discursos constitutivos, o interdiscurso. Para essas análises, as postagens foram divididas em excertos e trechos em destaque. Finalmente, acreditando que as postagens, de maneira geral, representavam vivências, buscamos investigá-las como narrativas de vida. Para tal, baseamo-nos, principalmente em Arfuch (2010).

Optamos por estruturar o nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, apresentamos como contextualização Lins (2007) e Araújo (2007). A partir desses autores, tratamos da relação entre homens e mulheres, do sexo e do amor romântico. Depois, citamos as concepções sobre poliamor apresentadas por Pilão (2012). Assim como os escritos essenciais sobre cibercultura e blogs com Lévy (1999) e Amaral, Recuero e Montardo (2009). Nossas considerações a respeito dos blogs analisados, *Casal sem Vergonha* e *A gota D’água – Do antigo Amélia é a mãe*, também são apresentados. Por fim, têm-se os aspectos fundamentais da teoria da enunciação de Émile Benveniste, mais especificamente Benveniste (1976; 1989) e Fiorin (1996).

No segundo capítulo, localiza-se a nossa proposta de análise da postagem “*Ame e deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor*”. Para que a materialidade fosse mais facilmente explorada, o texto da postagem foi dividido em excertos que são analisados separadamente. Explorando o conceito de interdiscurso, analisamos os dizeres que constituem a postagem em questão. Identificando esses discursos, apresentamos os resultados da pesquisa realizada para nossa melhor compreensão deles. Na última parte do capítulo, detemo-nos na aproximação entre os traços encontrados na postagem e Arfuch (2010).

No terceiro e último capítulo, demonstramos a proposta de análise da segunda postagem, intitulada “*Poliamor não me contempla*”. Repetimos a maior parte dos nossos passos do segundo capítulo. A investigação também foi orientada pelo conceito de interdiscurso e de espaço biográfico.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

## 1. O QUE É ISSO DE “POLIAMOR”?

### 1.1 No início, a Deusa

Em 6500 a C., a agricultura foi estabelecida. Com o tempo, os homens, que se dedicavam à caça, perceberam que matando constantemente os animais, poderiam levá-los à extinção. Passaram, então, a domesticá-los, abandonando a caça, tornando a agricultura mais importante. A crença de que a fecundidade da mulher influenciava na fecundidade dos campos fez com que a figura feminina vivesse um grande prestígio. A mãe era personagem central na sociedade da época e a mulher, a deusa, poderosa.

Como exemplifica Lins (2007), na maior e mais antiga cidade conhecida, *Çatal Huyuk*, atual Turquia, foram encontrados artefatos decorativos com formas femininas, eram mulheres grávidas e figuras com pares de seios. A deusa da cidade, Pótnia, era representada com uma pantera de cada lado, suas mãos sobre as cabeças dos animais, demonstrando seu poder de mãe e de senhora da natureza.

A deusa da antiguidade era múltipla, mas universal. Foi venerada com o nome de Inanna, na Suméria; Ishtar, na Babilônia; Anat, em Canaã; Astarte, na Fenícia; Ísis, no Egito; Nukua, na China; Freya, na Escandinávia e Kunapipi, na Austrália. A deusa era sempre reverenciada como fonte de vida, como força que proporciona o existir das plantas, associada à fertilidade. (LINS, 2007) As súplicas e os sacrifícios que hoje são dirigidos a um deus masculino, eram para a deusa. Desde o fim do período Paleolítico até o início da Idade do Bronze, a deusa reinou por todo mundo de forma absoluta.

A deusa possuía diferentes nomes, assim como diferentes formas. Lins (2007) observa que as formas poderiam variar de animais a plantas. Como símbolo de fertilidade, a deusa era associada à serpente, remetendo à regeneração e metamorfose. Ela também poderia tomar a forma dos animais com que se acasalava, engendrando cada espécie. Quando em sua forma humana, a deusa possuía as características físicas da Vênus do período Paleolítico. Podem ser citadas três características sempre existentes em relação à deusa: nudez, obesidade e acentuada feminilidade. Tudo na vida nascia da deusa e, na morte, tudo retornava a ela para renascer. “Se a imagem religiosa era a de uma mulher dando à luz e não, como em nosso tempo, um homem morrendo na cruz, não deixaria de ter sentido deduzir que a vida e o amor à vida – em vez da morte e o medo da morte – dominavam a sociedade, assim como a arte”. (BADINTER, 1986, p. 49 *apud* LINS, 2007, p. 18)

Através da arte neolítica encontrada, pode-se afirmar que o propósito da vida era o cultivo da terra e o fornecimento de meios materiais e espirituais para uma existência satisfatória. A deusa não exigia obediência nem punia, o seu objetivo era dar. Como sugere a ausência de imagens de guerra ou dominação, existia uma ordem social em que homens e mulheres viviam em uma parceria igualitária, pensando no bem comum.

A mudança nesse cenário pacífico, que durou cerca de 15 mil anos, deu-se quando o homem abandonou a caça e passou a participar das atividades das mulheres. Inicialmente ajudando com a terra, desbravando-a, depois, com os

animais, incorporando-os à agricultura. Essa convivência com os animais possibilitou a descoberta da contribuição do macho para a procriação que, até então, era somente associada à mulher, dela traçava-se uma linhagem. Com a descoberta do papel do sêmen do macho, houve uma ruptura na história da humanidade, transformando as relações de homens e mulheres. (LINS, 2007)

A deusa, que antes reinava sozinha, passa a ter um companheiro. Com o tempo, os deuses passam a ter mais poder, aumentando, ao mesmo tempo em que se tornavam desequilibradas as relações entre homens e mulheres. O culto da fecundidade da Terra-Mãe é substituído pelo do herói-guerreiro.

## 1.2 Patriarcado

A descoberta da importância do sêmen tornou possível, para o homem, entender que para procriar são precisos os dois sexos, surgindo a noção de casal. No entanto, para que o homem tivesse certeza de sua paternidade, podendo deixar sua herança para o filho, a mulher só poderia fazer sexo com ele. Inicia-se, dessa forma, o controle da fecundidade da mulher. A sua liberdade sexual, que era característica de outras épocas, é modificada. Várias são as restrições que passam a existir. “Com o homem é diferente. Da mesma forma que o carneiro emprenha 50 ovelhas, ele também pode ter um harém, se desejar.” (LINS, 2007, p. 23) Para que a fidelidade da mulher seja garantida e, conseqüentemente, a paternidade dos filhos, o homem passa a ter a mulher como propriedade. Puni-la ou até mesmo matá-la era considerado como exercício de seu direito.

O patriarcado é caracterizado como uma organização social baseada no poder do pai. Nela, ao contrário das sociedades antigas, a descendência e o parentesco são traçados a partir da linha masculina. Transformadas as relações, as mulheres passam a ser consideradas inferiores aos homens e, por isso, subordinadas a eles. (LINS, 2007)

Superior/inferior, dominador/dominado. A ideologia patriarcal dividiu a humanidade em duas metades, acarretando desastrosas conseqüências. É evidente que a maneira como as relações entre homens e mulheres se estruturaram – dominação ou parceria – tem implicações decisivas para nossas vidas pessoais, para nossos papéis cotidianos e nossas opções de vida. Da mesma forma, influencia todas as nossas instituições, os valores e a direção de nossa evolução cultural, se ela será pacífica ou belicosa. (LINS, 2007, p. 30)

O controle da fecundidade da mulher e a divisão sexual das tarefas foram os dois pilares básicos da dominação patriarcal. Lins (2007) afirma que as leis e costumes das antigas civilizações do Oriente Próximo absorveram a ideia do homem como superior à mulher em todos os sentidos. A mulher era vista como propriedade do pai, depois, quando se casava, do marido, para ser, em seguida, do filho.

O conceito de patriarcado, apesar de muito utilizado pelos estudos feministas, tem sido questionado. Para algumas estudiosas como Mary G. Castro e Lena Lavinias, ele não é mais apropriado. O termo “relações de gênero” é, dessa forma, mais pertinente. Para elas, de acordo com Morgante e Nader (2014), o conceito é geralmente usado nas obras de forma adjetiva, não em referência ao patriarcado em sua possibilidade substantiva, “como um sistema, uma

organização ou sociedade patriarcal”. (MORGANTE; NADER, 2014, p. 01) A forma adjetiva remete ao conceito de patriarcalismo de Weber: “a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por só uma pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”. (WEBER, 1964, p. 184) De acordo com Morgante e Nader (2014, p. 01), em Weber, o conceito é relacionado a um período anterior ao Estado. Dessa forma, ele não seria exato para a discussão nas sociedades capitalistas.

No entanto, ao citar Castro e Lavinias (1992), afirmam que as feministas utilizam o conceito de forma heterogênea e sem muito rigor conceitual. Há concordância somente quanto ao fato do conceito se referir ao poder e dominação dos homens sobre as mulheres. Devido a essa abrangente possibilidade de utilização, o conceito de patriarcado, no seu sentido substantivo, é muito importante para a análise de diversas situações de dominação e exploração das mulheres. (MORGANTE; NADER, 2014)

Machado (2000) afirma que patriarcado possui um sentido fixo, que se relaciona à presença e exercício da dominação masculina. Já gênero, por sua vez, refere-se a não fixidez nas relações entre homens e mulheres, traz a ideia de que são construídas e, por isso, transformáveis as relações sócio-simbólicas.

A autora não considera inapropriado o uso de “patriarcado contemporâneo”. Para ela (MACHADO, 2000, p.3), “As relações patriarcais, devidamente definidas em suas novas formas e na sua diversidade, encontram-se presentes na contemporaneidade”. No entanto, é importante esclarecer que seu uso faz referência a um sentido totalizador, seja na sua utilização adjetiva ou substantiva e leva, assim, ao empobrecimento dos sentidos contraditórios das transformações.

Entendo que as transformações sociais contemporâneas dos lugares das mulheres e dos homens e dos sentidos das diferenças de gênero, fogem ao aprisionamento do termo “patriarcado”. A utilização do conceito de relações de gênero não define, *a priori*, os sentidos das mudanças, e permite construir metodologicamente uma rede de sentidos, quer divergentes, convergentes ou contraditórios. (MACHADO, 2000, p.3)

O conceito de gênero, para Machado (2000, p. 4), não veio para substituir o de patriarcado, mas sim os conceitos como o de “condições sociais da diferença sexual”, o de “relações sociais de sexo” e o de “relações entre homens e mulheres”. Essas expressões apresentavam-se presas em narrativas da naturalização e biologização das relações entre homens e mulheres, o que tornava difícil o avanço das análises que buscavam desconstruir a situação de naturalização das diferenças sexuais.

### **1.3 Sexualidade feminina no Brasil Colônia**

Dentro dos padrões misóginos, o despertar da sexualidade da mulher branca era acompanhado por um comportamento esperado, seguia um modelo.

Corre a missa. De repente, uma troca de olhares, um rápido desvio do rosto, o coração aflito, a respiração arfante, o

desejo abrasa o corpo. Que fazer? Acompanhada dos pais, cercada de irmãos e criadas, nada podia fazer, exceto esperar. Esperar que o belo rapaz fosse bem-intencionado, que tomasse a iniciativa da corte e se comportasse de acordo com as regras da moral e dos bons costumes, sob o indispensável consentimento paterno e aos olhos atentos de uma tia ou de uma criada de confiança (de seu pai, naturalmente). (ARAÚJO, 2007, p. 45)

A Igreja exercia forte pressão para abafar e adestrar a sexualidade feminina. Pois, a mocinha branca, ao se livrar das amarras, poderia desequilibrar as práticas sociais e até as próprias instituições, civil e eclesiástica. Para justificar a repressão, o fundamento defendido era: o homem é superior, cabendo a ele, portanto, a autoridade. A mulher, condenada a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira mulher, que levou o homem ao pecado e impossibilitou à humanidade desfrutar da inocência paradisíaca. Ao partilhar da essência de Eva, a mulher tinha que ser permanentemente controlada. (ARAÚJO, 2007).

O erro de Eva era sempre lembrado, não se perdia a oportunidade de falar sobre o mito do Éden. Não havia incoerência em afirmar que o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificadas na serpente, propagava algo, como um estigma atávico, na natureza do feminino que predeterminava fatalmente à transgressão. Tal característica, quando extrema, revelava-se na prática de feitiçarias, seus poderes e saberes conferidos por Satanás.

O adestramento da sexualidade feminina supunha o desvio dos sentidos pelo respeito ao pai, depois ao marido. A própria educação feminina era dirigida exclusivamente para os afazeres domésticos. “Francisco Manuel de Melo, contemporâneo de Gregório de Matos, afirma em sua Carta de guia dos casados, de 1651, que às mulheres bastava as primeiras letras, visto que seu “melhor livro é a almofada e o bastidor”. (BOXER<sup>1</sup>, 1977 APUD ARAÚJO, 2007, p. 50).

Além dos afazeres domésticos, a educação possibilitava o aprendizado da prática de sedução, mais especificamente de prender a seus maridos e filhos por encanto. Em casa mesmo, entre brincadeiras e confidências com criadas, amigas e escravas, aprendia-se a “arte de prender”.

As mães se preocupavam com o despertar da sexualidade das filhas, como afirma Araújo, citando o viajante Coreal.(ARAÚJO, 2007). Para ele, uma prática comum era as mães questionarem as filhas sobre o que sentiam na idade de 12 ou 13 anos e impeliavam-nas a fazer o que enfraquecesse os pecados da carne. Isso porque, ao se considerar que meninas com 12 anos de idade já podiam contrair matrimônio (e até mais cedo se tivessem discrição e disposição bastante que completassem a falta de idade), a preocupação parecia se justificar. Era compreensível também, de acordo com Araújo, a inquietação se uma menina de 15 anos ainda não estivesse casada. Desde muito novas, as mulheres tinham seus desejos e sentimentos devidamente abafados e educados.

Os casamentos poderiam ser com homens bem mais velhos, de trinta a setenta anos. O senhor da mulher não era mais seu pai, mas o marido. No entanto, mesmo depois de casada, ainda se sofria interferência da Igreja, agora destinada, mais especialmente, ao casal.

Os relacionamentos sexual e social podem ser considerados fossilizados nos padrões do costume hebreu antigo. A Igreja cristã, solidificada a partir de aspectos culturais hebraicos, acrescentou aos seus preconceitos aqueles do Oriente

---

<sup>1</sup> BOXER, Charles R. **A mulher na expansão ultramarina ibérica**. 2. Ed. rev. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

Próximo. O sexo foi transformado em pecado e a homossexualidade, em um risco para o Estado. Os prazeres do corpo eram vistos como abomináveis pela Igreja. Superiores seriam as pessoas que se abstivessem e optassem pela vida de celibato. (LINS, 2007).

No próprio casamento, ter relações sexuais não era visto com bons olhos. Diversas foram as formas de controle impostas pela Igreja para o sexo. Desde os dias em que se pudesse fazê-lo, de acordo com Lins (2007, p. 228), na quaresma, por exemplo, era proibido, constituindo 40 dias de penitência para quem desobedecesse, até a maneira como deveria ser feito: a posição em que a mulher ficava por baixo, deitada de costas, o homem por cima e a penetração vaginal era considerada correta e universal para o ato sexual humano. (LINS, 2007).

A igreja admitia, explicitamente, a existência de relações extra-conjugais. Assim, demonstrava sua preocupação em não somente controlar os relacionamentos e práticas sexuais, mas também validá-los (com a amante pode se agir de modo mais caloroso, mas com a esposa, ao contrário, deve-se agir com controle).

Os homens do reino lusitano desconfiavam que suas mulheres não se resignavam em manifestar sua sexualidade somente no leito conjugal. Apesar do paradoxo, os homens tinham as práticas sexuais mais livres, o que era admitido pela Igreja e Estado. Araújo cita um relatório holandês de 1638 em que se diz: “os homens são muito ciosos de suas mulheres e as trazem sempre fechadas, reconhecendo assim que os de sua nação são inclinados a corromper as mulheres alheias”. Ora, se “corrompam” as mulheres dos outros, como não desconfiar da própria mulher? Era um eterno sobressalto.” (CALADO<sup>2</sup>, 1985 APUD ARAÚJO, 2007, p. 58).

O adultério assustava os homens, preocupados com o estigma de “homem que não satisfaz sua mulher sexualmente”. O assunto era considerado tabu. Era um risco para a mulher cometer adultério no período colonial. A própria vida era arriscada. A lei permitia a quem achasse sua mulher em adultério matá-la (assim como o adúltero). O autor cita o exemplo de uma mulher casada que, na São Vicente de 1565, teve relação fora do casamento durante anos até serem pegos pelo marido da mulher, que lhe deu “vinte ou mais feridas”. (ARAÚJO, 2007, p. 58-59).

Muitas aventuras femininas não acabavam mal. O marido traído, muitas vezes, “esquecia” a mulher num recolhimento, separava-se ou pedia pelo divórcio. Em outros casos, uma boa surra bastava. Até os padres, aproveitando-se dos confessionários, tentavam seduzir algumas moças.

Diversas foram as formas utilizadas para controlar a sexualidade feminina. As mulheres respondiam através da submissão aos padrões impostos, ou com o exercício da sedução e da transgressão. Viver um relacionamento amoroso com outra mulher era uma dessas maneiras de transgressão. Condenado com muita severidade na legislação civil, o homossexualismo (ou sodomia, como era chamado na época) tinha previsto como punição a fogueira, sendo queimada até virar pó, para que não possa haver memória dessa pessoa. Além disso, os bens eram confiscados pela coroa.

No entanto, muitas mulheres pareciam não temer as punições. Araújo (2007) cita que historiadores, contando com o fundo documental da primeira visita do Santo Ofício da Inquisição no Brasil, referindo-se à primeira metade da

---

<sup>2</sup> FREI MANUEL CALADO. *O valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. Recife: FUNDARPE, 1985a..



década de 1590, afirmam que 29 são assinaladas por praticarem atos homossexuais esporádicos, ou assumir a transgressão, sem escondê-la, de modo permanente.

Devido aos casamentos, que aconteciam cedo, a sexualidade também era despertada cedo. Em outros casos, enquanto o casamento não acontecia, elas praticavam como podiam. “Assim, cerca da metade das mulheres acusadas de homossexualismo à Inquisição no Brasil, na década de 1590, confessaram ter cometido tal pecado muito jovens, entre os 7 e os 15 anos de idade.” (ARAÚJO, 2007, p. 66).

Muitas mulheres, embora casadas, continuavam a ter relações com outras parceiras variadas. Para Araújo, elas não chegavam a formar um grupo à parte, pois, antes do século XIX, o constante confinamento das mulheres à esfera pública impossibilitava essa percepção porque prevenia a formação de subculturas homossexuais, como as que foram criadas entre os homens. Entretanto, elas eram ativas e algumas se conheciam e se reconheciam como desviantes. (ARAÚJO, 2007).

#### **1.4 O amor romântico**

A forma como concebemos o amor e os relacionamentos românticos parece-nos como algo inquestionável. Os relacionamentos entre pessoas que se amam parecem seguir, desde sempre, uma mesma estrutura: namoros ou casamentos – monogâmicos entre homem e mulher. Essa estrutura pode ser, e muitas vezes é, acompanhada de relacionamentos outros, não oficiais, que quebram o ideal de exclusividade da monogamia. A traição pode gerar diversos tipos de conflitos físicos ou psicológicos entre um casal. Além disso, compartilha-se socialmente que, se houve traição, não há amor.

O ideal de amor romântico surgiu na literatura por volta de 1185 quando a primeira versão conhecida de Tristão e Isolda<sup>3</sup> foi escrita. Essa foi considerada a primeira história a tratar sobre o amor romântico, tida como a maior história de amor do mundo, responsável por toda nossa literatura romântica, dando origem desde a história de Romeu e Julieta até produções que vemos nos cinemas e na televisão nos dias de hoje. (LINS, 2007).

Para Lins (2007), quase todas as pessoas em nossa cultura estão aprisionadas pelo mito do amor romântico, acreditando que somente é possível ter felicidade completa se existir um grande amor. São apaixonadas pela paixão. Tal característica, ainda, é muito forte nas mulheres, afirma a autora, que mesmo tendo diversos tipos de interesse na vida e parecendo feliz, quando sozinhas, perguntam-se se essa felicidade é real.

O amor romântico é construído a partir de projeções e de idealizações sobre imagem, não sobre a realidade. A

---

<sup>3</sup> Muitas são as versões da história de Tristão e Isolda. Apresento, nesta pesquisa, uma das versões mais recorrentes. Havia um jovem, chamado Tristão, filho do rei Rivalino e Brancaflor. Órfão, Tristão foi servir ao Rei Marcos, seu tio. Tempos passaram e Tristão encontrou uma mulher, Isolda, para que seu tio pudesse se casar. Ganhou-a em uma luta e levou-a para Cornualha. Uma poção mágica, que deveria ter sido tomada por Isolda e seu futuro marido, foi tomada, por engano, por Tristão. Os dois se apaixonaram. Como Isolda era esposa do rei, eles se encontravam às escondidas. Mesmo correndo perigo de serem pegos nas emboscadas feitas pelos homens da corte, amaram-se até a morte. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/078/78damasio.htm>. Acesso em abril de 2015.

pessoa que se acredita amar não é vista de forma nítida, mas por uma “névoa” que distorce o real. (LINS, 2007). Em meio a essa névoa do amor romântico, é preciso de estratégias para se continuar lá. Uma das formas é evitando intimidades reais, não expressando os pensamentos, sentimentos mais íntimos e mantendo certo afastamento físico.

As pessoas sempre souberam disso. Até bem pouco tempo, o argumento que as mães usavam para controlar o namoro de suas filhas era o de que qualquer intimidade física antes do casamento faria o rapaz perder o interesse pela moça. Parece que não havia preocupação quanto ao depois. Aí já estariam casados e tudo tinha de ser suportado. Ainda hoje encontramos defensores da falta de intimidade física para adiar o desencanto. (LINS, 2007, p. 76).

Lins cita a obra de Johnson (1987), *We – A chave da psicologia do amor romântico*, em que o autor faz uma análise de como esse sentimento, que é muito valorizado pelos ocidentais, afeta a vida das pessoas. Para ele, de acordo com Lins, o amor romântico não resiste à intimidade devido ao fato de que a relação que ali acontece não é com a pessoa real. A pessoa apaixonada centraliza seu ser na ilusão do relacionamento, do romance, acreditando que vai encontrar a si mesma e a vida em sua plenitude.

Os relacionamentos monogâmicos, vividos pela maioria das pessoas em nossa sociedade, compartilham dos ideais e fantasias do amor romântico. Um casal, quando compartilha dos ideais românticos, pode ser visto como duas metades, cujos objetivos de vida é encontrar quem os complete, pelo amor, para que possam alcançar a verdadeira felicidade. (LINS, 2007).

Porém, diante do contexto atual, em que as mulheres defendem maior igualdade e independência e o mundo parece ser, cada vez mais, individualista, novas formas de relacionamentos amorosos surgem. Para Lins (2007), para que se desenvolva o entendimento, ao se buscar a igualdade, é urgente perceber o que a outra pessoa deseja e o que ela é. Essa nova forma de amar tem como ingredientes principais a solidariedade e o companheirismo.

Ao citar Flávio Gikovate, ela afirma que estamos diante do único modo de amar que pode sobreviver às tendências individualistas da nossa época. São relações que buscarão respeitar a individualidade dos envolvidos. “A aproximação será entre pessoas inteiras e não fusão de metades. É um outro tipo de amor. É o fim do amor romântico.” (LINS, 2007, p. 331). A autora apresenta o poliamor como um desses novos tipos de relacionamento.

## 1.5 Poliamor<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Quando iniciei minha pesquisa, ouvi de algumas pessoas que o poliamor era o retorno às práticas vividas pelos índios quando os portugueses aqui chegaram. Curiosa, pesquisei, li diferentes textos. No entanto, não pude encontrar respaldo para essa afirmação. Encontrei, na verdade, de acordo com Raminielli (2007), tratando sobre os tupinambás, que a maioria dos índios tinha somente uma mulher. A poligamia existia, mas era praticada por um número restrito de homens: somente os considerados grandes guerreiros e caciques. Eles poderiam viver, sem causar estranhamento, com até quatorze mulheres e cada esposa possuía seu espaço exclusivo na cabana. A prática da poligamia era sinônimo de prestígio entre os bravos guerreiros. A sua virtude era homenageada ao enumerar as esposas: quanto maior o número de mulheres, mais valente era considerado o guerreiro. (RAMINIELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2007).

Em sua dissertação de mestrado, Antônio Cerdeira Pilão deteve-se às representações de poliamoristas brasileiros sobre amor e sexualidade. Como apresenta em seu texto, o nome poliamor foi dado ao modelo de relacionamento em que é possível relacionar-se amorosamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo com a concordância de todos envolvidos. O autor afirma que essa escolha é fundamentada na afirmação de que o poliamor é mais honesto, livre e igualitário que a monogamia. (PILÃO, 2012).

Ao citar Cardoso (2010), Pilão afirma que, em 1990, o termo “poliamor”<sup>5</sup> foi utilizado em um evento público, em Berkeley (Califórnia), composto por neopagãos pertencentes à “Igreja de todos os mundos”, que pretendiam criar um glossário de terminologia relacional. Essa foi considerada a primeira vertente poliamorista, tendo bases espiritualistas e pagãs.

No entanto, não houve uma grande circulação do termo, o que acabou favorecendo um segundo surgimento, com um viés mais cosmopolita e menos transcendentalista, que pretendia ajudar a solucionar problemas práticos de relacionamentos. Em maio de 1992, Jennifer Wesp utilizou o termo como sinônimo da não monogamia em um grupo de discussões pela internet, criando, em seguida, o primeiro grupo de e-mails que tinha como objetivo discutir o “poliamor”, o *alt.polyamory*. (PILÃO, 2012).

No contexto brasileiro,

A distinção entre vertente “esotérica” e “autoajuda” não parece ser significativa, sendo muito pequena a circulação de livros estrangeiros e as menções sobre o Poliamor fora do país. As maiores influências observadas são o “amor livre” (em especial os livros de Roberto Freire), o feminismo e os movimentos LGBT. (PILÃO, 2012, p. 23).

Ao expor considerações a respeito do poliamor apresentadas por pessoas que vivem esse modelo de relacionamento, Pilão cita que, para uma praticante entrevistada por ele, o poliamor é uma recusa a monogamia como princípio e necessidade, possibilitando muitos amores, de forma profunda e duradoura, simultaneamente. Já para outra praticante, é a consciência de que se pode amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. (PILÃO, 2012).

Dedicando-se às possibilidades de relações poliamorosas, Pilão cita o “casamento em grupo” ou “relação em grupo”. Essa possibilidade se realiza quando há relações amorosas entre todos os membros de um grupo. Já a “rede de relacionamentos interconectados”, por sua vez, acontece quando cada membro de um relacionamento poliamorista possui relacionamentos diferentes. Existem, ainda, as “relações mono/poli”. Nesses, um dos parceiros é monogâmico, já o outro é poliamorista. Esses três modelos podem ser classificados ainda em fechado e aberto. Pratica-se a polifidelidade, no primeiro caso, enquanto que, no segundo, têm-se possibilidades de novos amores. (PILÃO, 2012, p. 24).

Como os poliamoristas (pesquisados pelo autor) já foram monogâmicos, eles dizem possuir uma característica chamada de “eu residual monogâmico”. Esse “eu”, que deve ser permanentemente combatido, é associado ao ciúmes.

---

<sup>3</sup> O autor apresenta que o termo “é uma combinação do grego [poli (vários ou muitos)] e do latim (amor)”. (PILÃO, 2012, p. 23). Ele opta, em sua dissertação, pelo uso do substantivo com letra maiúscula (Poliamor). No entanto, nesta dissertação, não compartilhamos desse uso. Dessa forma, quando *nos* referirmos à prática, utilizaremos “poliamor”.

“O Poliamor representa nesse sentido mais um ideal do que uma identidade, ou ainda, uma identidade a ser alcançada, estando cada sujeito em um estágio desse processo evolutivo.” (PILÃO, 2012, p. 41).

As dificuldades de viver o poliamor são reconhecidas. Apesar disso, como afirma o antropólogo, existe um discurso que representa o poliamor como a luz, enquanto a monogamia seria a sombra. As dificuldades servem para impulsionar a evolução pessoal, o autoconhecimento e a libertação. (PILÃO, 2012).

De acordo com Pilão, a única regra implícita é o conhecimento de todos os envolvidos. Não há padronização dos relacionamentos. São utilizadas diversas terminologias: amizade colorida, relacionamento aberto, namoro etc. A autonomia é valorizada. Todos podem construir seus relacionamentos da forma desejada. (PILÃO, 2012).

Tratando da identidade poliamorista, o autor cita uma crença deles relacionada a categorias e identidades, vistas como prisões e ficções perigosas, respectivamente. (PILÃO, 2012). Ele afirma a existência de um paradoxo: o desejo por ser, ao mesmo tempo, autênticos e originais, mas a necessidade de se afirmarem como um grupo. Citando Haritaworn e outros (2006), Pilão observa que as vertentes poliamoristas exotérica e de autoajuda não possuem um discurso político. Elas, ao contrário, enfatizam a capacidade de mudança individual.

Já, ao citar Barker e Langdridge (2010), expõe a existência de um discurso político no meio poli. Esse discurso estabelece a monogamia em um regime patriarcal e capitalista. São apresentados argumentos feministas, marxistas, anarquistas, pós-estruturalistas e *queer* para apoiar a escolha pelo Poliamor. Os pesquisados por Pilão fazem críticas à sociedade, ao machismo e ao capitalismo, ao mesmo tempo em que se enfatiza o autoconhecimento e o aprimoramento pessoal. (PILÃO, 2012).

A monogamia, como demonstra Pilão, é a oposição básica ao poliamor. No entanto, o *swing*, o relacionamento aberto, a poligamia e o amor livre também podem ser tomados como oposições. Em relação, primeiramente, ao *swing*, o autor afirma que os entrevistados se sentem ofendidos com essa comparação, assim como com qualquer outro tipo de “libertinagem sexual”. (PILÃO, 2012).

Eles defendem elos emocionais estáveis e consideram o *swing* uma troca sexual sem envolvimento afetivo. Os vínculos de amizade, segundo João (um dos entrevistados – explicação minha) são raros e desnecessários no *swing*, tendo em vista que o objetivo é a “pura satisfação carnal momentânea”. Ainda segundo o moderador da comunidade, os *swingers* restringem o amor à relação do casal: “Amor, a gente faz em casa (diriam)”. O ato sexual, para João, pode ser um ato de amor, se os envolvidos assim o experimentarem, só que, para ele, isso não ocorre no *swing*. (PILÃO, 2012, p. 66-67).

Antônio Pilão cita o blog *Poliamores* (que estuda em sua dissertação). De acordo com as informações apresentadas lá, o *swing* é uma forma encontrada pelo casal para fugir da monotonia de sua relação. Parceiros são acrescentados em suas experiências sexuais. Apesar do empenho para diferenciar poliamor de *swing*, de acordo com uma entrevistada, há poliamoristas que vivem essa prática. Eles são chamados de “poliswingers”. (PILÃO, 2012).

É de igual importância a distinção entre poliamor e relação aberta. Como escreve o antropólogo (2012), para uma entrevistada, no relacionamento aberto, a liberdade que se adquire é sexual, o afetivo continua relacionado somente

ao parceiro. A entrevistada ainda apresenta regras que orientam esse tipo de relacionamento: “não ficar com as mesmas pessoas”, “não escolher pessoas do próprio círculo social” e “obter aprovação do parceiro e relatar suas saídas”. (PILÃO, 2012, p. 67).

O autor apresenta que um dos maiores desafios para os poliamoristas é diferenciar-se da poligamia.

O termo poligamia é muitas vezes usado como sinônimo, inclusive entre poliamoristas, sendo ainda mais recorrente a identidade poliamorista ser precedida pela “poligâmica”, ou seja, antes de se ter conhecimento do Poliamor as pessoas se definem como “polígamas” passando, então, a “poliamoristas”. É inevitável pensar também que um número razoável de pessoas se definem, hoje, como polígamas sem jamais terem ouvido falar no termo Poliamor – apesar de para os poliamoristas algumas destas também praticarem Poliamor. (PILÃO, 2012, p. 68).

As distinções relacionam-se, principalmente, ao fato de que em cada relação existe somente um polígamo. Define-se enquanto poliginia quando um homem se relaciona com diversas mulheres e poliandria quando uma mulher se relaciona com mais de um homem. Um poliamor é configurado pela possibilidade de que ambas as partes, tanto homens quanto mulheres, possam se relacionar com múltiplos parceiros. Pressupõe-se uma simetria entre os gêneros, não hierarquias como a poligamia. (PILÃO, 2012).

O amor livre, por sua vez, é tido como libertação das regras que dominam o amor romântico. De influência anarquista, esse movimento critica o papel que instituições como o Estado e a Igreja exercem na constituição do casal. Defende o relacionamento sem a utilização de rótulos e refuta a necessidade de formalização das relações. Os poliamoristas adeptos ao amor livre são contra o casamento ou qualquer lei/convenção para os relacionamentos amorosos. (PILÃO, 2012). O autor afirma que:

É recorrente encontrar usos do termo “amor livre” como sinônimo de Poliamor, tal como acontece com a poligamia. O “amor livre” é um conceito mais difuso, sendo concebido como diferentes críticas à moral amorosa burguesa – com enfoques que variam desde a repressão sexual, a dominação masculina, a instituição do casamento, a homoafetividade, até mesmo a monogamia, apesar de não necessariamente. Os poliamoristas, apesar de compartilharem dessas mesmas críticas, têm como elemento norteador a possibilidade de amar várias pessoas ao mesmo tempo. O conceito de “amor livre” ficou mais conhecido por meio dos movimentos de “contra cultura” das décadas de 1960 e 1970, enquanto o Poliamor ainda é bastante desconhecido, talvez em função do termo ter sido criado apenas na década de 1990. (PILÃO, 2012, p. 69).

Alguns pesquisadores, ao enfatizarem a percepção hierárquica das identidades, afirmam que os modelos de relacionamento amoroso da monogamia, do *swing*, do relacionamento aberto e do poliamor podem ser vistos a partir de uma escala evolutiva. A monogamia está, dessa forma, no estágio menos desenvolvido, pelo envolvimento de ciúme, competição, controle, posse e mentira. O poliamor, por sua vez, apresenta-se no ponto máximo da escala, pois se aproxima da liberdade, igualdade, cooperação, compersão<sup>6</sup> e honestidade. Funda-se, então, um binarismo identitário, de acordo com os autores, em que a monogamia é o “outro absoluto” do poliamor e o relacionamento aberto e o *swing*, o “entre lugar”. (PILÃO; GOLDENBERG, 2012, p. 65).

<sup>6</sup> Compersão, tradução do neologismo em inglês *compersion*, é “um novo sentimento”, oposto ao ciúme, é a superação do sentimento de posse e surge a partir da aceitação de que o parceiro é livre para amar outras pessoas. (PILÃO, 2012, p. 88).

Para o pesquisador, quatro valores podem ser apontados como a base ideológica do poliamor: honestidade, liberdade, igualdade e amor. O primeiro valor é separado em dois grupos, no primeiro tem-se a honestidade destinada ao parceiro, já no segundo, há a relação do sujeito com os seus próprios desejos. (PILÃO, 2012).

Klesse (2006, 2011), Barker (2005) e Cardoso (2010) afirmam que a “honestidade” entre os parceiros é o principal valor poliamorista. Nas fontes de pesquisa analisadas, a “honestidade” e o “consentimento” são apresentados como fundamentais para caracterizar uma relação poliamorista e, conseqüentemente, se diferenciar da monogamia e da infidelidade. Entretanto, como veremos adiante, há uma ênfase ainda maior em ser honesto a “si próprio”, o que pode gerar impasses com o outro. (PILÃO, 2012, p.87).

O pesquisador afirma que, para que se realize a honestidade tão valorizada entre os poliamoristas, é necessário que o ideal romântico entre dois sujeitos seja desfeito. Pressupõe-se que não se seja o único a receber amor do parceiro. Isso possibilita uma nova forma de lidar com a liberdade do amado, a valorização da flexibilidade e da “compersão” sobre o ciúmes e controle.

Entre os poliamoristas, há divergências como, por exemplo, o fato da possibilidade de relacionamentos casuais e da defesa ou não da polifidelidade. O último, mais recorrente entre autores norte-americanos e europeus, relaciona-se a honestidade ao parceiro (regulam-se as autonomias, há negociação e consenso nos vínculos amorosos). Em relação aos poliamoristas brasileiros, por outro lado, há predominância do valor de honestidade a si mesmo. Defendem a permanente abertura de possibilidades amorosas, a independência dos parceiros e a originalidade na construção de si.

Pilão apresenta a crença, encontrada nas comunidades poli por ele pesquisadas, de que todos traem e, se não, sentem vontade de fazê-lo. A fidelidade ao parceiro, dessa forma, causaria infidelidade aos próprios desejos. O poliamor seria uma maneira de colocar em primeiro plano o próprio desejo.

Tratando de outros valores ideológicos do poliamor, o autor observa que, entre os seus pesquisados, poliamor pressupõe igualdade, pois possibilita que os membros de um relacionamento tenham outros amores. Só há amor em igualdade, afirmam alguns poliamoristas. Outros, no entanto, que só há amor com liberdade.

Para desenvolver esses valores, ele relaciona conjugalidade e individualidade. Os poliamoristas, de acordo com Pilão, procuram desfazer a contradição existente entre conjugalidade e individualidade. Afirmam a possibilidade de amar sendo eles mesmos e recusam a ideia de que os parceiros se “fundam” em um só. Isso, no entanto, não demonstra que haja a negociação do vínculo amoroso. Para eles, é de grande importância desfazer a ideia de que relacionamentos são prisões.

Um relacionamento traz consigo acordos, concessões e regras. Tais apêndices são, para os pesquisados por Pilão, dolorosos. Por isso,

Em um extremo, há poliamoristas que defendem uma “liberdade plena” e vêem qualquer restrição aos desejos como “sacrifício”. Em outro, há relacionamentos que envolvem polifidelidade, “ciúme” e “controle”. Entre estes pólos está a maior parte dos pesquisados, que defendem uma “liberdade responsável”, onde todos os envolvidos dialogariam em busca de uma posição consensual. (PILÃO, 2012, p. 100).

Para muitos, a polifidelidade e a hierarquização dos relacionamentos são vistos como resquícios monogâmicos, pois são contrários aos valores de igualdade e liberdade. O autor destaca os motivos da conciliação entres esses valores: trata-se não de uma exigência, mas uma possibilidade de igualdade. Compreendem as diferenças como não verticalizadas. Pilão observa que, assim como as diferenças entre os parceiros, as parcerias são afirmadas e as hierarquias são negadas. O reconhecimento das diferenças acompanha a igualdade. Vivem-se inúmeros amores porque eles são diferentes. Do contrário, não haveria razão. (PILÃO, 2012). Entre os seus pesquisados por Pilão, há a prevalência da liberdade sobre a igualdade. É melhor aprender a lidar com a singularidade (“compersão”) do que fazer concessões para se moldar ao parceiro. (PILÃO, 2012).

Por fim, Pilão discute o último dos valores ideológicos do poliamor: o amor. Ele considera o amor a base na qual os outros três valores incidem. Uma relação só pode ser considerada poliamorosa se essa possuir profundidade emocional. Apesar de sua importância, não há consenso em relação à definição do conceito. (PILÃO, 2012).

Citando Klesse (2006), Barker (2005) e Rothblum (1999), o autor afirma que não há fronteiras claras entre amizade e conjugalidade nas práticas e dizeres poliamoristas. A diferença entre as relações poliamoristas e outros tipos de relações é a aproximação entre amor e amizade. (PILÃO, 2012). O vínculo amoroso, no poliamor, ocupa maior destaque que o sexo “sem significado”. Isso se dá pela busca dos poliamoristas para dissociar o poliamor de práticas sexuais.

A fuga da acusação de promiscuidade retoma a discussão sobre as formas legitimadas de experiência sexual. São, em geral, os polifíeis os que mais utilizam a noção de promiscuidade. Eles procuram limitar as experiências amorosas de forma a dividi-las em duas grandes categorias. A primeira, à pertencia o sexo sem amor: do banal, profano, cotidiano, formal e público. E a segunda, do sexo com amor, que compreende: o especial, o sagrado, o superior, o privado e o íntimo. (PILÃO, 2012, p. 108).

A desvalorização do sexo acontece devido à objetivação do parceiro, não o número de parceiros sexuais. Criticam o machismo, a mulher enquanto objeto de uso masculino e a despersonalização da prática sexual. (PILÃO, 2012).

Pilão, citando Klesse (2011), apresenta as características do amor poliamorista: “não é exclusivo e limitado; é baseado em liberdade; honestidade; comprometimento; dedicação; trabalho; cuidado com o outro e altruísmo”. Para os poliamoristas pesquisados na dissertação do autor, as duas primeiras características são fundamentais. As outras são menos representativas já que contrariam às de autonomia, liberdade e espontaneidade. O “eu mesmo” é apontado como o centro norteador do amor poliamorista. Busca-se a legitimação da própria liberdade de amar. (PILÃO, 2012).

## 1.6 Blogs

Dentre os vários estudos sobre blogs, escolhemos Amaral, Recuero e Montardo (2009) para nos orientar, pois

buscam definir o objeto blog a partir dos mais diversos pontos de vista e fundamentações teóricas. De acordo com elas, citando Blood (2000), o termo “weblog” foi usado, primeiramente, por *Jorn Barger*, em 1997, para se referir a um conjunto de sites que divulgavam e armazenavam *links* interessantes na web. “Daí o termo “web” + “log” (arquivo web), que foi usado por Jorn para descrever a atividade de “logging the web”.” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 28). Naquela época, os *weblogs* eram pouco diferenciados de um site comum na web.

O surgimento de ferramentas de publicação foi o fator responsável do avanço dos weblogs. Em 1999, foi lançada pela Pitas a primeira ferramenta de manutenção de sites pela web. No mesmo ano, o *Blogger* foi lançado pela Pyra. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009). Esses programas facilitaram a publicação e manutenção dos sites, que não mais exigiam o conhecimento da linguagem HTML. Além disso, o espaço para comentários nos blogs foi essencial para difusão do formato.

O uso dos blogs como diários pessoais foi uma das primeiras apropriações que se deu após a popularização. Eram espaços de expressão pessoal, em que se publicavam relatos, experiências, assim como pensamentos do autor. “Ainda hoje, o uso do blog como um diário pessoal é apontado por muitos autores como o mais popular uso da ferramenta”. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 29).

No entanto, no presente, não podemos considerar o uso dos blogs somente como diários pessoais. Isso seria simplificador e restritivo ao se levar em consideração a diversidade de usos: blogs utilizados em sala de aula para compartilhar as atividades realizadas pelos alunos, blogs literários, blogs jornalísticos, blogs de moda etc. É preciso reconhecer, apesar disso, que a expressão pessoal é uma das características mais significativas do formato, manifestando-se de diferentes formas.

Para Efimova e Hendrick (2005), os weblogs são vistos como ferramentas de publicação online de baixo limiar, que empoderam a expressão individual em público. Citando Gumbrecht (2004), elas observam que são percebidos como uma forma de expressão individualista, que possibilita “um espaço pessoal protegido”, no qual o autor pode se comunicar com outros enquanto permanece em controle. O que representa a diferença dos blogs não é a publicação do conteúdo *per se*, mas as personalidades por trás deles.

Paula Jung Rocha apresenta que, nos blogs, dão-se narrativas híbridas, misto de diários, crônicas jornalísticas e correspondências. Narrativas que representam tanto a individualidade quanto a coletividade. Uma nova forma de comunicação é caracterizada por essa tecnologia e sua principal distinção é o enaltecimento da subjetividade. Os blogs representariam, tanto em forma quanto em conteúdo, os horizontes de uma nascente sociedade pós-moderna, que se realiza apenas através do outro, no compartilhar de sentimentos, ideias e atitudes. (ROCHA, 2003).

Nunca se falou tanto de si. O ego reivindica com toda força possível o seu lugar de destaque e os trabalhos citados identificam esse cenário. No entanto, ao mesmo tempo, surgem muitos blogs que possuem como objetivo a denúncia e o bem estar coletivo. Não podemos deixar de nos expressar a respeito desses blogs. Neles, há desde denúncias sobre questões políticas locais até nacionais, questões relacionadas a desvios de dinheiro público, situações de



hospitais, postos de saúde, centros de esporte etc. O próprio leitor do blog pode ser o responsável pelas denúncias<sup>7</sup>. Escreve-se o que antes não se podia falar.

Em relação à definição dos blogs, a primeira apresentada é chamada de estrutural e é baseada na estrutura da publicação que resulta do uso do blog. Citando Blood (2002), Amaral, Recuero e Montardo observam que, o que é recorrente, em diferentes usos, é o formato. Constituído por textos publicados no topo da página, sendo frequentemente atualizados. Há, em alguns, uma lista de links para blogs similares. A ferramenta de comentários, por sua vez, não é um elemento essencial para definição de um blog. Por fim, as pesquisadoras afirmam que há uma definição mais popular, que relaciona blog a textos organizados por ordem cronológica reversa, datados e atualizados frequentemente. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Um grupo diferente de pesquisadores, por outro lado, defendem o conceito chamado de funcional. Para eles, os blogs são vistos a partir de sua função primária como meio de comunicação. Amaral, Recuero e Montardo, ao citar Marlow (2004), apresentam que os blogs são uma mídia diferente das demais devido o caráter conversacional dos textos publicados e das ferramentas, como os comentários. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Apesar de considerarmos ambas as definições importantes, elas parecem reducionistas, deixando aspectos importantes sem consideração. A primeira preocupa-se somente com a estrutura, deixando, por exemplo, o *self* por trás do blog de lado, além da dimensão e representação desse espaço virtual. Já a segunda concepção, apesar de considerar a função enquanto meio de comunicação, limita-se a isso.

O estudioso indiano Nishant Shah analisa o objeto blog como um artefato cultural. Para ele,

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de ideias. Um artefato cultural é um símbolo de pertencimento e posse comunal. Um artefato cultural torna-se infinitamente mutante e gera muitos auto-referenciamentos e narrativas mutuamente definidoras ao invés de criar uma narrativa linear principal. (SHAH, 2005, p.8).<sup>8</sup>

Complementando sua definição, Shah observa que, como um artefato cultural vai além do alcance da lei, tornando-se um referencial para a construção da Ordem Simbólica numa comunidade, ele carrega uma autoridade ilegítimada, que não é sancionada pelos sistemas legais ou pelo Estado, mas pelas práticas vividas pelas pessoas que o criaram.

Blogs, analisados como artefato cultural, podem revelar diversas suposições da razão das pessoas blogarem e

<sup>7</sup> No *Blog do Linhares*, por exemplo, é possível fazermos denúncias. Disponível em <http://blogdolinhares.com.br/>. Acesso em abril de 2016.

<sup>8</sup> **A cultural artefact, to avoid any confusion, can be clearly defined as a living repository of shared meanings produced by a community of ideas.** A cultural artefact is a symbol of communal (in the non-violent, non-religious sense of the world) belonging and possession. A cultural artefact becomes infinitely mutable and generates many self-referencing and mutually defining narratives rather than creating a master linear narrative. (Grifos do autor).

do ciberespaço que elas herdam. O autor apresenta o termo “hipervisualização”<sup>9</sup> para análise da estrutura dos blogs. Hipervisualização, de acordo com Shah, não é só um método ou ferramenta, mas uma estética que nos possibilita entender um artefato. Para ele, a hipervisualização é o porquê dos ciberespaços interativos possibilitarem a revelação. Os usuários revelam-se das mais variadas formas, não só parte de si mesmos, mas também o que são os próprios blogs. (SHAH, 2005).

De acordo com ele, muitos estudos são focados nos chamados blogs políticos por esses terem um público maior e maior visibilidade. Entretanto, para Shah (2005), é necessário analisá-los também enquanto um desejo de contar uma história, uma história que não é do outro, mas do próprio *self*. O autor sugere que os blogs são uma tentativa de atingir a imortalidade, de criar documentos que sobrevivam ao usuário e vivam no limbo do virtual.

A concepção de Shah nos permite analisar os blogs além do “aparente”. Ela nos possibilita buscar as histórias do *self* que, apesar de algumas vezes parecerem inexistentes, sempre estão lá, ao fundo. Identificar os diferentes significados e considerar a possibilidade da criação de diferentes narrativas definidoras, não apenas uma linear. Nessa concepção, quem é o *self* e o que é o *blog* estão estreitamente ligados, sendo somente possível chegarmos a uma consideração satisfatória se compreendermos essa relação. Acreditamos que a concepção de artefato cultural é a mais apropriada para estudarmos blogs.

### 1.6.1 Cibercultura

Para a nossa discussão, é necessário tratarmos sobre a “cultura” em que o formato blog foi criado. Para isso, citamos a obra **Cibercultura** (1999) de Pierre Lévy. Apesar de a obra ser de 1999, ainda início da popularização da internet e extremamente diferente do contexto atual, acreditamos que ela é apropriada, pois faz um histórico do desenvolvimento do computador e da web, além de conceitualizar elementos que fazem parte do funcionamento deles.

Para Lévy, o termo “ciberespaço” (também chamado por ele de rede) é um novo meio de comunicação que se deu a partir da interconexão mundial dos computadores. Relaciona-se à infra-estrutura material da comunicação digital, ao universo oceânico de informações abrigadas por ela e, ainda, às pessoas que navegam e que são as responsáveis por alimentar esse universo. Já o termo “cibercultura”: “especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p. 17).

Em relação à emergência do ciberespaço, Lévy afirma que os primeiros computadores, calculadoras programáveis que armazenavam programas, apareceram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945. Foram, por muito tempo, exclusivas aos militares para cálculos científicos. O uso civil da máquina deu-se somente nos anos 60. Ainda

---

<sup>9</sup> Diferenciando hipervisualização de realismo, frequentemente motivos de confusão, Shah afirma que as técnicas são opostas: no realismo, busca-se representar a realidade; a hipervisualização, por outro lado, procura substituí-la por uma noção mais intensa de real. (SHAH, 2005, p. 9).

eram máquinas de calcular, grandes e isoladas. Os cientistas, em uniformes brancos, utilizavam cartões perfurados para alimentá-los. Servia aos cálculos científicos, à estatística de Estados e de grandes empresas, assim como a tarefas de gerenciamento – folhas de pagamento etc. (LÉVY, 1991).

Nos anos 70, aconteceu uma virada fundamental: através do desenvolvimento e comercialização do microprocessador<sup>10</sup>, vários processos sociais de grande amplitude foram impulsionados. Iniciou-se uma nova fase na automação da produção industrial. A busca, desde então, por ganhos de produtividade por meio de aparelhos eletrônicos, assim como por computadores e redes de comunicação de dados, foi tomando conta do conjunto de atividades econômicas.

Em contrapartida, na Califórnia, um movimento social de contracultura, em posse das novas tecnologias, criou o computador pessoal. Desde então, para o autor, o computador passaria a ser um instrumento para a criação, organização e diversão utilizado por um número cada vez maior de pessoas nos países desenvolvidos. (LÉVY, 1999).

Nos anos 80, a informática livrou-se de seu status técnico e uniu-se às telecomunicações, editoração, cinema e televisão. Já no final dos anos 80 e início dos anos 90,

Um novo movimento sócio-cultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campus americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. (LÉVY, 1999, p. 32).

Assim como ocorreu com o computador pessoal, uma corrente cultural, chamada de espontânea e imprevisível pelo autor, possibilitou um novo curso ao desenvolvimento tecno-econômico. Como a infra-estrutura do ciberespaço, as tecnologias digitais nasceram. (LÉVY, 1999).

O computador não possui hoje nenhum resquício de seu status técnico. Ainda grandemente utilizado para as tarefas “de trabalho”, os usos nos “momentos de lazer”, no entanto, parecem cada vez maiores. Utilizado para o acesso a redes sociais, consumo de séries e filmes, para compras, para estudos etc. Apesar de extremamente importante e aparentemente insubstituível para algumas funções, o computador não é o único aparelho que possibilita navegar pela rede. Outros aparelhos eletrônicos como, por exemplo, *smartphones* e *tablets* se destacam. Possibilitando-nos estarmos conectados nos mais diversos lugares.

Lévy observa que a virtualidade, de maneira geral, caracteriza a nova fase da informação. A digitalização, para ele, é o fundamento técnico da virtualidade. A palavra virtual pode ser entendida em, pelo menos, três sentidos: técnico (informática), um segundo, que é corrente, enquanto o terceiro apresenta-se como filosófico. Filosoficamente, é virtual tudo aquilo que não existe em ato, mas apenas em potência. Uma atualização resolve o que há de problema. O virtual é encontrado antes da concretização efetiva. (LÉVY, 1999).

---

<sup>10</sup> De acordo com Lévy (1999, p. 31), “unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico”.

No sentido corrente, virtual está relacionado ao irreal, já que, na realidade, subentende-se algo tangível, uma materialidade. Para Deleuze (1996), o virtual não é o oposto do real, mas ao atual.

A cibercultura, por sua vez, liga-se ao virtual<sup>11</sup> de duas formas: direta e indireta. De forma direta,

a digitalização da informação pode ser aproximada da virtualização. Os códigos do computador inscritos nos disquetes ou discos rígidos dos computadores – invisíveis, facilmente copiáveis ou transmissíveis de um nó a outro da rede – são quase virtuais, visto que são quase independentes de coordenadas espaço-temporais determinadas. No centro das redes digitais, a informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida. (LÉVY, 1999, p. 48).

A informação digital, por outro lado, pode ser entendida como virtual já que é inacessível enquanto tal ao ser humano. Só é possível se dar conta de sua atualização através de alguma forma de exibição. Os códigos de computador são atualizados em textos e imagens legíveis. (LÉVY, 1999).

Ao tratar sobre os hiperdocumentos, o autor nos apresenta que, se tomarmos texto em seu sentido mais amplo, ou seja, sem excluir sons nem imagens, os hiperdocumentos podem ser chamados de hipertextos. Esse, por sua vez, é constituído por nós, que são elementos de informação, e de links entre os nós, referências, notas, que indicam a passagem de um nó a outro. (LÉVY, 1999).

De acordo com esta primeira abordagem, o hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e “intuitiva”. Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor. (LÉVY, 1999, p. 56).

Lévy define mídia como o suporte ou veículo da mensagem. Para ele, o rádio, a televisão, o cinema ou a Internet. A recepção da mensagem pode ativar diferentes tipos de modalidades perceptivas. A visão e, em segundo lugar, o tato são ativadas pelo impresso. O cinema, visão e audição. O virtual, por outro lado, envolve a visão, audição, tato e a cinestesia (de acordo com o autor, sentido interno dos movimentos do corpo). (LÉVY, 1999).

Para designar a relação entre os participantes da comunicação, o autor utiliza-se do termo dispositivo comunicacional. De acordo com ele, há três possíveis distinções: um-todos, um-um e todos-todos. Um centro emite suas mensagens a receptores passivos e dispersos, isso caracteriza a imprensa, o rádio e a televisão – estrutura-se de acordo com o princípio um-todos. Já uma conversa pelo telefone constituiria o princípio um-um. O ciberespaço, para ele, torna possível um dispositivo original, que possibilita a constituição de um contexto comum (dispositivo todos-todos). (LÉVY, 1999).

Pierre Lévy define ciberespaço<sup>12</sup> “como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos

---

<sup>11</sup> O virtual distingue-se do digital na medida em que: “Digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números. Quase todas as informações podem ser codificadas desta forma.” (LÉVY, 1999, 50)

computadores e das memórias dos computadores.” (LÉVY, 1999, p. 92). Nessa definição, ele inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas) em relação às informações transmitidas que são provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

De acordo com ele, através dos computadores e redes, as mais diferentes pessoas podem se comunicar. Dessa forma, o novo universo, ao contrário de se construir com base na identidade do sentido, dá-se por imersão. Estamos todos juntos, não podendo haver mais um fechamento semântico ou uma totalização. (LÉVY, 1999).

Ao redor das bordas do ciberespaço, uma nova ecologia das mídias vai se formando. Tendo, como paradoxo central: quanto mais universal, menos totalizável. Mais heterogeneidade é acrescentada a cada conexão suplementar, o que leva o sentido global a estar cada vez menos perceptível. (LÉVY, 1999).

Para o autor, o universal é a presença virtual da humanidade em si. A totalidade, por sua vez, é “a conjunção estabilizada do sentido de uma pluralidade (discurso, situação, conjunto de acontecimentos, sistema etc.)”. A cibercultura demonstra que há uma maneira de se ter a presença virtual da humanidade em si mesma, mas essa não se realiza pela identidade de sentido, ou seja, totalidade. (LÉVY, 1999).

Lévy afirma que um grupo humano somente se interessaria em ser uma comunidade virtual para se aproximar do ideal do coletivo inteligente. Esse coletivo seria mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo que é inteligentemente gerenciado. O ciberespaço não seria mais do que o desvio técnico vital para que a inteligência coletiva seja atingida. Essa seria sua perspectiva espiritual e sua finalidade última. (LÉVY, 1999).

A inteligência coletiva constitui mais um campo de problemas do que uma solução. Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele. Mas em que perspectiva? De acordo com qual modelo? Trata-se de construir colmeias ou formigueiros humanos? Desejamos que cada rede dê à luz um “grande animal” coletivo? Ou o objetivo é, ao contrário, valorizar as contribuições pessoais de cada e colocar os recursos dos grupos a serviço dos indivíduos? (LÉVY, 1999, p. 131).

Por fim, para o autor, a extensão do ciberespaço transforma as restrições que haviam dado à filosofia política, por exemplo, suas possíveis soluções. Com o ciberespaço, a ausência de um grande número de restrições deu-se devido a novas ferramentas de comunicação e de coordenação. Os modos de organização dos grupos humanos, os estilos das relações entre os indivíduos e os coletivos são radicalmente novos, sem precedentes na história e sociedades animais. (LÉVY, 1999).

### 1.6.2 O blog *Casal sem Vergonha*

A primeira postagem que compõe o nosso material de análise foi publicada pelo blog *Casal sem Vergonha*. Esse

---

<sup>12</sup> De acordo com o autor, o termo “ciberespaço” foi inventado por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante* em 1984. “No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural.” (LÉVY, 1999, p. 92).

blog faz parte do *Portal Terra* e pode ser acessado através das editorias do portal, mais especificamente através do item *Vida e Estilo*. Textos são postados constantemente, abordando diversos temas relacionados a sexo, estilo de vida e relacionamento humano. Foi possível observar que o tema poliamor já foi abordado em diferentes postagens, cerca de seis até o momento.

No menu inicial do site, organizam-se as postagens pelos temas *Sexo, Amor, Atitude, Listas e Lifestyle* (apresentados pelas cores rosa, laranja, verde, azul e amarelo, respectivamente). O casal heterossexual Eme Viegas e Jaque Barbosa<sup>13</sup> são os criadores do blog, que apresenta textos escritos, também, por colaboradores. A partir do blog, é possível acessar o *vlog* do casal no *youtube*. Lá, há diversos vídeos do casal tratando dos mesmos temas citados anteriormente.

O nome do blog apresenta uma brincadeira ao aproveitar da ambiguidade suscitada pela expressão “sem vergonha”. Pois, essa expressão pode ser relacionada tanto à ausência de *moralidade* por se falar sobre sexo, quanto à ausência de *vergonha* em se falar sobre sexo.

Em relação ao *layout*, é interessante observar que, no lado direito, topo da página, há uma faixa vertical vermelha na qual se encontram os escritos em branco “para maiores de 18 anos”. O nome do blog aparece no topo da página, centralizado, escrito também em branco sobre uma faixa vermelha. Ao lado esquerdo do nome, aparece o desenho de dois diabinhos, um, menor, cor de rosa, e outro, maior, azul. Os rostos dos personagens apresentam uma expressão positiva, de alegria ou excitação, identificada através dos olhos (arregalados) e da boca (aberta, formando um sorriso). No entanto, o que mais chama atenção, é o desenho de um coração vermelho em cada um dos diabinhos: no menor, cor de rosa, o coração está posicionado no peito, seu lugar habitual, já no maior, azul, o coração está desenhado na área que corresponde ao lugar da genitália masculina.

Isso nos remete ao discurso, fortemente reproduzido em nossa sociedade, de que os homens pensam pela “cabeça de baixo”, pensam sempre em sexo e pelo sexo, no prazer, enquanto as mulheres relacionam sexo a amor, necessariamente. Esses desenhos nos permitem afirmar que o blog, apesar de propor tratar de sexo “de cara limpa e sem vergonha”, quebrando o tabu convencional em torno do tema, reproduz, ainda, traços de discursos convencionais e conservadores, que generalizam as relações sexuais/afetivas, baseando-se em estereótipos de gêneros.

---

<sup>13</sup> No item *Sobre* do blog, o casal se apresenta: “Ele, Eme Viegas, 31 anos, publicitário. Ela, Jaque Barbosa, 25, tradutora. Os dois perceberam que havia algo errado na forma em que o sexo era tratado na mídia em geral. Blogs, programas, revistas – todos eles falando com “muitos dedos” sobre um assunto que todo mundo faz. Se sexo é bom, faz bem, deixa as pessoas de bom humor e é de graça, por que ainda é visto como algo imoral e motivo de vergonha para as pessoas? Pensando nisso, o Casal Sem Vergonha resolveu se rebelar e falar sobre sexo e relacionamentos com papo reto, de cara limpa e sem vergonha, da forma que você falaria com seu melhor amigo ou amiga.” *Casal sem Vergonha*. Disponível em <http://www.casalsemvergonha.com.br/sobre-o-casal/>. Acesso em novembro de 2015.



Figura 1 – Página Inicial do blog *Casal sem Vergonha*.

Fonte: <http://www.casalsemvergonha.com.br/> - acesso em 11 de dezembro de 2015.

Na primeira postagem analisada, tem-se um texto multimodal. A imagem é uma fotografia colorida, mas em tons escuros. Há um lençol azul ao fundo, o que nos possibilita inferir que há uma cama, na qual dois corpos nus se abraçam. Do corpo masculino, por cima, pode-se ver as costas, em destaque, enquanto do feminino, vê-se somente uma parte, a lateral do tronco, cintura, e os braços. É um casal heterossexual branco.

O título da postagem - *Ame e deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor* - aparece na imagem, em uma faixa laranja com escritos em branco. Além disso, têm-se três palavras-chave, escritas em branco sobre um fundo preto - *amor daniel poliamor*. Abaixo do último parágrafo da postagem, encontra-se o nome Daniel Oliveira (caixa alta, em rosa), acompanhando o nome, há uma foto: pequena, em preto e branco, de um homem branco, que sorri e aparenta ter de 25 a 30 anos, com cabelos curtos, óculos de sol e camiseta preta de gola em V. A foto possui um ar de informalidade.

O texto: *“Jornalista de comportamento” em mesa de bar, publicitário carioca botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no [HTTP://entretodasacoisas.com.br/](http://entretodasacoisas.com.br/), acompanha as informações do colaborador, que são concluídas pelo dizeres *Leia mais textos do Daniel* (caixa alta) em rosa sobre um fundo preto.*



Figura 2 – Imagem da publicação analisada.

Fonte: <http://www.casalsemvergonha.com.br/2014/04/02/ame-e-deixe-amar-um-manifesto-a-favor-do-poliamor/> - acesso em 11 de dezembro de 2015.

Efimova e Hendricks (2005) afirmam que há um debate em andamento em relação a quão interativo um blog realmente é. Citando Herring et al.; (2004), elas apresentam que os blogs estudados demonstram uma interatividade limitada e links aleatórios para outros blogs. No entanto, há indícios do desenvolvimento de práticas conversacionais entre os blogs<sup>14</sup> e comunidades formadas a partir da prática de *blogar*<sup>15</sup>.

Para elas, a surgimento das comunidades se dá a partir das conexões entre os blogs e seus autores e não em torno de um único espaço compartilhado. (EFIMOVA; HENDRICKS, 2003). Esse surgimento é paradoxal, pois, de um lado, a existência de espaços pessoais guardados por indivíduos resulta na emergência de estruturas sociais. Por outro lado, isso não se apresenta estranho devido ao fato de que seres humanos são acostumados a viver em cidades em que casas privadas e espaços públicos se fundem em um todo, fornecendo espaços para indivíduos e comunidades.



<sup>14</sup> As autoras se referem ao trabalho de Efimova & de Moor (2005).

<sup>15</sup> Citam o trabalho de Merelo-Geurvos, Prieto, Rateb, & Tricas (2004).



Figura 3 – Perfil do colaborador que assina a postagem analisada.

Fonte: <http://www.casalsemvergonha.com.br/2014/04/02/ame-e-deixe-amar-um-manifesto-a-favor-do-poliamor/> - acesso em 11 de dezembro de 2015.

A presença das informações do colaborador Daniel Oliveira pode ser um indício de uma comunidade virtual formada entre diferentes blogs. No entanto, como essa análise não é um dos objetivos deste trabalho, apenas nos ateremos à relação possível entre os dois blogs. O endereço indicado no perfil, no final da postagem, leva-nos a outro blog<sup>16</sup>, que faz parte dos domínios da *Mtv*. As editorias do blog organizam-se pelos itens *Relacionamentos*, *Comportamento*, *Sexo*, *Listas*, *Cultura* e *Vlog*. Os assuntos dos dois blogs são próximos e, assim como o *Casal sem Vergonha*, o *Entre todas as Coisas* (ETC), também possui colaboradores.

No topo da página inicial, há uma faixa preta, com escritos em branco. No lado direito, há o logo da *Mtv* (o M, em branco, possui destaque, a letra é maior que as outras e está em caixa alta, seguido pelas letras TV, menores e em preto). Depois, há editorias que possibilitam a navegação por outros domínios, *Música*, *Programas*, *Notícias*, *Fotos*, *Blogs* e *Vídeos*.



Figura 4- Página Inicial do blog *Entre Todas as Coisas*.

Fonte: <http://entretodasacoisas.com.br/> - acesso em 15 de dezembro de 2015.

Ainda no topo, há os dizeres *Contato/Anuncie* e *Daniel Bovolento*. Clicando no nome, uma página com as informações de Daniel Bovolento se abre. Esse nome apresenta-se como pseudônimo de Daniel Oliveira, criador do blog, como ele explica. Há outras informações (sobre o livro do criador que foi lançado, outro texto com informações biográficas), uma foto e endereços no *Snapchat*, *Youtube*, *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* para acompanhá-lo.

<sup>16</sup> [www.entretodasacoisas.com.br](http://www.entretodasacoisas.com.br)

No item *Contato/Anuncie*, por sua vez, temos acesso a informações comerciais<sup>17</sup>. É possível caracterizarmos esse blog como um espaço profissional e comercial, a partir do qual há geração de renda/lucro.

O blog *Casal sem Vergonha*, assim como o blog *ETC*, possui, no topo da página, o item *Anuncie*. Nele, encontramos uma quantidade assustadora de informações: audiência, antigos anunciantes, exemplos de “anúncios”, perfil da audiência, engajamento dos leitores, formatos de mídia, além dos números do blog para os próximos anunciantes e um nome, classificado como contato comercial.



Figura 5 – Números do blog *Casal sem Vergonha*.

Fonte: <http://www.casalsemvergonha.com.br/anuncie> - acesso em 15 de dezembro de 2015.

Apesar desses blogs se caracterizarem hoje como “comerciais”, eles não funcionavam dessa forma nos seus anos iniciais. Um grande número deles surgiu como espaços amadores, mais próximos a diários íntimos, em que as experiências individuais eram contadas, apesar das escolhas temáticas específicas. Diante do número de acessos e repercussão na própria *web*, esses blogs passaram a chamar atenção de anunciantes, o que transformou a própria realidade dos autores que, agora, criam conteúdo tendo sempre em vista mais visibilidade para geração de lucro.

### 1.6.3 Sobre o blog *A gota D’água – Do antigo “Amélia é a mãe.”*

Diferentemente do primeiro blog analisado, o *A gota D’água*<sup>18</sup> não se apresenta como um blog comercial, ou seja, não possui espaço para propagandas e, por isso, não gera lucro. O próprio domínio do blog faz parte de uma

<sup>17</sup> “Quer anunciar no Entre Todas as Coisas? Entre em contato pelo email [contatobovolento@gmail.com](mailto:contatobovolento@gmail.com) e peça o mídia kit com informações comerciais sobre o blog. Todas as propostas são analisadas e respondidas de forma personalizada.” Disponível em <http://entretodascosas.com.br/anuncie-aqui/>. Acesso em dezembro de 2015.

<sup>18</sup> O *A gota D’água – Do antigo “Amélia é a mãe.”*. Disponível em <http://anaeufrazio.blogspot.com.br/>.

plataforma gratuita, o *Blogspot*, adquirida pelo *Google* em 2003. Dos dois blogs analisados, esse pode ser considerado o mais próximo ao diário íntimo, como observam Amaral, Recuero e Montardo (2009) ao tratarem dos usos da ferramenta. É possível caracterizá-lo como um espaço virtual compartilhado por diferentes pessoas para a escrita de textos que promovam discussões.

A maior parte dos temas dos artigos é polêmica. Atualmente, por exemplo, encontram-se, na página inicial, três textos: o primeiro trata da AIDS (intitulado *Camisinha, sério que você não usa?*), o segundo, aborda a maternidade (*Instinto materno, eu não tenho!*) e, no último, apresenta-se um relato de vida (*Carne com bastante osso*). É possível ler os títulos e primeiras linhas de outros textos do lado direito da página inicial - encontram-se, ali, *hipertextos* com o subtítulo *Mensagens populares*. Desses, três dos quatro textos possuem a temática relacionada a meninas que tiveram vídeos ou fotos íntimas vazadas na internet. O último fala sobre uma menina de 9 anos estuprada por um vizinho<sup>19</sup>. Apesar de não ser um blog comercial, o espaço possui um grande número de acessos. De acordo com o contador de visualizações que se encontra na página inicial, foram 266.716 visitas<sup>20</sup>.

Quanto ao *layout*, ele se caracteriza por um fundo negro com emaranhado de fios coloridos do lado direito. O nome do blog e o fundo para textos são na cor roxa, assim como o título dos textos. Sobre o fundo roxo, os textos são escritos em preto com uma letra média nos dois primeiros e pequena, no terceiro. No topo dos textos, próximo ao título, encontra-se a data de cada um deles: quarta-feira, 14 de outubro de 2015; terça-feira, 13 de outubro de 2015 e segunda-feira, 15 de junho de 2015, respectivamente. Todas essas características fazem parte das opções oferecidas pelo formato blog na plataforma *Blogspot*.

Podemos observar, nos dois primeiros textos, a presença de imagens para ilustrá-los: seis no primeiro e três, no segundo. No último, por outro lado, só há uma imagem. As imagens remetem ao conteúdo verbal enunciado. Como, no primeiro texto, trata-se da AIDS, todas as imagens remetem a sexo ou a doença. Nas três primeiras, por exemplo, as imagens são do símbolo da doença (um laço vermelho sobre um fundo branco), na segunda imagem, do lado direito, tem-se o mesmo laço vermelho sobre o fundo branco, e do lado esquerdo uma “carinha” formada pelos sinais de mais e menos (+ -) no lugar dos olhos e uma das partes constituintes do parêntese ( ( ) para formar a boca, seguida pelos escritos “Fique sabendo”. Na terceira imagem, uma camisinha é mostrada por dedos femininos.

<sup>19</sup> Na análise feita do blog no site <http://www.similarweb.com/>, apresenta-se como uma breve descrição os enunciados “Um blog interativo. Focado na discussão sobre a violência de gênero e feminismo.”

<sup>20</sup> Disponível em <http://anaeufrazio.blogspot.com.br/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2016. No entanto, esses números se apresentam divergentes em relação aos demonstrados pela análise feita pelo site <http://www.similarweb.com/>. Em uma rápida pesquisa nesse site de comparação de audiência (recurso também utilizado para análise do blog *Casal sem Vergonha* e que foi apresentado no Capítulo II), encontramos que, nos últimos três meses, nos itens *Traffic Overview*, *Traffic by countries*, *Traffic Sources*, *Referrals*, *Search*, *Social*, *Audience Interests*, a análise aponta para *not enough data* (dados insuficientes). A análise demonstra, somente no item *Display Advertising*, algo diferente: *no display advertising* (não há dispositivo de publicidade). Nas análises de *Global Rank*, *Country Rank* e *Category Rank* as posições: #4,209,034; #211,997; #240,003 são apresentadas, respectivamente. Todos esses dados afirmam que o blog não possui grande representatividade no espaço virtual. Poucos acessos, pouco destaque nas redes sociais e nas ferramentas de busca. O relatório completo encontra-se na seção Anexos no final deste trabalho.

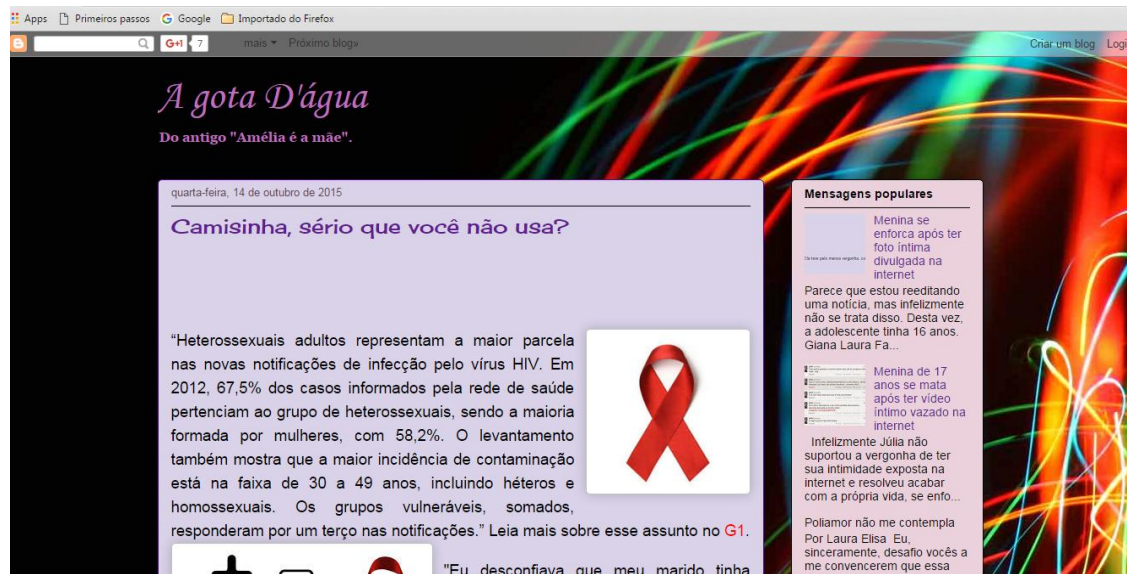


Figura 6 – Página inicial do blog *A gota D'água*.

Fonte: <http://anaeufrazio.blogspot.com.br/> - acesso em 19 de janeiro de 2016.

Por fim, é preciso chamar atenção para o rodapé da página inicial do blog. Nele, há o escrito: “Os textos são de autoria de Ana Eufrázio e são parte integrante de seu livro.” No entanto, apesar dessa afirmação, outros nomes assinam alguns textos.

O nome Ana Eufrázio encontra-se também no endereço do blog (<http://anaeufrazio.blogspot.com.br/>). Do lado direito da página inicial, podemos encontrar o item *Quem sou eu*, acompanhado de uma figura (uma pintura, em que há, centralizada, uma face feminina) e o hiperlink para o perfil completo da autora no *Google +*. Acessado o *Google +*, podemos ver como informações os dados: *Attended Universidade Estadual do Ceará*, *62 followers*, *591*, *232 views* e uma foto de um tronco de árvore e algumas plantas. No seu perfil, ela compartilha trechos e fotos dos textos publicados no blog, funcionando como um meio de divulgação destinado aos seus seguidores e pessoas que visualizam seu perfil.

## 2. O POLIAMOR “SAI DO ARMÁRIO”

### 2.1 Os aspectos da enunciação

Émile Benveniste foi um estruturalista francês que se dedicou ao campo da linguística histórica, principalmente ao estudo das línguas indo-europeias. No entanto, a obra mais famosa do estudioso são os dois volumes de linguística geral. Nesses volumes, Benveniste publica os seus textos mais célebres e os artigos fundadores de sua Teoria da Enunciação. Em um de seus textos, em que trata especificamente da questão da enunciação, *O aparelho formal da enunciação* (1989), o autor afirma que as condições de emprego das formas (regras fixadas de acordo com as condições sintáticas) não são as mesmas condições de emprego da língua. (BENVENISTE, 1989).

O emprego das formas tem dado lugar a um grande número de modelos, pois são tão variados quantos os elementos linguísticos que os originaram. Já com o emprego da língua, as coisas funcionam de outra maneira. Esse mecanismo, total e constante, afeta a língua toda. A dificuldade se apresenta, pois, de tão cotidiano, confunde-se com a própria língua e nos passa despercebido. (BENVENISTE, 1989).

Nesse sentido, “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Para ele, a condição específica da enunciação é a produção em si, o ato de produzir um enunciado. Esse ato relaciona-se ao movimento do locutor ao mobilizar a língua por sua conta e risco.

Fiorin (1996) afirma que, se a enunciação for considerada um ato singular, há uma impossibilidade de constituir um objeto científico. Citando Greimas e Courtès (1979), o autor observa dois aspectos: ao se julgar que enunciado e enunciação são um fazer ser, eles são considerados como uma performance e, em segundo lugar, ao se estabelecer uma relação de implicação biunívoca entre enunciado e enunciação, a enunciação está sendo considerada uma instância linguística que é pressuposta, logicamente, pela existência do enunciado. (FIORIN, 1996).

Para Fiorin, o primeiro ponto possibilita que a enunciação seja vista como um ato qualquer e, assim, pode ser estudada por uma teoria narrativa. Sendo uma narrativa um simulacro de ações humanas, uma teoria narrativa não é, senão, uma teoria da ação. (FIORIN, 1996).

Depois, o pesquisador, ao citar Courtès (1989, p. 48), observa que podemos considerar no texto-objeto tanto uma *enunciação enunciada*, como um *enunciado enunciado*. A enunciação enunciada, mais especificamente, refere-se ao conjunto de marcas identificáveis no texto que dizem respeito à instância da enunciação. Por outro lado, o enunciado enunciado é a sequência que foi enunciada com ausência de marcas de enunciação.

Para ele,

O conceito de enunciação enunciada impossibilita que se definam critérios exatos situados no plano da expressão para permitir um reconhecimento formal e automático do que é enunciativo. Isso demonstra que a distinção entre enunciação e enunciado diz respeito ao plano do conteúdo. Essa definição de enunciação enunciada refere-se ao plano do conteúdo porque leva em alta conta a sintaxe e a semânticas discursivas, ou seja, a que instância enunciativa estão relacionados determinados temas e figuras. (FIORIN, 1996, p. 38).

A enunciação enunciada e o enunciado enunciado impõem duas maneiras de construir o discurso, dois contratos

enunciativos diferentes. Para Fiorin, esses contratos determinam a distribuição de estatutos veridictórios diferentes aos dois tipos de discurso. “Esses diferentes mecanismos discursivos fazem parte de distintas estratégias de persuasão, que visam a revelar um fato (verdade ou falsidade) ou a dissimulá-lo, mas chamando atenção sobre ele (mentira ou segredo), a desvelar um significado ou a velá-lo”. (FIORIN, 1996, p. 39-40).

Ao estabelecer o objetivo do seu texto, Benveniste pontua a necessidade de definir a enunciação quanto a sua realização. Ele considera, sucessivamente, na enunciação, o próprio ato, as situações em que ele acontece e os instrumentos de sua realização.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

Imediatamente, desde o momento em que se declara locutor e assume a língua, o *eu* institui o outro diante de si, independentemente do grau de presença que ele atribua a esse outro. Implícita ou explicitamente, toda enunciação pressupõe uma alocação e, conseqüentemente, um alocutário. (BENVENISTE, 1989).

A língua, na enunciação, encontra-se empregada para a expressão da relação com o mundo. Para o locutor, a condição dessa mobilização e desse apropriar-se da língua é a necessidade de referir-se, através do discurso. Para o outro, também, ou seja, a possibilidade de co-referir da mesma forma, no consenso prático que faz de cada locutor um co-locutor. “A referência é parte integrante da enunciação”. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

É sempre introduzido, ao se apropriar individualmente da língua, aquele que fala. Isso é constitutivo da enunciação. O autor, especificando os participantes desse fenômeno linguístico, apresenta os índices de pessoa (a relação *eu-tu*) produzida na enunciação. Para ele, da mesma forma e relacionando-se à mesma estrutura de enunciação são os índices de ostensão – este, aqui. (BENVENISTE, 1989).

Outras formas, como os pronomes pessoais e demonstrativos são identificados como uma classe de indivíduos linguísticos. Esses remetem sempre e somente a indivíduos, tratando-se de pessoas, ou, em outros casos, até de momentos e de lugares. Os chamados indivíduos linguísticos nascem de uma enunciação e são produzidos de novo a cada vez que se realiza uma enunciação, designando algo novo. (BENVENISTE, 1989).

A última série de termos a qual Benveniste se dedica a apresentar são as formas temporais, determinadas em relação ao EGO, centro da enunciação. Para ele, os tempos verbais cuja forma axial, isto é, o presente, coincide com o momento da enunciação, fazem parte do aparelho da enunciação.

Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. Poder-se-ia mostrar pelas análises de sistemas temporais em diversas línguas a posição central do presente. (BENVENISTE, 1989, p. 85).

Por fim, ele defende que o presente formal explicita o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso. E, a partir deste presente contínuo, passa a consciência o sentimento de uma continuidade a qual chamamos tempo, “continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais”. (BENVENISTE, 1989, p. 85-86).

Em outro artigo, ao tratar ainda sobre as pessoas linguísticas, Benveniste afirma que é somente na linguagem que o homem se constitui como sujeito, pois ela funda na realidade o conceito do “ego”. O tipo de subjetividade tratada por ele se refere à capacidade do locutor em se propor como sujeito. “É “ego” que diz ego”. Tem-se, nesse enunciado, a evidência da subjetividade determinada pelo status linguístico da pessoa. (BENVENISTE, 1976, p. 286).

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu*. (...) A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Para o autor, a linguagem é tão marcada pela expressão da subjetividade que ele se pergunta se ela fosse construída de outro modo, ainda funcionaria e poderia ser chamada de linguagem. Os próprios termos “eu” e “tu” são formas linguísticas que remetem à pessoa. De acordo com ele, jamais faltam os pronomes pessoais entre os signos de uma língua de qualquer época ou região. É inimaginável uma língua sem a possibilidade de expressão de pessoa. (BENVENISTE, 1976).

Especificando as características dos pronomes pessoais, ele afirma que, ao contrário do sentido em que há em um conceito como, por exemplo, árvore e se reduzem todos os empregos individuais de árvore, não há conceito “eu” que engloba todos os “eu” que são enunciados a todos os momentos no falar de todos os locutores. Não há entidade lexical denomina pelo “eu”. A classe dos pronomes pessoais, de acordo com o teórico, foge ao status de todos os outros signos da linguagem. O “eu” se refere a algo singular que é exclusivamente linguístico, refere-se ao ato de discurso individual e designa o locutor. (BENVENISTE, 1976).

Esse termo não pode ser identificado senão dentro da instância do discurso e só possui referência atual.

A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*. (BENVENISTE, 1976, p. 288).

O primeiro aspecto responsável por revelar a subjetividade na linguagem são os pronomes pessoais. Desses,

dependem outras classes de pronomes, partilhando do mesmo status. São chamados de indicadores da dêixis os elementos linguísticos que organizam, em torno do sujeito, as relações espaciais e temporais – pronomes demonstrativos, advérbios, adjetivos. (BENVENISTE, 1976).

## 2.2 “Ame e deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor”: Uma proposta de análise

A primeira postagem analisada por este trabalho<sup>21</sup> é assinada por Daniel Oliveira (que também corresponde ao pseudônimo de Daniel Bovolento no ETC). Como o blog *Casal sem Vergonha* não faz parte de uma plataforma como o blogspot, por exemplo, algumas características estruturais são diferentes. A postagem não possui data ou qualquer tipo de referência temporal, no entanto elas são organizadas por ordem cronológica reversa.<sup>22</sup> O blog é constantemente atualizado, com um grande número de postagens por dia.

A postagem analisada se estrutura em 7 parágrafos que, para melhor realizarmos os nossos procedimentos de análise, foram organizados em 5 excertos. Nos excertos, os elementos linguísticos correspondentes às categorias de pessoa, espaço e tempo da enunciação recebem destaque (serão marcados por negrito e sublinhados).

O nosso objetivo geral de pesquisa compreende a investigação das práticas discursivas relacionadas ao discurso do poliamor em duas postagens de blogs. Para isso, os nossos passos serão guiados por três objetivos específicos: identificar as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos-autores nos enunciados em estudo; analisar os diferentes dizeres interconectados nos enunciados e, partindo do pressuposto de que as postagens relacionam-se a vivências, buscaremos investigá-las enquanto narrativas de vida

Como já apresentamos anteriormente, Benveniste (1989) afirma a importância do estudo do emprego da língua, um mecanismo total e constante, mas banal, que se confunde com a própria língua e tão necessário que nos passa despercebido. Sendo a referência parte integrante do emprego da língua, da enunciação, atentaremos-nos, primeiramente, aos elementos linguísticos desse tipo, mais especificamente aos pronomes e pessoas verbais, que fazem referência à subjetividade na língua.

### Excerto 1

“Poligamia é coisa de quem não quer firmar compromisso nenhum. É coisa de moleque mimado que quer comer todo mundo ou coisa de piranha. Cidadãos de bem nunca pensariam nisso, gente bem criada entende que um bom casamento e uma relação longínqua entre duas pessoas – mas só se forem heterossexuais – é o futuro perfeito para alguém.” **Ouvi** esse trecho acima **algumas vezes já**. Enquanto alguns sonham em encontrar o amor da sua vida, o Príncipe Encantado ou a atriz pornô sueca, outros

<sup>21</sup> Disponível em <http://www.casalsemvergonha.com.br/2014/04/02/ame-e-deixe-amar-um-manifesto-a-favor-do-poliamor/#comments>. Acesso em dezembro de 2015.

<sup>22</sup> Apesar de não registrar as datas das postagens, podemos identificar que as postagens mais recentes estão na página inicial do blog. Sendo a primeira postagem, a mais recente. Para acessar outras postagens, é necessário clicar no item (ao final da página) *posts antigos* ou utilizar o *buscar* da página.



pensam apenas em conhecer pessoas e compartilhar seus mundos. **Eu sou** uma delas, e antes que **você me** ataque como a maioria faz, digo que isso não é nenhum problema ou uma daquelas anomalias psicológicas que Freud adoraria tratar.

Neste primeiro excerto, o enunciador estabelece os participantes da troca comunicativa. A pessoa subjetiva pode ser identificada a partir de três elementos linguísticos: a desinência número-pessoal em “ouvi” implica a primeira pessoa do singular, “eu”. Sujeito desinencial do verbo ouvir. O pronome pessoal do caso reto “eu” apresenta-se como o sujeito do verbo ser, conjugado na primeira pessoa do singular, “sou”. O pronome do caso oblíquo “me” refere-se a “eu” e exerce função de complemento. Nessa mesma linha, o pronome de tratamento “você” aparece para fazer referência ao “tu” da troca comunicativa, que se dirige, em última instância, ao leitor do blog.

Benveniste (1976) afirma que o verbo, assim como o pronome, é o único tipo de palavra submetido à categoria de pessoa. De acordo com ele, classificam-se, em todas as línguas que possuem verbo, as formas da conjugação em relação à pessoa. Herdada da gramática grega, essa classificação é admitida até hoje. E essa classificação não é apenas dada como averiguada nas línguas que possuem verbo, mas como natural. O estudioso postula que uma teoria linguística da pessoa verbal só poderá se constituir tendo como base as oposições que distinguem as pessoas.

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. (BENVENISTE, 1976, p. 250).

Em relação às pessoas “eu” e “tu”, Benveniste observa que uma de suas características é a unicidade específica. O “eu” que enuncia e o “tu” a quem o “eu” se dirige são, a cada vez, únicos. “Ele”, por outro lado, pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum. É possível a realização da inversão: o “tu” definido pelo “eu” pode se tornar “eu” e o “eu”, “tu”. Já em relação ao “ele”, nenhuma relação paralela é possível, pois “ele” não faz referência a nada nem ninguém. Por fim, o autor chama atenção para o fato de que a terceira pessoa é a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente. (BENVENISTE, 1976).

Não se deve, portanto, representar a “terceira pessoa” como uma pessoa apta a despersonalizar-se. Não há aférese da pessoa, mas exatamente a não-pessoa, que possui como marca a ausência do que qualifica especificamente o “eu” e o “tu”. Pelo fato de não implicar nenhuma pessoa, pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum, e esse sujeito, expresso ou não, nunca é proposto como “pessoa”. (BENVENISTE, 1976, p. 253).

No excerto 1, o enunciador se instaura no enunciado, caracterizando uma expressão subjetiva. Os elementos linguísticos em destaque caracterizam uma debreagem enunciativa actancial. A debreagem é o processo em que a instância da enunciação se separa e se lança para fora de si. Citando Benveniste, Fiorin (1996) pontua que a constituição da categoria de pessoa é fundamental para que se constitua o discurso. Essa categoria é o elemento essencial do ato

constitutivo do enunciado e, sendo a enunciação uma instância linguística pressuposta pelo enunciado, contribui também para que aconteça a articulação da própria instância do enunciado.

Sendo a enunciação a instância da pessoa, do espaço e do tempo, há uma debreagem actancial, uma debreagem espacial e uma debreagem temporal. Esse mecanismo consiste em separar do sujeito, do tempo e do espaço e em projetar no enunciado um “não-eu, um não-aqui e um não-agora.” (FIORIN, 1996, p. 43). Ao citar Greimas e Courtès (1979), Fiorin observa que, nenhum “eu”, “aqui” ou “agora” inscritos no enunciado são, realmente, a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação, como são sempre pressupostos. (FIORIN, 1996).

O autor apresenta dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. Na debreagem enunciativa, estabelecem-se no enunciado os actantes da enunciação (“eu” e “tu”), o espaço da enunciação (“aqui”) e o tempo em que ocorre a enunciação (“agora”). Ele afirma, citando novamente Greimas e Courtès, que se tem, então, o “não-eu”, o “não-aqui” e o “não-agora”, mas que são enunciados como “eu”, “aqui” e “agora”. (FIORIN, 1996).

Na debreagem enunciva, para ele, instauram-se no enunciado os actantes do enunciado, o espaço do enunciado e o tempo, respectivamente, “ele”, “algures”, “então”. (FIORIN, 1996). É, “algures”, um ponto instalado no enunciado e “então” um marco temporal inscrito no enunciado, que representa um tempo zero. Aplica-se, então, a categoria topológica concomitância (anterioridade) VS não-concomitância (posterioridade).

De acordo com Fiorin (1996), a debreagem enunciativa e a debreagem enunciva criam dois grandes efeitos de sentido: o de subjetividade e o de objetividade. Com suas apreciações dos fatos, a instalação do “eu”, “agora”, “aqui” constrói um efeito de subjetividade. Por outro lado, ao se eliminar as marcas de enunciação no texto, constrói-se um discurso apenas com enunciado enunciado e cria-se um efeito de objetividade.

Por fim, no excerto, a expressão “algumas vezes já”, foi utilizada para se referir ao passado, a fatos que já ocorreram. Essa expressão indica um momento de não-concomitância, anterior ao da enunciação, caracterizando uma debreagem enunciva temporal, em que acontecimentos são narrados pelo enunciadador.

## **Excerto 2**

Meus pais me criaram com uma visão bonita do amor. Um casamento estável de 20 e tantos anos, 2 filhos bem criados, uma situação estável com casa própria, algumas viagens, carro na garagem e tudo mais. A vida perfeita convencionalmente aceita pela maioria das pessoas. Nos bastidores dessa história de amor, no entanto, algumas histórias de infidelidade, algumas sessões de terapia, alguns comprimidos para dormir e resgatar da depressão e um sorriso bonito na cara para sustentar o cenário perfeito da sociedade. Funciona para eles, ótimo. Mas pra mim (e pra muita gente) a coisa não é bem assim.

Neste excerto, há instauração do “eu”, realizada pelos elementos “meus” (pronome possessivo), “me” e “mim” (pronomes oblíquos), caracterizando uma debreagem enunciativa actancial. O pronome “eles” (terceira pessoa do plural) também aparece no excerto. Esse elemento caracteriza uma debreagem enunciva actancial.

Benveniste, no que diz respeito à terceira pessoa, observa que ela não se refere a uma pessoa específica, mas faz

uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa. Não há o elemento variável e pessoal dessas denominações. Como consequência disso, para o autor, “a “terceira pessoa” não é uma “pessoa””. (BENVENISTE, 1976, p. 251). Essa forma verbal possui como função expressar a não-pessoa.

As duas primeiras pessoas e a terceira se opõem como os membros de uma correlação, que é a correlação de personalidade. Isto é, “eu”-“tu” possuem a marca de pessoa, já “ele”, não. A terceira pessoa é caracterizada (e tem por função) representar um invariante não pessoal. (BENVENISTE, 1976).

Porém, se “eu” e “tu” são ambos caracterizados pela marca de pessoa, eles se diferenciam quanto ao interior da categoria.

O que diferencia “eu” de “tu” é, em primeiro lugar, o fato de ser, no caso de “eu”, interior ao enunciado e exterior a “tu”, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo; pois a segunda pessoa dos empregos citados em russo, etc., é uma forma que presume ou suscita uma “pessoa” fictícia e institui assim uma relação vivida entre “eu” e essa quase-pessoa; além disso, “eu” é sempre transcendente com relação a “tu”. (BENVENISTE, 1976, p.255).

Ao sair de mim, de acordo com Benveniste, para estabelecer uma relação viva com um ser, “eu” encontro ou proponho um “tu”, necessariamente. Esse “tu” que é, fora de mim, a única pessoa imaginável. Ao “eu”, pertencem as qualidades de interioridade e de transcendência e elas se invertem em “tu”. Dessa forma, o “tu” é definido como a pessoa não-subjetiva e o “eu” como a pessoa subjetiva. Juntas, elas opor-se-ão à forma de não-pessoa, “ele”. (BENVENISTE, 1976).

### Excerto 3

Quando nascemos, automaticamente entramos num jogo cheio de regras cagadas por aí. Cadê aquele termo em que eu declaro que li e aceito as regras impostas pela sociedade? Não existe. É meio como um “vai lá, campeão, se vira”. Na verdade, é bem mais um “vai lá e vive o que todo mundo espera que você viva”. No meio dessas expectativas todas, eu sempre me enxerguei de um modo diferente: gostava sempre de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Ceguei a me apaixonar perdidamente por três garotas no jardim de infância. Mais duas no ensino médio. Mais algumas mais tarde. Mesmo sendo claro e dizendo abertamente que me sentiria infeliz se tivesse que abrir mão de uma das pessoas pela qual me apaixonei, continuavam me empurrando prum muro. Grifado nele, a palavra “escolha”.

As desinências número-pessoais em “nascemos” (verbo nascer) e em “entramos” (verbo entrar) fazem referência à instauração de um sujeito coletivo, constituído por “eu” + “não-eu”. Como em “nós” há o predomínio do “eu”, só existindo “nós” a partir do “eu”, é possível atestar uma debreagem enunciativa actancial. Tem-se uma pluralização inclusiva que se caracteriza pela soma do “eu” + “vós”, ou seja, o enunciador se soma aos leitores do blog. Há, dessa forma, a instauração do “eu” na enunciação, apesar de em um tom mais coletivo. Esse tom possibilita que se desenvolva a subjetividade, porém de maneira disfarçada.

Em relação às pessoas linguísticas, Benveniste (1976, p. 256) afirma

Poderia aparecer que todas as relações propostas entre as três formas do singular devessem permanecer paralelas se se transportassem para o plural (as formas do dual só oferecem problema como dual, não como pessoas). Entretanto, sabemos bem que, nos pronomes pessoais, a passagem do singular para o plural não implica apenas uma pluralização. Além do mais, cria-se em inúmeras línguas uma diferenciação da forma verbal da primeira pl. sob dois aspectos distintos (inclusivo e exclusivo) que denuncia uma complexidade particular.

Assim como no singular, o problema é em relação à primeira pessoa. O fato de que palavras diferentes sejam empregadas para “eu” e “nós”, assim como para “tu” e “vós” é o bastante para excluir os pronomes dos casos mais comuns de pluralização. Na maior parte das línguas, o plural pronominal não condiz com o plural nominal (não como se ordinariamente se representa, esclarece o autor).

A unicidade e a subjetividade inerentes ao “eu” negam a possibilidade de uma pluralização. “Nós” não é uma multiplicação de objeto idênticos. Ao contrário, é uma junção entre o “eu” e “não-eu”. (BENVENISTE, 1976). Constitui, assim, uma totalidade nova e de um tipo particular, no qual os componentes não se valem: “em nós é sempre “eu” que predomina, uma vez só que há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não-eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós”.” (BENVENISTE, 1976, p. 256).

Em “nós”, o “não-eu” implícito pode receber, nas mais diferentes línguas, dois tipos de conteúdos: há o “eu”+“vós” e o “eu”+“eles”. As formas inclusiva e exclusiva, como afirma Benveniste, são as responsáveis por diferenciar o plural verbal e o pronominal da primeira pessoa em um grande número de línguas ameríndias, australianas etc. (BENVENISTE, 1976).

Enfim, em resumo, Benveniste apresenta que a distinção entre singular e plural deve ser realizada entre pessoa estrita, singular, e pessoa amplificada, plural. No entanto, de acordo com ele, somente a terceira pessoa, que é a *não-pessoa*, admite um verdadeiro plural. (BENVENISTE, 1976).

No enunciado “vai lá, campeão, se vira” é possível identificarmos a inserção na enunciação de outra enunciação com enunciadores, espaço e tempo diferentes. Essa expressão retoma um falar mais íntimo, mais pessoal. Aproxima-se de uma troca comunicativa feita cara a cara, como se recebesse um estímulo.

“Se” faz referência ao pronome de tratamento *você* que, por sua vez, refere-se à pessoa com quem se fala. O pronome de tratamento “você” é utilizado pelo locutor para tratar o “tu” da troca discursiva, ou seja, com quem se fala. “Se” pode ser classificado como um pronome reflexivo, pois a ação que é praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito. Mesmo quando não utilizado o pronome de tratamento “você”, o “tu” aparece em terceira pessoa, ou seja, “tu se vira”, desse modo deve ser assumido como pronome de tratamento, “você”. Em “se vira”, tem-se o verbo no imperativo afirmativo. Como o imperativo diz respeito a uma ordem e essa será realizada (ou não) depois do momento da enunciação, podemos classificá-la como não-concomitante, ou seja, posterior ao momento da enunciação, o que caracteriza, dessa forma, uma embreagem enunciativa temporal.

Ainda, os elementos “vai lá” e “vive” se caracterizam, respectivamente, pela segunda pessoa do singular, no modo imperativo (“vai tu” e “vive tu”). Como já dito anteriormente, o imperativo pressupõe uma ordem, que se realizará (ou não) num momento diferente ao da enunciação, posterior, constituindo, assim, uma debreagem enunciativa temporal.

Há, mais uma vez, a inserção na enunciação de outra enunciação, retomando o espaço de intimidade, uma relação pessoal.

Os elementos “eu”, “me” e “enxerguei” fazem a instauração do “eu” no enunciado, constituindo uma debreagem enunciativa actancial. O adjunto adverbial “sempre”, que aparece uma vez em cada linha, refere-se a um tempo anterior ao da enunciação, que ocorre até o momento atual, o que caracteriza uma debreagem enunciativa temporal.

A desinência número-pessoal em “cheguei” e o pronome oblíquo “me”, representam, também, a instauração do “eu” no enunciado. O pronome oblíquo “me” aparece novamente em cada uma das linhas, assim como a desinência número-pessoal em “apaixonei”, constituindo uma debreagem enunciativa actancial.

#### Excerto 4

**Deixe-me** ser claro: **eu já fiz** uma escolha. E **estou** apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo. **Consigno** viver com as duas pro resto da **minha** vida (ou até o sentimento durar), mas não **preciso** escolher uma só. **Eu concordo, elas concordam**. O relacionamento funciona e **elas podem se** relacionar com quem **elas quiserem**. **Eu funciono** bem apenas tendo as duas. Isso **me** torna menos respeitável que a maioria? Não. Isso **me** torna um deprimido estranho que não quer arcar com relacionamentos sérios? **Eu arco, meus** relacionamentos são tão sérios quanto o **seu** e possuem regras também. A única diferença é que existe mais de uma pessoa envolvida neles. Como a Aline do seriado, **eu me divido** entre duas pessoas que **me** completam. E **acho** que restringir a **sua** vida a uma única pessoa é decretar infelicidade a ambos. Imagina só ser responsável por todas as expectativas, frustrações, desejos (emocionais e sexuais) de alguém, além de privar essa pessoa de conhecer outros mundos?

Constitui uma debreagem enunciativa actancial os elementos linguísticos “deixe-me”, “eu”, “fiz” e “estou”. O adjunto adverbial de tempo “já” também aparece na mesma linha, fazendo referência a um tempo anterior ao tempo da enunciação, constituindo uma debreagem enunciativa temporal. Nas linhas seguintes, a desinência número-pessoal em “consigno” e o pronome possessivo “minha” caracterizam, mais uma vez, uma debreagem enunciativa actancial.

Os três elementos “preciso”, “eu” e “concordo” realizam a instauração do “eu” no enunciado, tem-se, novamente, uma debreagem enunciativa actancial. Na mesma linha, apresentam-se “elas” e “concordam”, instaurando os actantes do enunciado, constituindo uma debreagem enunciativa actancial.

“Elas”, “podem”, “se”, “elas” e “quiserem” representam também a instauração dos actantes do enunciado e, como já apontado, constituem uma debreagem enunciativa actancial. Na mesma linha, “eu” e “funciono” constituem a instauração do “eu” no enunciado, o que classifica uma debreagem enunciativa actancial.

O pronome oblíquo “me” pode ser localizado, assim como “eu”, “arco” e “meus”. Todos esses elementos citados fazem referência à instauração do “eu” na enunciação, caracterizando uma debreagem enunciativa actancial. Aparece também o “seu” (“meus relacionamentos são tão sérios quanto o seu”), esse pronome possessivo, apesar de ser correspondente à terceira pessoa do singular – “ele”, no enunciado em questão, refere-se à pessoa com quem se fala. Ou, ainda, refere-se a uma indeterminação, equivalendo a “qualquer um”.

Tem-se, depois, uma debreagem enunciativa actancial representada pela instauração do “eu” no enunciado através dos elementos “eu”, “me” e “divido”.

Por fim, o pronome oblíquo “me” e a desinência número-pessoal em “acho” constituem uma debreagem enunciativa actancial. O pronome possessivo “sua” (“E acho que restringir a *sua* vida a uma única pessoa é decretar infelicidade a ambos”), na mesma linha, faz referência a qualquer um, inclusive ao enunciador. Ele demonstra sua preocupação, de tom mais coletivo, através de um elemento referente ao enunciatário, ao “tu” da troca comunicativa, projetado a partir de si mesmo.

Na embreagem retorna-se à enunciação, produzida pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo e pela negação da instância do enunciado. Assim como a debreagem, a embreagem concerne as três categorias da enunciação: embreagem actancial, embreagem espacial e a embreagem temporal.

A embreagem actancial refere-se à neutralização na categoria de pessoa. Pressupõe-se uma debreagem anterior em toda embreagem. “Quando o presidente diz “O presidente da República julga que o Congresso Nacional deve estar afinado com o plano de estabilização econômica [...]” (FIORIN, 1996, p. 48), tem-se, aí, uma embreagem enunciva, um ele. No entanto, como afirma o autor, “ele” significa “eu”. Dessa forma, uma debreagem enunciativa (instauração de um eu) antecede a embreagem.

Conforme o autor, negar o enunciado é retornar à instância que o precede e é pressuposto por ele. Dessa forma, obtém-se, na embreagem, “um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, tempo do enunciado e tempo da enunciação, espaço do enunciado e espaço da enunciação.” (FIORIN, 1996, p. 48).

O autor realiza a distinção entre embreagem enunciativa e embreagem enunciva. A primeira ocorre quando o termo debreante é enunciativo e enuncivo, mas o termo embreante é enunciativo. Já embreagem enunciva é aquela em que o termo debreante pode tanto ser enunciativo quanto enuncivo, porém o termo embreante é enuncivo. (FIORIN, 1996).

Perguntando-se a qual realidade se refere o “eu” ou o “tu”, Benveniste afirma que unicamente a uma realidade de discurso. “Eu” não pode ser definido em termos de objetos, mas somente em termos de locução. “Eu” denota a pessoa que enuncia a atual instância de discurso que inclui “eu”. (BENVENISTE, 1976). Somente pela instância do discurso, o “eu” pode ser identificado e só aí possui valor. Deve ser tomado, paralelamente, enquanto instância da forma “eu”.

Nesse processo, há uma dupla instância: o “eu” como referente e o “eu” como referido. De acordo com Benveniste, uma definição pode se dar da seguinte forma: “eu é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu”.” Em uma situação de alocução, tem-se uma definição próxima para “tu”, “como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística “tu”.” (BENVENISTE, 1976, p. 279).

Como afirma Fiorin, poder-se-ia pensar que os atores da comunicação, o “eu” e o “tu”, são figurativizados somente por seres humanos. No entanto, essa visão se mostra ingênua e rasteira. Para se pensar a linguagem, é preciso um pensamento enunciativo. Pois, é possível criar qualquer mundo pela enunciação. Ao se enunciar, cria-se. (FIORIN,

1996).

### Excerto 5

Não, não me incomodo. Desde que seja tudo feito com respeito e de forma clara. Mas as pessoas têm o costume de achar que o que foge do convencional é errado. Se não está na Bíblia, é do capeta. Se ninguém fez isso antes, é estranho. E tentam fazer de você um peão do Jogo da Vida que deve circular por aquele velho tabuleiro conhecido. Viver modelos pré-concebidos de relacionamentos é o mesmo que decretar a sua própria infelicidade. A gente não merece isso, ainda mais em algo que deveria ser prazeroso, ainda mais se você descobre que não existe só uma pessoa para ocupar um espaço bonito na sua vida. Assim como eu, muitas pessoas funcionam desse jeito. Elas amam mais de uma pessoa e se relacionam de um jeito só delas. E não, isso não é traição. Não, também não é indecisão ou falta de vergonha na cara. É só uma forma de manifestar amor, assim como você manifesta no seu casamento, ou no seu namoro, ou em qualquer que seja seu modelo de relacionamento. Se funciona para você, ótimo. Funciona para gente de outro modo. E o que importa é que a gente é feliz.

O pronome oblíquo “me” instaura a pessoa subjetiva “eu” no enunciado, tem-se, então, uma debreagem enunciativa actancial. Na linha seguinte, o substantivo indefinido “as pessoas”, que requer uma marcação no verbo de terceira pessoa do plural, como “elas”, representa a instalação dos actantes do enunciado, o objeto do discurso, constituindo uma debreagem enunciativa actancial. O pronome de tratamento “você”, por outro lado, refere-se a qualquer pessoa, até mesmo ao enunciador, o que pode ser comprovado com a expressão “a gente”.

Para Benveniste, ao considerar, primeiramente, a situação dos pronomes pessoais, ele afirma que a definição comum dos pronomes pessoais como abarcando os três termos “eu”, “tu” e “ele” invalida a noção de pessoa. Não há apenas as diferenças formais, variáveis, impostas pela estrutura morfológica e sintática das línguas particulares entre “eu” e “eu” nome referente a uma noção lexical. Há outras, de natureza mais geral e profunda, que se relacionam ao próprio processo da enunciação linguística. (BENVENISTE, 1976).

O pronome demonstrativo “aquele” se apresenta com uma carga semântica temporal, referente a algo anterior, já conhecido (“aquele velho tabuleiro conhecido”), não-concomitante ao momento da enunciação. O elemento linguístico constitui uma debreagem enunciativa temporal.

Em sua abordagem, Benveniste trata de pronomes demonstrativos. Mais especificamente, os demonstrativos, pois são organizados com os indicadores de pessoa. De acordo com o teórico, “Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa”. (BENVENISTE, 1976, p. 279).

Têm-se, associados à mesma referência, os advérbios “aqui” e “agora”. Esses elementos determinam a instância espacial e temporal correspondente a atual instância do discurso em que “eu” se constitui. O autor ressalta que essa série não se limita a aqui e agora. Ela, na verdade, possui um grande número de termos simples ou complexos que representam o mesmo tipo de relação: hoje, ontem, amanhã, em três dias, etc. (BENVENISTE, 1976).

Definir esses termos pela dêixis, como se fazia, em nada acrescenta. A dêixis se define pela instância do

discurso, pois aí se tem o indicador de pessoa e/ou de tempo e/ou de espaço. Dessa referência, é que o demonstrativo conclui a unicidade e particularidade de seu caráter. Portanto, o essencial é a relação entre o indicador, seja esse de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado etc. e a presente instância de discurso. (BENVENISTE, 1976).

O pronome possessivo “sua” é identificado novamente. O enunciado apresentado é similar ao do excerto anterior em que o mesmo tipo de elemento aparece. No enunciado “Viver modelos pré-concebidos de relacionamentos é o mesmo que decretar a *sua* própria infelicidade”, o pronome possessivo refere-se a “você” (pronome de tratamento, portanto, a princípio uma referência àquele com quem se fala), cujo escopo é mais amplo e pode, inclusive, possibilitar uma retomada da primeira pessoa do plural ou referir-se a qualquer pessoa que se submeta a “viver os modelos pré-concebidos”.

Na mesma linha, a locução pronominal “a gente” aparece também. Essa locução possui valor pragmático do pronome subjetivo “nós”, mas, do ponto de vista da marcação verbal de pessoa, gramaticalmente equivale-se à terceira pessoa do singular “ela”. O pronome “nós”, assim como a locução “a gente”, implica em, pelo menos, duas pessoas (“eu” + “não-eu”). No enunciado, a locução “a gente”, especialmente, refere-se aos praticantes de amores múltiplos, no qual o enunciador (“eu”) está incluído.

O pronome de tratamento “você” e o pronome possessivo “sua” aparecem novamente. Como já afirmamos anteriormente, esses elementos possuem um escopo que pode ser ampliado, fazendo referência a “qualquer um”, “qualquer pessoa”, inclusive o enunciador.

O pronome pessoal reto “eu” constitui uma debreagem enunciativa actancial. O “eu” é instaurado no enunciado, em que a subjetividade é demonstrada, sem uma tentativa de neutralidade. Os elementos “elas”, “se” e “delas” fazem referência ao actantes do enunciado, caracterizando uma debreagem enunciativa actancial. Esses elementos estabelecem distância, em que se tenta passar objetividade. O tom subjetivo dilui-se.

Através dos elementos “você”, “seu” (três vezes) e “você”, o enunciador se refere ao seu enunciatário, estabelecendo uma comunicação direta. Ao instituir o “tu” da troca comunicativa, institui também, de forma pressuposta, a pessoa subjetiva “eu”. Esses elementos constituem uma debreagem enunciativa actancial.

Por fim, aparecem, respectivamente, os elementos “gente” e “a gente”. Tais elementos, como já afirmado anteriormente, são sinônimos da primeira pessoa do plural, “nós”. Caracterizam uma debreagem enunciativa actancial (não é possível a existência sem o “eu”), o enunciador se soma a um grupo que vive uma prática específica.

### 2.1.1 Interpretando os dados

Fiorin (1996), baseando-se em Benveniste, declara que o sujeito é tomado como referência, pois todo espaço e tempo são organizados em torno dele. Assim, eles estão na dependência do “eu”, que neles se enuncia. O espaço do “eu” é o “aqui” e o “presente” é o tempo em que o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve coincidem. É a partir desses dois elementos que todas as relações temporais e espaciais são organizadas.



Nos excertos analisados, foi nos possível identificar que as relações espaciais são inexistentes. Não identificamos nenhum elemento linguístico referente à categoria espacial. Além das formas verbais, são poucos outros tipos de elementos referentes à categoria temporal. Mais especificamente, quatro, sendo que um deles se repete duas vezes. No entanto, há um grande (e diverso) número de elementos relacionados à categoria de pessoa. Isso aponta para um forte aspecto subjetivo e esse é, em todos os excertos da postagem, retomado.

Quanto à ausência de traços linguísticos referentes à categoria espacial, Fiorin (1996) afirma que o espaço é, das três categorias da enunciação, a menos estudada. Ele propõe que a razão disso seja porque, ao ser comparada à categoria de pessoa e tempo, ela tem menor relevância no processo de discursivização.

Fiorin, citando Benveniste, afirma que há dois tipos de espaço, denominados espaço linguístico e espaço tópico. O espaço linguístico, mais especificamente, ordena-se a partir do lugar do ego, situado no centro e ponto de referência da localização. O espaço tópico, por outro lado, conceptualizado nas línguas assinala a emergência da descontinuidade na continuidade.

As línguas estabelecem esse espaço seja como uma posição fixa em relação a um ponto de referência, seja como um movimento em relação a uma referência. Da mesma forma que o tempo crônico pode ser assinalado a partir do momento da enunciação (por exemplo, “há dois dias”, “dentro de três semanas”) ou de um marco temporal instalado no enunciado (por exemplo, “dois meses antes”, “mil anos depois”), o espaço tópico é determinado quer em relação ao enunciador (por exemplo, “à minha esquerda”, “atrás de mim”), quer em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado (por exemplo, “na frente da igreja”, “à direita da estátua”). (FIORIN, 1996, p. 262).

A singularidade do espaço linguístico é, de acordo com o autor, a mesma característica que Benveniste (1974) apontara para o tempo, definido e ordenado em função do discurso. Assim como o tempo, o espaço possui um centro gerador no espaço da enunciação, o “aqui”. (FIORIN, 1996).

O enunciador, cada vez que usa os morfemas gramaticais do *hic*, situa os corpos no seu espaço. Ele não é nem uma posição fixa nem um movimento que é efetuado sobre uma certa dimensão do espaço porque os admite todos, mas não determina nenhum. Toda vez que alguém toma a palavra, ele é novo, reinventado. O “aqui” que se desloca ao longo do discurso, mas permanece sempre “aqui”, cria espaço de “não-aqui”. Somente esse espaço, o espaço axial do discurso, que é sempre implícito, é inerente à linguagem. (FIORIN, 1996).

O espaço linguístico é o do “eu”, mas, ao falar, meu interlocutor o aceita como seu também. Quando se transforma em enunciador, é a sua espacialidade que se converte na minha. Essa condição é a de inteligibilidade da linguagem. (FIORIN, 1996).

Dessa forma,

comporta suas próprias demarcações e seus próprios limites, independentes daqueles do espaço tópico. Um aqui é o lugar de onde alguém fala, podendo estar à esquerda ou à direita, em cima ou embaixo de x. Para sabermos onde é o aqui, é preciso saber onde se dá a enunciação, pois, isolado, esse termo não remete a nenhuma posição do espaço tópico e subsume-as todas. Por isso, quando a situação enunciativa não é partilhada, é necessário especificar, com uma posição do espaço tópico, o lugar da enunciação, como se faz, por exemplo, nas cartas, em que se indica o lugar de onde se inscreve. (FIORIN, 1996, p. 263).

Essa ausência nos possibilita depreender que não há UM espaço físico apontável, mas diversos, sendo eles correspondentes à realidade material ou não, mas algo íntimo, resgatado da memória. O espaço físico pode ligar-se ao cotidiano mais banal e universal da vida humana: o onde do trabalhar, o onde do lazer, o onde do morar etc. que funcionam como cenários para todos os tipos de relacionamentos humanos.

Já em relação à categoria temporal, Benveniste afirma que se tem, independente da língua, certa organização linguística a respeito da noção de tempo. Sempre a referência é ao presente. “Ora, esse “presente”, por sua vez, tem como referência temporal um dado linguístico: a coincidência do acontecimento descrito com a instância de discurso que o descreve. A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso.” (BENVENISTE, 1976, p. 289).

As locuções adverbiais e os adjuntos adverbiais encontrados, apesar de poucos, esclarecem-nos que se trata de um tempo do enunciado, não-concomitante ao da enunciação, um tempo anterior. Todos os elementos (“algumas vezes já”, “sempre”, “já” e “aquele”) remetem a experiências passadas, vivências, que hoje influenciam o enunciador. Os tempos verbais, no entanto, referem-se ao passado, presente e futuro. As conjugações no presente, referentes à instauração do “eu” na enunciação, são maioria, 17. Já os tempos verbais enuncivos, não-concomitantes, são 5 no passado e 4 no futuro, representados pelos verbos no imperativo.

A categoria de pessoa foi a mais utilizada. Foram trazidos para a construção textual os mais variados tipos de elementos: pronomes pessoais do caso reto, pronomes oblíquos, pronomes possessivos e desinência número-pessoais. O tom subjetivo encontrado na postagem é confirmado pelo número de debreagens enunciativas encontradas, foram 57 em 78 ocorrências. O enunciador apresenta sua subjetividade de maneira direta, sem tentativas de neutralidade ou afastamento, mesmo quando expressa um sujeito coletivo, pelos elementos “nós” ou “a gente”, ou pelo pronome de tratamento “você”, o “eu” ainda é predominante.

Somente 14 ocorrências se referem à debreagem enunciva. Esse tipo de debreagem, diferentemente da anterior, traz os actantes do enunciado, ou seja, “ele/ela” – “eles/elas”. As terceiras pessoas do discurso remetem ao sujeito indeterminado, em que não é possível a identificação do actante. Eliminar as marcas de enunciação no texto, fazendo com que o discurso se construa apenas como enunciado enunciado, promove a objetividade como um efeito de sentido. (FIORIN, 1996).

A embreagem não foi utilizada. Essa estratégia discursiva realiza o retorno à enunciação, negando a instância do enunciado e possibilitando, assim, um feito de neutralidade.

### **2.3 Interdiscursividade/ Memória enunciativa/ Formações discursivas e o Poliamor**

Procurando definir a própria concepção de sentido, Guimarães (1995) afirma que a significação deve ser vista a partir do que se redefiniu como exterior em Saussure. Mais especialmente, a inclusão da história. A questão do sentido deve ser tratada como uma questão enunciativa em que a enunciação seja vista historicamente.

(...) a significação é histórica, não no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência. Sua materialidade é esta historicidade. A construção desta concepção de significação se faz para nós na medida em que consideramos que o sentido deve ser tratado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo. (GUIMARÃES, 1995, p. 66).

Aproximando-se da Análise do Discurso, ele considera de extrema importância o conceito de interdiscurso para a semântica histórica da enunciação. Assim, é chamado de interdiscurso a relação de um discurso com outros. Essa relação, no entanto, não acontece através de discursos “empiricamente particularizados *a priori*” (GUIMARÃES, 1995, p. 66), mas são as próprias relações entre discursos que possibilitam a particularidade que constitui todo discurso. Um discurso se realiza como trabalho sobre outros discursos.

Em o *Papel da Memória* (2010), Michel Pêcheux afirma que a memória deve ser entendida não como “memória individual”, no sentido psicologista, mas como “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.” (PÊCHEUX, 2010, p. 52). Ele discute a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa que se estende em uma dialética da repetição e da regularização:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Citando Achard (2010), Pêcheux afirma que, para este, nunca encontraremos explicitamente o discurso do implícito, sob uma forma consolidada. Sob a repetição, haveria, a produção de um efeito de série em que uma regularização se iniciaria. Nela, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase, localizam-se os implícitos. No entanto, ainda citando Achard, Pêcheux afirma que essa regularização discursiva pode ser derrubada sob o peso de um acontecimento discursivo novo que vem perturbar a memória. (PÊCHEUX, 2010).

Entretanto, o acontecimento discursivo, para Pêcheux, ao provocar a interrupção, pode causar a queda da “regularização” e, dessa forma, produzir sob a primeira outra série, desmascarando o surgimento de uma nova série que ainda não estava constituída - produto do acontecimento. Os implícitos ligados ao sistema de regularização são movidos por ele. Haveria, então, sempre um jogo de força na memória, focando-se no choque do acontecimento.

Fazendo uma síntese importante sobre a memória, Pêcheux observa que ela não pode ser entendida como uma esfera plena, com os acontecimentos transcendentais históricos como bordas e como seu conteúdo um sentido homogêneo, que vai se acumulando como um reservatório. Ela é, na verdade, “um espaço móvel de divisões, disjunções, deslocamentos, retomadas e de conflitos de regularização”. Para o autor, a existência do outro interno em toda memória indica que não há memória sem exterior. (PÊCHEUX, 2010, p. 56).

Para Pêcheux (1997), o sentido de uma palavra ou expressão não existe em si mesmo, mas é determinado pelas

posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico no qual as palavras são produzidas. Ou seja, elas mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as utilizam, o sentido é adquirido em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se instalam.

O autor chama de formação discursiva, aquilo que,

numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

De acordo com Guimarães (1995), um significado relaciona-se ao cruzamento de posições de sujeito. Por exemplo, um enunciado pode trazer o discurso linguístico-lexicológico, o discurso moral do senso comum etc., organizados sob aparência de unidade construída pela posição de autor. Sendo assim, o teórico afirma que a relação de funcionamento da língua é com o interdiscurso e não com a situação. E esse aspecto é o que dá a historicidade da língua. (GUIMARÃES, 1995).

Ao discorrer sobre a enunciação, o autor pontua que ela é um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que acontece como espaço de memória no acontecimento. (GUIMARÃES, 1995). É um acontecimento realizado porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. Portanto, quando o indivíduo se vê interpelado como sujeito e se encontra como identidade, é que a língua se põe em funcionamento.

Para ele, o sentido de um enunciado são os efeitos de sua enunciação.

[...] são os efeitos do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento. Assim o sentido não é efeito da circunstância enunciativa, nem é só memória. O sentido são efeitos da memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento. (GUIMARÃES, 1995, p. 70).

O sentido construído pela postagem deve ser visto, como afirma Guimarães (1995), a partir da questão enunciativa e essa, entendida a partir de uma concepção histórica, determinada pelas condições sociais, discursivas. Por isso, o poliamor é simbolizado por meio de uma trama imensa, em que diferentes discursos podem ser regatados na memória da língua para a constituição do seu discurso.

Poligamia é coisa de quem não quer firmar compromisso nenhum. É coisa de moleque mimado que quer comer todo mundo ou coisa de piranha. (Excerto 1)

O item lexical *poligamia* inicia a postagem. A escolha desse item lexical pode ser problemática vista a partir do “discurso do poliamor”, pois muitos poliamoristas incomodam-se com esse uso. Para eles, poligamia pressupõe assimetria de gênero, ou seja, tem-se UM homem com várias mulheres, a quem é negado o mesmo direito, sujeitas a penas duríssimas caso o violem. O discurso do poliamor prega, diferentemente, que todos os praticantes tenham os

mesmos direitos. Isso, aliás, é essencial. No entanto, como afirma Pilão (2012, p.68), “[...] poligamia é muitas vezes usado como sinônimo, inclusive entre poliamoristas, sendo ainda mais recorrente a identidade poliamorista ser precedida pela “poligâmica [...]”. A escolha lexical mostra-se também incoerente por que, antes do texto verbal propriamente dito da postagem, têm-se três palavras-chave: *amor; Daniel; poliamor*.

É possível considerarmos que o sujeito, nesse enunciado, reproduz um dizer que é vinculado ao discurso monogâmico. Dentro da monogamia, lugar de onde parte o sujeito, não há diferença entre poliamor e poligamia. No restante do enunciado, a poligamia é associada à promiscuidade (“É coisa de moleque mimado que quer comer todo mundo ou coisa de piranha”). Esse tipo de discurso é extremamente comum quando se quer reprovar uma prática, que também é associado à homossexualidade. Dificilmente encontra-o vinculado aos chamados “homens de bem” que, apesar de se dizerem monogâmicos e heterossexuais, estão constantemente se relacionando sexualmente com outras pessoas.

Cidadãos de bem nunca pensariam nisso, gente bem criada entende que um bom casamento e uma relação longínqua entre duas pessoas – mas só se forem heterossexuais – é o futuro perfeito para alguém. (Excerto 1)

Nesses enunciados, nos quais o enunciador ainda reproduz falas de outrem, outros tipos de discursos podem ser resgatados. A expressão “cidadãos de bem” refere-se ao discurso conservador, da moral e dos bons costumes. Esse tipo de discurso apresenta modelos bem delimitados de COMO se viver a vida de maneira “certa”. É um discurso largamente compartilhado na nossa sociedade brasileira atual. Ele se opõe fervorosamente contra algumas questões, principalmente contra qualquer avanço relacionado às minorias (questões LGBT e de gênero).

Apoiado, geralmente, no discurso religioso, esse discurso recorre a passagens da bíblia para se legitimar. No complemento da expressão “cidadãos de bem”, os dizeres “nunca pensariam nisso” acionam uma memória discursiva em que faz sentido com algo como “somente pensar em algo pecaminoso já é pecar” pregado pela bíblia em Mateus 5:27-28<sup>23</sup>.

O discurso conservador, ainda, apoia-se no discurso da família. Com os dizeres “gente bem criada entende” faz referência ao dizer simplista de que uma boa criação é a fórmula certa para evitar qualquer “desvio” na vida adulta. O discurso da monogamia, para complementar o leque dos discursos que compõem o discurso moralista, é trazido também no mesmo enunciado. “Um bom casamento e uma relação longínqua entre duas pessoas” defende que a monogamia é o modelo de relacionamento “verdadeiro”, “de Deus” e que todos os relacionamentos devem segui-lo.

Por fim, podemos identificar o discurso da heteronormatividade (“mas só se forem heterossexuais”). Esse

---

<sup>23</sup> “Eu, porém, vos digo, que qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, em seu coração, já cometeu adultério com ela.” Matheus 5:28. Bíblia King James Atualizada. Disponível em <http://bibliaportugues.com/matthew/5-28.htm>. Acesso em dezembro de 2015.

discurso, baseado também na bíblia<sup>24</sup>, afirma que relacionamentos afetivos ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo são contra a natureza e, por isso, são pecaminosos e imorais.

Os dizeres desses diferentes discursos constituem, através do seu entrecruzamento, uma trama discursiva maior, a qual nos referimos como discurso conservador. Os enunciados que se seguem ilustram o funcionamento do interdiscurso na constituição do discurso do poliamor.

Ouvi esse trecho acima algumas vezes já. Enquanto alguns sonham em encontrar o amor da sua vida, o Príncipe Encantado ou a atriz pornô sueca, outros pensam apenas em conhecer pessoas e compartilhar seus mundos. (Excerto 1)

E acho que restringir a sua vida a uma única pessoa é decretar infelicidade a ambos. Imagina só ser responsável por todas as expectativas, frustrações, desejos (emocionais e sexuais) de alguém, além de privar essa pessoa de conhecer outros mundos? (Excerto 4)

E tentam fazer de você um peão do Jogo da Vida que deve circular por aquele velho tabuleiro conhecido. Viver modelos pré-concebidos de relacionamentos é o mesmo que decretar a sua própria infelicidade. (Excerto 5)

O discurso da monogamia é identificado nesses enunciados sob o olhar da contrapalavra bakhtiniana. Para o autor, “cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.” (BAKHTIN, 2006, p.135). Ao afirmar “alguns sonham em encontrar o amor da sua vida”, o enunciador se refere a um dos ideais da monogamia de que há, para cada pessoa, uma alma gêmea (“o Príncipe Encantado”, “a atriz pornô sueca”, a tampa para a panela, o chinelo velho para o pé cansado) só esperando ser encontrada. Outro ideal da monogamia, diretamente relacionado a esse, apresenta que somos “metades” buscando a completude através do amor. Esses ideais transformam o amor em uma busca eterna, pois, mesmo encontrado/a um/a parceiro/a, ainda se acredita estar em meio a uma busca devido às altas expectativas que cercam a monogamia.

Para muitos, em alguns relacionamentos monogâmicos, não há um relacionamento verdadeiro, mas apenas um jogo de projeções que pode levar a duríssimas decepções. O romantismo, muito presente nos relacionamentos ocidentais, é apontado como um dos fatores responsáveis pela alta expectativa e, de certa forma, ilusão que se apresenta. Espera-se muito: que a outra pessoa seja perfeita (que ela não tenha manias, que ela não se irrite, que ela não tenha também necessidades), que os gestos românticos nunca se esgotem, que seja fácil duas pessoas diferentes morando sobre

<sup>24</sup> Levítico 18:22; Romanos 1: 26-27; I Coríntio 6:9.

o mesmo teto, etc.

Difícilmente há companheirismo em relações que se baseiam nesses princípios, relações em que pessoas sirvam como ponto de apoio. Há jogos, dúvidas, medos. Para muitas pessoas, é emocionante, elas gostam de viver assim. No entanto, nos últimos anos, uma mudança parece estar acontecendo na concepção de qual seria a melhor maneira de se relacionar. A pós-modernidade demanda diferentes necessidades, o que provoca essa mudança nos relacionamentos humanos.

Eu sou uma delas, e antes que você me ataque como a maioria faz, digo que isso não é nenhum problema ou uma daquelas anomalias psicológicas que Freud adoraria tratar. (Excerto 1)

A última parte do enunciado remete ao discurso científico, mais especificamente ao discurso da psiquiatria. O enunciador remete o poliamor, na primeira linha, à promiscuidade e, na última, a uma doença mental. De qualquer forma, o poliamor, do lugar de enunciação do discurso conservador, é vinculado a um desvio, como tudo que sai da “normalidade”. O enunciador situa o discurso do outro para rebater o seu próprio discurso, podemos mais uma vez retomar o conceito de contrapalavra de Bakhtin.

No meio dessas expectativas todas, eu sempre me enxerguei de um modo diferente: gostava sempre de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Cheguei a me apaixonar perdidamente por três garotas no jardim de infância. Mais duas no ensino médio. Mais algumas mais tarde. Mesmo sendo claro e dizendo abertamente que me sentiria infeliz se tivesse que abrir mão de uma das pessoas pela qual me apaixonei, continuavam me empurrando prum muro. (Excerto 3)

Deixe-me ser claro: eu já fiz uma escolha. E estou apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo. Consigo viver com as duas pro resto da minha vida (ou até o sentimento durar), mas não preciso escolher uma só. Eu concordo, elas concordam. O relacionamento funciona e elas podem se relacionar com quem elas quiserem. Eu funciono bem apenas tendo as duas. (Excerto 4)

Como a Aline do seriado, eu me divido entre duas pessoas que me completam. (Excerto 4)

A gente não merece isso, ainda mais em algo que deveria ser prazeroso, ainda mais se você descobre que não existe só uma pessoa para ocupar um espaço bonito na sua vida. Assim como eu, muitas pessoas funcionam desse jeito. Elas amam mais de uma pessoa e se relacionam de um jeito só delas. E não, isso não é traição. Não, também não é indecisão ou falta de vergonha na cara. É só uma forma de manifestar amor, assim como você manifesta no seu casamento, ou no seu namoro, ou em qualquer que seja seu modelo de relacionamento. (Excerto 5)

Nesses recortes, podemos identificar o discurso do poliamor. Há enunciados que fazem referência aos amores

múltiplos, em que não há limitação a uma única pessoa para que aconteça um relacionamento afetivo profundo. Já outros, referem-se à honestidade que, para muitos, é essencial ao poliamor. Todos os envolvidos devem estar cientes do que acontece ou está para acontecer. Deve haver concordância.

Há também dizeres que remetem a um argumento fortemente utilizado pelos poliamoristas: a completude. Para eles, ao se relacionarem com várias pessoas, são complementados. Não há “alma gêmea”, um parceiro que complete 100% do outro. Por isso, vários. Assim, as lacunas deixadas por um dos “namorados” é preenchida por outros. Esse argumento, no entanto, também é utilizado no discurso da monogamia. Com a diferença de que, para os monogâmicos, a completude pode ser alcançada a partir do relacionamento com somente UMA pessoa, pois se tem um encaixe perfeito.

O poliamor aparece, em muitas vezes, acompanhado de enunciados que buscam legitimá-lo, demonstrar que ele é um tipo de relacionamento como qualquer outro e, portanto, deve ser respeitado. As pressões sociais sofridas em uma sociedade predominantemente monogâmica são constantemente mencionadas. Os ecos que verbalizam *Escolha!* parecem sempre rondar as cabeças de poliamoristas. Essas, por sua vez, já possuem argumentos prontos: Poliamor não é traição! Poliamor não é indecisão! Poliamor não é falta de vergonha na cara! Essa sequência de negações é reforçada pela afirmação “é só uma forma de manifestar amor”.

## 2.4 Narrativas de vida

Em todos os aspectos analisados desta postagem, podemos identificar elementos linguísticos e discursivos que se referem à subjetividade. Encontramos inúmeros elementos que indicam a situação de enunciação (“eu”, “agora”), assim como elementos que fazem referência a um tempo anterior que se relacionam à experiência humana, a diferentes vivências. Esses elementos exemplificam o que Amaral, Recuero & Montardo (2009) haviam afirmado a respeito do uso dos blogs como diários, espaços de expressão pessoal, em que se publicavam relatos, experiências e pensamentos do autor.

Leonor Arfuch (2010), para o desenvolvimento de sua argumentação em *O espaço biográfico*, baseia-se em Bakhtin, mais precisamente na sua teoria dos gêneros discursivos. Para a autora, são agrupamentos constituídos pela heterogeneidade e estão, constantemente, sujeitos à hibridação em meio ao processo da interdiscursividade social. O *outro*, dessa forma, é visto como figura determinante de toda interlocução. (ARFUCH, 2010). O dialogismo, visto como dinâmica natural da linguagem, da própria cultura e sociedade, possibilita perceber o resultado final que cada uma das formas realiza.

Além disso, ela apresenta:

[...] a concepção bakhtiniana do sujeito habitado pela alteridade da linguagem, compatível com a psicanálise, habita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da falta, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que encontra, segundo minha hipótese, no *valor biográfico* – outro dos conceitos bakhtinianos – enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à (própria vida), uma ancoragem sempre renovada. (ARFUCH, 2010, p. 29-30) (Grifos da autora).



Arfuch argumenta que o narrar da própria vida como expressão de interioridade e afirmação de si mesmo se relaciona ao caráter universal do relato postulado por Barthes (1974) e à ilusão da eternidade, que acompanha toda objetivação da experiência, como aponta Lejeune (2008). É indissociável, para ela, da consolidação do capitalismo e do mundo burguês, o surgimento de um eu como garantia de uma biografia. (ARFUCH, 2010).

Efetivamente, é no século XVIII – e, segundo certo consenso, a partir das Confissões de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre a indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências, traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente. (ARFUCH, 2010, p. 35-36).

Na postagem analisada, chama-nos atenção, primeiramente, o substantivo “manifesto” no título. Essa palavra, de acordo com o dicionário informal<sup>25</sup>, é uma “declaração pública ou solene das razões que justificam certos atos ou fundamentam certos direitos”. Pensando no conceito de dialogismo ao qual a autora se refere, é possível percebermos a presença do outro como constitutiva, como determinante para a escrita da postagem. Quase como um ato político, “um manifesto a favor do poliamor”, como é expresso pelo título, é uma resposta, uma quebra ao silenciamento que tem envolvido o tema, uma forma de estabelecer o modelo de relacionamento como real, praticado por seres humanos “normais”, que buscam se distanciar dos estereótipos preconceituosos relacionados à prática, e que, como qualquer pessoa, demandam respeito.

Nas primeiras linhas da postagem, muito precisamente, o enunciador apresenta a que responde: ele reproduz dizeres já ouvidos em relação ao poliamor. Todos esses dizeres trazem colocações negativas que cercam o modelo de relacionamento. Além disso, é possível identificarmos um tom biográfico, vivencial, como se o enunciador fizesse um resgate em suas memórias.

Na estrutura textual, geralmente, o primeiro parágrafo é apontado como a introdução, contextualização do assunto. Nessa postagem, não é diferente. No entanto, além de introduzir o tema, de posicionar o leitor no contexto específico, o primeiro parágrafo pode ser entendido como a “motivação” da escrita do manifesto. É como se, para o sujeito-autor, já não fosse mais possível continuar com aquela situação, era o momento para uma atitude, era hora de uma resposta.

Ame e deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor

Poligamia é coisa de quem não quer firmar compromisso nenhum. É coisa de moleque mimado que quer comer todo mundo ou coisa de piranha. Cidadãos de bem nunca pensariam nisso, gente bem criada entende que um bom casamento e uma relação longínqua entre duas pessoas – mas só se forem heterossexuais – é o futuro perfeito para alguém. (Parágrafo 1)

<sup>25</sup> Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/manifesto/>. Acesso em janeiro de 2016.

Questionando-se a respeito da especificidade da autobiografia, Arfuch, citando Lejeune, apresenta que a diferença proveniente da leitura de Confissões não é a revelação da intimidade ou o devir de uma vida em uma temporalidade específica. Diz respeito, na verdade, ao lugar dado ao outro, “esse leitor que se presume inclemente e que se tenta exorcizar a partir da interpelação inicial, por meio da explicação de um pacto singular que o inclui, o pacto autobiográfico.” (ARFUCH, 2010, p. 51-52).

Reconhecendo a importância das considerações de Lejeune sobre autobiografia, a autora apresenta a definição do estudioso. Assim, para Lejeune (2008), é uma escrita retrospectiva, um relato em prosa que uma pessoa faz sobre suas experiências. No entanto, para a obra de Arfuch, como ela mesma esclarece, a definição de autobiografia de Lejeune é mais referencial do que pragmática, pois ela teoriza seu objeto de maneira distinta.

No segundo parágrafo, o enunciador continua com a contextualização e introduz sua linha de argumentação. O caráter biográfico da postagem pode ser localizado nos enunciados “Ouvi esse trecho acima algumas vezes já e Eu sou uma delas, e antes que você me ataque como a maioria faz, digo que não é nenhum problema ou uma daquelas anomalias psicológicas que Freud adoraria tratar”. Neles, um tom narrativo, em que a experiência vivencial é apresentada, pode ser localizado.

Além disso, o “eu”, para desenvolver sua argumentação, utiliza-se de diferentes “pontos de vista” para dar legitimidade ao seu olhar. O enunciador demonstra que todas as pessoas buscam algo em relacionamentos, o que é, aparentemente, comum. No entanto, “as buscas” demonstram necessidades diferentes: “Enquanto alguns sonham em encontrar o amor da sua vida, o Príncipe Encantado ou uma atriz pornô sueca, outros pensam apenas em conhecer pessoas e compartilhar seus mundos”. A busca do enunciador é apresentada como genuína, já as outras podem ser entendidas como artificiais, fúteis e infantis. Ele demonstra, com essas escolhas linguísticas, que a sua busca é pela essência, pelo verdadeiro e, por isso, legítima.

Ouvi esse trecho acima algumas vezes já. Enquanto alguns sonham em encontrar o amor da sua vida, o Príncipe Encantado ou uma atriz pornô sueca, outros pensam apenas em conhecer pessoas e compartilhar seus mundos. Eu sou uma delas, e antes que você me ataque como a maioria faz, digo que não é nenhum problema ou uma daquelas anomalias psicológicas que Freud adoraria tratar. (Parágrafo 2)

Dois questões essenciais são tratadas por Arfuch. A primeira relaciona-se ao reconhecimento imediato por parte do leitor de um “eu de autor”, propondo a coincidência entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. No entanto, é uma tarefa que beira o impossível, pois quem é o eu que diz eu? Já na segunda questão, a autora cita Lejeune, quem, propondo uma alternativa para a primeira questão, aposta no nome próprio (assinatura). Para ela, entretanto, ele não chegou a uma solução já que existem os pseudônimos, os desdobramentos, passagem à segunda pessoa, à terceira etc. (ARFUCH, 2010).

Devido a essa impossibilidade, a teórica afirma que Lejeune propõe o pacto autobiográfico entre autor e leitor, o que separa, assim, crença e verdade. Para Lejeune (2008), o pacto acontece como um contrato de identidade que é firmado pelo nome próprio. Referindo-se, ainda, a tal dificuldade, Arfuch justifica o seu uso da expressão *espaço biográfico*. Ela afirma que, apesar do fato de muitas obras serem consensualmente autobiográficas, fez-se uma decisão epistemológica ao utilizar espaço biográfico. Essa decisão “parte da não coincidência essencial entre autor e narrador, resistente inclusive ao efeito de “mesmidade” que o nome próprio pode produzir.” (ARFUCH, 2010, p. 62).

Em relação à postagem em análise, ainda que ela seja assinada por Daniel Oliveira – e o nome, seguido por uma breve biografia e foto - o “eu”, enunciador e narrador que se expressa e se constrói no texto, é um sujeito de linguagem, discursivo.

O conceito de valor biográfico, por sua vez, é apresentado para explicar e descrever o número cada vez maior de narrativas vivenciais e o seu impacto na (re)configuração da subjetividade contemporânea. O conceito foi postulado por Bakhtin quando realizava análise de diversos gêneros literários como a autobiografia, biografia, confissão etc. O conceito, mais especialmente, refere-se às formas em que a vida, como cronotopo, tem importância. (ARFUCH, 2010).

Há diferentes tipos de valor biográfico: “valor heróico, transcendente, que alimenta desejos de glória, de posteridade; outro cotidiano, baseado no amor, na compreensão, na imediaticidade; e, ainda, é perceptível um terceiro, a “aceitação positiva do fabulismo da vida”, ou seja, do caráter aberto, inacabado, cambiante, do processo vivencial, que resiste a ser fixado, determinado, por um argumento. (ARFUCH, 2010, p. 70).

Pensando a postagem em relação a um tipo de valor biográfico, podemos aproximá-la ao valor cotidiano, que se baseia no amor e na compreensão, na imediaticidade. O “eu” se apresenta sempre movido pelo amor verdadeiro, que, no seu caso, está relacionado à impossibilidade de escolha: ele ama mais de uma pessoa. É possível analisarmos, também, a partir do valor heróico, já que, apesar de todas as dificuldades encontradas por amar mais de uma pessoa, ele não cede, continuando na sua busca pela felicidade ao não fazer o que outros querem. Além da felicidade alcançada por viver o que sua essência pede, ele ainda atinge a glória pela sua virtude e honra, pois quebra com a “tradição” de seus pais, que, apesar de infelizes, viviam de aparências.

Arfuch afirma que não é o conteúdo do relato, mas as estratégias de autorrepresentação que importam.

Não tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de outro eu. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, significante. (ARFUCH, 2010, p. 73).

De maneira geral, na postagem, tem-se um grande número de elementos linguísticos (pronomes subjetivos, oblíquos e possessivos; desinências número-pessoais) que representam a situação de enunciação (“eu”, “agora”). Esses elementos demonstram uma estratégia de subjetivação, de individualidade, em que o “eu” apresenta-se como o regente do ponto de vista. Isso confirma o tom biográfico da postagem já que, com a recorrência do “eu”, acredita-se se tratar da

história de uma vida, de suas experiências pessoais. No entanto, o sujeito empírico desse “eu”, não necessariamente, viveu tudo o que escreve ter vivido. Ao assumir um papel, o “eu” assume também narrativas e experiências biográficas.

Em alguns momentos, no entanto, o “eu” transforma-se, levando à identificação entre o “eu” e o leitor do blog. A vida do “eu” passa, então, a ser também a vida do *leitor*. Essa estratégia de representação aproxima os interlocutores, o que pode levar o leitor a pensar “eu vivo exatamente isso” e, se ele quiser, pode se expressar, falar também das suas experiências pessoais - no campo dos comentários no final da página. A identificação que acontece entre as subjetividades provoca uma expressão coletiva, social, em que há o compartilhamento das individualidades.

Contrário à ideia de pacto autobiográfico, Paul De Man, de acordo com Arfuch, propõe considerá-la uma figura do entendimento, da leitura, que pode aparecer, de certa forma, em todos os textos. Ele chama de “momento autobiográfico” o que decorre do alinhamento entre dois sujeitos envolvidos no processo de leitura e a partir do qual eles se determinam mutuamente. Torna-se explícita, dessa forma, a estrutura especular - o autor afirma ser seu próprio objeto de conhecimento. (DE MAN, 1984, p. 68 APUD ARFUCH, 2010, p. 76).

Essa posição, cujo ponto limítrofe é evidentemente que toda escrita é autobiográfica, encontraria certo equivalente na possibilidade, que percebemos uma e outra vez em nossa indagação, de plasmação do “momento” autobiográfico, apesar de o objeto do discurso ser outro (...) afirmando a pertinência de priorizar, para nosso tema, o deslocamento metonímico (formal, retórico) sobre a classificação taxonômica ou a suposta homogeneidade genérica. (ARFUCH, 2010, p. 76).

De acordo com Arfuch (2010), o surgimento do espaço biográfico foi essencial para a afirmação do sujeito moderno, além de delinear os limites incertos entre o público e o privado e, assim, a incipiente articulação entre o individual e o social. Essa relação leva do uno ao múltiplo, do “eu” ao “nós”.

Utilizando-se da concepção bakhtiniana da interdiscursividade, em que um simples fato que ocorre está dialogicamente relacionado a outro, sem a possibilidade de definição de uma origem, a autora observa que a ascensão do íntimo pode ser identificada como resposta a fatos sociais como o desencantamento com a política, a ilusão de igualdade e a própria monotonia das vidas. Ela se questiona a respeito das divergências entre aspirações sociais e as possibilidades de sucesso efetivo que evidencia a luta pela singularidade do eu, numa sociedade que nega a diferença. (ARFUCH, 2010).

Da mesma forma que esse engrandecimento da individualidade pode romper laços sociais e consolidar o império do mercado (o desejo, consumismo), pode também significar uma nova intimidade: políticas da diferença rompem com o velho modelo único das vidas felizes, modelos prévios que devem servir para todos. Ela cita, como esses modelos, o casamento heterossexual, a descendência etc. (ARFUCH, 2010).

Arfuch ressalta que, nesse espaço, a lógica compensatória está em jogo. O vazio que constitui o sujeito ressalta a necessidade constante de identificação. Através das narrativas, busca-se uma hipotética completude. (ARFUCH, 2010).

Assim, poderíamos falar não somente de perdas, mas também de chances, não apenas do excesso de individualismo, mas também da busca de novos sentidos na constituição de um nós. Porque, e isso é essencial, sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas ciências sociais. (ARFUCH, 2010, p. 99-100).

Ela apresenta a articulação indissociável entre o “eu” e o “nós”, as formas como as diferentes narrativas podem abrir possibilidades de autocriação, assim como imagens e identificações múltiplas, que não fazem parte dos coletivos tradicionais, consolidam o jogo das diferenças como uma qualidade da democracia. Novas narrativas, novas identidades sejam elas políticas, étnicas, religiosas ou sexuais, são novos modelos de vidas possíveis e que pressupõe a pugna, o conflito. Há, dessa mesma forma, uma revalorização da ideia de minoria de Deleuze, como afirma a autora, essa ideia se relaciona ao que se difere da norma ou da normalidade, majoritária, ou da hegemonia, que é, assim, contestada. (ARFUCH, 2010).

Nessa pugna – nenhuma “nova” posição de enunciação advém de graça no espaço discursivo social -, o desafio é justamente achar uma voz autobiográfica em seus acentos coletivos – que possa dar sentido a um mito de origem, a uma genealogia, a um devir – e defender, portanto, alguma condição de existência. (ARFUCH, 2010, p. 101).

Identificamos em “Um manifesto a favor do poliamor”, como encontramos na postagem, uma narrativa que não faz parte da tradicional. Não se tem uma história de amor convencional: um homem encontra uma mulher, apaixonam-se, casam-se e têm filhos. Tem-se um homem que ama e se relaciona com mais de uma mulher e se assume assim. Não há casamento, não há filhos. Há um relacionamento afetivo e sexual entre três pessoas. Nessa nova narrativa, encontramos novas identidades. A pugna, pressuposta pelo novo, é representada pelo preconceito e ridicularização que o poliamor encontra em nossa sociedade. Ele desafia a “moral e os bons costumes”, a “família brasileira”, o “certo”, o “natural”... Ao se narrar a própria vida, contesta-se a hegemonia dos relacionamentos monogâmicos heterossexuais, contesta-se os pressupostos cristãos. “Um manifesto”, parece-me, uma forma apropriada de dar sentido a um mito de origem, de defender uma condição de existência.

A narrativa possibilita a relação entre o tempo do mundo da vida, o tempo do relato e o tempo da leitura. Para Arfuch, até o tempo se torna humano se articulado sobre um modo narrativo. Nessa perspectiva, falar do relato não só faz referência a uma disposição dos acontecimentos, mas também à maneira de estruturação da vida, da identidade e à ideia de que há uma relação que não se dá somente por acidente, mas, na verdade, um tipo de necessidade transcultural. (ARFUCH, 2010).

Para Arfuch, o caráter configurativo das narrativas, especialmente as autobiográficas e vivenciais, articula-se com o caráter narrativo da experiência. Ela cita a teórica feminista Joan Scott, quem, em seu texto, explora a análise de Raymond Willians sobre o emprego do termo “experiência” na tradição anglo-americana. O termo faz referência a dois

diferentes pontos de vista: ele apresenta não só o conhecimento obtido de acontecimentos passados, mas também um tipo de consciência particular que implica tanto em razão quanto em conhecimento, por isso a relação entre experiência e experimento que, mesmo no início do século XVIII, ainda existia. No nosso século, ao contrário, esse tipo de consciência significa uma plena e ativa informação, incluindo sentimento assim como pensamento. (ARFUCH, 2010).

No terceiro parágrafo encontramos a reunião de elementos apontados como característicos do tipo textual narrativa: tempo, espaço, personagens e foco narrativo. O “eu” da postagem, que se apresenta como um adulto, retorna a sua infância: fala da sua vida em família. Apresenta sua família (pai, mãe e dois filhos), a situação econômica (“situação estável com casa própria, algumas viagens, carro na garagem”) e afetiva de seus pais (“Meus pais me criaram com uma visão bonita do amor. Um casamento estável de 20 e tantos anos, 2 filhos bem criados”). Depois, afirma que, como toda família, a sua também tem seus dramas e os apresenta sem receios: “Nos bastidores dessa história de amor, no entanto, algumas histórias de infidelidade, algumas sessões de terapia, alguns comprimidos para dormir e resgatar da depressão e um sorriso bonito na cara pra sustentar o cenário perfeito da sociedade”.

A vida em família, essa experiência, apresenta-se como determinante para a vida adulta do narrador: “Funciona para eles, ótimo. Mas pra mim (e pra muita gente) a coisa não é bem assim”. Ele não quer viver a sua vida como a reprodução da “atuação” de seus pais para a sociedade, quer uma vida autêntica, em que seja fiel a sua essência.

A narração que se desenrola nesse parágrafo pode se apresentar como uma estratégia de argumentação, de acordo com qual ele demonstra que sua infância foi “normal”, que ser um poliamorista hoje não tem nada a ver com algum trauma sofrido nos seus primeiros anos de vida, nem com a sua estrutura familiar. Muito pelo contrário, ele teve o que, para muitos, seria uma ótima infância

Meus pais me criaram com uma visão bonita do amor. Um casamento estável de 20 e tantos anos, 2 filhos bem criados, um situação estável com casa própria, algumas viagens, carro na garagem e tudo mais. A vida perfeita convencionalmente aceita pela maioria das pessoas. Nos bastidores dessa história de amor, no entanto, algumas histórias de infidelidade, algumas sessões de terapia, alguns comprimidos para dormir e resgatar da depressão e um sorriso bonito na cara pra sustentar o cenário perfeito da sociedade. Funciona para eles, ótimo. Mas pra mim (e pra muita gente) a coisa não é bem assim. (Parágrafo 3)

No parágrafo seguinte, parágrafo 4, o “eu” apresenta pensamentos, expressões íntimas, como se fizesse um desabafo: “Quando nascemos, automaticamente entramos num jogo cheio de regras cagadas por aí. Cadê aquele termo em que eu declaro que li e aceito as regras impostas pela sociedade? Não existe. É meio como um “vai lá, campeão, se vira”. Na verdade, é bem mais um “vai lá e vive exatamente o que todo mundo espera que você viva””. É utilizada, nos termos da teoria da enunciação, para a instauração do eu, uma estratégia de neutralização: a embreagem. O enunciador usa a segunda pessoa do singular pela primeira do plural, dessa forma o eu é incluído, mas em um sujeito coletivo, que é neutralizado. Tem-se, então, um efeito de distanciamento, de neutralidade, o que, para muitas pessoas, é mais crível do que o tom subjetivo.

Quando nascemos, automaticamente entramos num jogo cheio de regras cagadas por aí. Cadê aquele termo em que eu declaro que li e aceito as regras impostas pela sociedade? Não existe. É meio como um “vai lá, campeão, se vira”. Na verdade, é bem mais um “vai lá e vive exatamente o que todo mundo espera que você viva”. No meio dessas expectativas todas, eu sempre me enxerguei de um modo diferente: gostava sempre de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Cheguei a me apaixonar perdidamente por três garotas no jardim de infância. Mais duas no ensino médio. Mais algumas mais tarde. Mesmo sendo claro e dizendo abertamente que me sentiria infeliz se tivesse que abrir mão de uma das pessoas pela qual me apaixonei, continuavam me empurrando prum muro. Grifado nele, a palavra “escolha”. (Parágrafo 4)

No quinto parágrafo, por sua vez, o enunciador retorna ao tom subjetivo e vivencial. O pronome subjetivo “eu”, os pronomes oblíquos e possessivos correspondentes, assim como as desinências número-pessoais, relacionam-se a primeira pessoa do singular. Esses usos são justificados devido o conteúdo do parágrafo: ele fala sobre um dos aspectos mais íntimos da vivência. O enunciador apresenta como funciona seu relacionamento amoroso, como ele e suas duas namoradas se relacionam, as minúcias da intimidade.

Ele, ainda, apresenta questionamentos morais (“Eu funciono bem apenas tendo as duas. Isso me torna menos respeitável do que a maioria? Não. Isso me torna um depravado estranho que não quer arcar com relacionamentos sérios? Eu arco, meus relacionamentos são tão sérios quanto o seu e possuem regras também. A única diferença é que existe mais de uma pessoa envolvida neles”) e pensamentos que podem ser identificados também como argumentos favoráveis ao poliamor (“E acho que restringir a sua vida a uma única pessoa é decretar infelicidade a ambos. Imagina só ser responsável por todas as expectativas, frustrações, desejos (emocionais e sexuais) de alguém, além de privar essa pessoa de conhecer outros mundos?”).

Deixe-me ser claro: eu já fiz uma escolha. E estou apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo. Consigo viver com as duas pro resto da minha vida (ou até o sentimento durar), mas não preciso escolher uma só. Eu concordo, elas concordam. O relacionamento funciona bem assim e elas podem se relacionar com quem quiserem. Eu funciono bem apenas tendo as duas. Isso me torna menos respeitável do que a maioria? Não. Isso me torna um depravado estranho que não quer arcar com relacionamentos sérios? Eu arco, meus relacionamentos são tão sérios quanto o seu e possuem regras também. A única diferença é que existe mais de uma pessoa envolvida neles. Como a Aline do seriado, eu me divido entre duas pessoas que me completam. E acho que restringir a sua vida a uma única pessoa é decretar infelicidade a ambos. Imagina só ser responsável por todas as expectativas, frustrações, desejos (emocionais e sexuais) de alguém, além de privar essa pessoa de conhecer outros mundos? (Parágrafo 5)

A noção de identidade narrativa, para Arfuch, permite analisar o ir e vir entre o tempo da narração, o tempo da vida e a experiência, afirma a relação existente entre uma lógica das ações e o traçado de um espaço moral. Os acentos éticos que acompanham a narração relacionam-se ao caráter valorativo intrínseco que caracteriza nenhuma peripécia como gratuita. Não há narração que aconteça sem relação com a experiência humana. (ARFUCH, 2010).

Essa orientação ética, que vai além de uma intencionalidade, não precisa de nenhuma explicação normativa. Ela

não se realiza fora de uma posição enunciativa particular, é a indicação de espaço, tempo e afetiva que possibilita o sentido a um fato de uma história. (ARFUCH, 2010).

Retornando a Ricoeur (1977), Arfuch observa que essa posição envolve sempre um você e passa a argumentar sobre a instância da leitura.

A modelização que opera no relato só ganhará forma no ato da leitura, como conjunção possível de ambos os “mundos”, mas o transcende em direção a outros contextos possíveis, entre eles o horizonte da “ação efetiva”. É que a leitura implica um momento de envio, no qual se torna “uma provocação a ser e atuar de outra maneira”. Assim, a prática do relato não somente fará viver diante de nós as transformações de suas personagens, mas também mobilizará uma experiência do pensamento pelo qual “nos exercitamos em habitar mundos estrangeiros a nós”. (ARFUCH, 2010, p. 121).

Ao falar sobre as possibilidades de inscrição da voz narrativa no espaço biográfico, Arfuch afirma que não se questiona sobre a veracidade ou autenticidade dessa voz, mas sobre o descentramento constitutivo do sujeito enunciador, na possibilidade de falar e de ser falado por meio e em outras vozes. No dialogismo presente tanto na escrita quanto na oralidade, a outra voz que possui o protagonismo é o destinatário, o receptor. (ARFUCH, 2010).

Nos parágrafos seguintes, parágrafos 6 e 7, é possível notarmos a presença constitutiva do outro. O enunciador se refere a outros dizeres – já ouvidos, o que remonta ao caráter da experiência, da vivência; ou antecipados, ele parece esperar esses enunciados como as possíveis respostas dos enunciatários – e, dessa forma, expressa-se, revelando seus pensamentos.

Nesses parágrafos, o enunciador se instaura através do “eu” e do “nós”. A alternância entre o uso da primeira pessoa do singular e da primeira do plural permite-nos afirmar que, o enunciador, utiliza-se de uma estratégia – de aproximação, tom subjetivo, fala de si – e de afastamento – “nós”, coletividade – para construir um texto que consegue atingir todos os tipos de leitores, já que mescla os tons. Leva o leitor a ser seu confidente, como uma pessoa que lê um diário, e a uma identificação, independente do tipo de relacionamento que o leitor já teve ou tem, com toda certeza, ele já passou por problemas.

Não, não me incomodo. Desde que tudo seja feito com respeito e de forma clara. Mas as pessoas têm o costume de achar que o que foge do convencional é errado. Se não está na Bíblia, é do capeta. Se ninguém fez isso antes, é estranho. E tentam fazer de você um peão do Jogo da Vida que deve circular por aquele velho tabuleiro conhecido. Viver modelos pré-concebidos de relacionamentos é o mesmo que decretar a sua própria infelicidade. A gente não merece isso, ainda mais em algo que deveria ser prazeroso, ainda mais se você descobre que não existe só uma pessoa pra ocupar um espaço bonito na sua vida. (Parágrafo 6)

Assim como eu, muitas pessoas funcionam desse jeito. Elas amam mais de uma pessoa e se relacionam de um jeito só deles. E não, isso não é traição. Não, também não é indecisão ou falta de vergonha na cara. É só uma forma de manifestar amor, assim como você manifesta no seu casamento, ou no seu namoro, ou em qualquer que seja seu modelo de relacionamento. Se funciona pra você, ótimo. Funciona pra gente de outro modo. E o importa é que a gente é feliz. (Parágrafo 7)



Quanto às marcas para classificação, a teórica afirma que, apesar do mito do “eu” ser amplamente utilizado no espaço biográfico, o apego a esse elemento torna problemático o seu uso enquanto parâmetro classificatório. Entretanto, somente a afirmação de um “eu” narrativo possibilitaria a realização da distinção entre íntimo, privado, biográfico. Adotada a metáfora do recinto da interioridade, o íntimo seria o que beira o incomunicável, a parte mais escondida do “eu”. Já o privado, por outro lado, contém o íntimo, no entanto oferece um espaço que é menos restrito, que pode ser compartilhado com outras pessoas. (ARFUCH, 2010).

O biográfico, por sua vez, incluiria os dois espaços, além da vida pública. No entanto, apesar dessas considerações a respeito do íntimo, do privado e do biográfico, a autora faz algumas ressalvas: “a cada passo, os termos se interceptam e se transformam, o mais íntimo pede para ser falado ou cede à confidência, o privado se transforma em acérrimo segredo, o público se torna privado e vice-versa...” (ARFUCH, 2010, p. 133).

Numa época em que todos os aspectos de uma vida são compartilhados, seja em blogs, redes sociais etc., é difícil considerarmos os apontamentos de Arfuch em relação ao íntimo ou privado. Encontramos desde pensamentos extremamente pessoais, que revelam preconceitos, anseios e fraquezas, até *selfs* pós-sexo, tudo ali, exposto, compartilhado, esperando que outras pessoas *curtam* e *comentem* sobre. Esse cenário se difere totalmente do que se considerou, até hoje, em relação à divisão entre o privado/público. Aliás, pergunto-me se ainda se dá a existência do privado nesse contexto. Não teria o privado sido engolido pelo público na pós-modernidade? Será que, algumas pessoas, ao exporem tanto suas vidas, conseguem, ainda, se compreender como seres *individuais*?

No entanto, não seria tudo apenas *aparência*? Para Guy Debord (2004), vivemos em uma sociedade na qual as representações fazem a mediação entre as relações sociais. Já teríamos perdido o contato com o real, constituindo-nos, então, numa sociedade de aparências, numa sociedade do espetáculo. O espetáculo, apesar de não ser algo palpável, existe em todos os lugares. Ele se sustenta através do entrelaçamento entre os sistemas político e econômico, funcionando como uma força ativa vinculada ao poder dominante.

Para o autor, o fator econômico seria o principal componente para a sua construção. O conceito de fetichismo da mercadoria de Marx é resgatado pelo teórico para sustentar a sua afirmação. Para ele, a base do espetáculo se constitui através do super dimensionamento do valor da mercadoria, o que é produzido pelo homem parece ser divinizado pelo próprio homem. Além do fetichismo da mercadoria, três outros fatores são responsáveis pela forma como se estrutura o espetáculo. A alienação do público tem como característica sujeitos que, quanto mais contemplam, menos vivem. Sujeitos atravessados por representações, deixando de ser quem são, formatados a seguir determinados papéis sociais: papéis de espectador e consumidor.

Por fim, o autor afirma que o espetáculo se estrutura como meio de dominação social. Ele apaga a história, impossibilitando a crítica. Dessa forma, os sujeitos, que sempre viveram nesse tipo de sociedade, acabam tendo-a como naturalizada. Ao viverem integrados ao sistema, eles não possuem autonomia para vivenciar as próprias vidas. O sujeito se constitui pelo outro, vivendo de aparências nas relações que tem.

O conceito de dialogismo de Bakhtin, citado por Arfuch, pode, novamente, ser utilizado para o avanço de nossa

análise. Esse conceito pressupõe a importância do outro, com quem tanto a sociedade quanto a linguagem está sempre em diálogo. Da mesma forma, tem-se a observação de Benveniste em relação à alteridade, que “eu” sempre pressupõe “tu”. Para Debord, no entanto, o sujeito se realiza pelo outro, vive para o outro. Em blogs e redes sociais, anseia-se pela aprovação do outro, o sujeito se reinventa ali para parecer mais interessante, mais rico, mais bonito... É um jogo de aparências.

Atendo-se à teoria narrativa, Arfuch explicita algumas asserções relacionadas à construção do relato biográfico, exemplificadas pela entrevista, gênero ao qual ela se dedica a estudar em seu livro. Então, enquanto unidade inteligível, a vida não é algo dado, que existe fora do relato. Configura-se segundo o gênero discursivo/narrativo que está em questão, nos contextos de uma situação e de uma esfera específicas de comunicação. Há diversas e possíveis histórias de vida, não havendo especial destaque para nenhuma, mas há, de acordo com a forma desses relatos, diferentes sentidos da vida em jogo. Ao mesmo tempo, são construídas as identidades dos personagens em questão nesses relatos. (ARFUCH, 2010, p. 183)

No entanto, de acordo com a autora, apesar da trama narrativa parecer a mais resistente à transformação, a vida que se traça nos diferentes gêneros, como na autobiografia escrita ou na entrevista televisiva, não é a mesma, mesmo tratando dos mesmos personagens e acontecimentos. “As convenções do gênero, as regras do meio e a interação darão forma a produtos – e percursos virtuais de leitura – diferentes”. (ARFUCH, 2010, p. 183).

Na entrevista, como afirma a teórica, a vida é contada a várias e diferentes vozes. Nela, os modelos narrativos comuns são confrontados, a natureza dialógica e estereotípica é demonstrada e o modo pela qual continuamos a aprender a viver pelo relato da experiência alheia é reforçado. Para Arfuch, por sua vez, tratar da vida é sempre abrir um assunto de discussão, pois não se tem somente uma enumeração de acontecimentos. Aproximando a conversa cotidiana à entrevista, ela afirma:

o relato de alguém não só habilita, mas espera a ativa participação do interlocutor, seu comentário, consolo, sugestão ou admoestação. Aceitar a exposição pública do momento biográfico, oferecer esse dom da privacidade – mesmo estereotípico -, reduplica essa expectativa ao infinito, ainda que ela só se torne efetiva, e relativamente, na palavra do entrevistador. Lógica do dom que, mesmo assumida de modo inconsciente em muitos casos, não deixa de constituir uma aposta tão estratégica quanto arriscada, nessa busca de aceitação, nessa aspiração a “ser querido”, debilidade do herói ou da heroína de qualquer época. (ARFUCH, 2010, p. 185).

Como já afirmamos anteriormente, mas, neste momento, falando mais especificamente dos blogs, é possível identificarmos, nos comentários feitos à postagem, a participação do interlocutor. O sujeito dos comentários fala de si, demonstrando identificação ou, por outro lado, apontando as falhas, falando do que não concorda no que foi dito. Muitas vezes, o autor da postagem responde aos comentários, esclarecendo dúvidas, desenvolvendo questões ou apenas agradecendo. Outro texto parece “criar-se” nesse espaço.

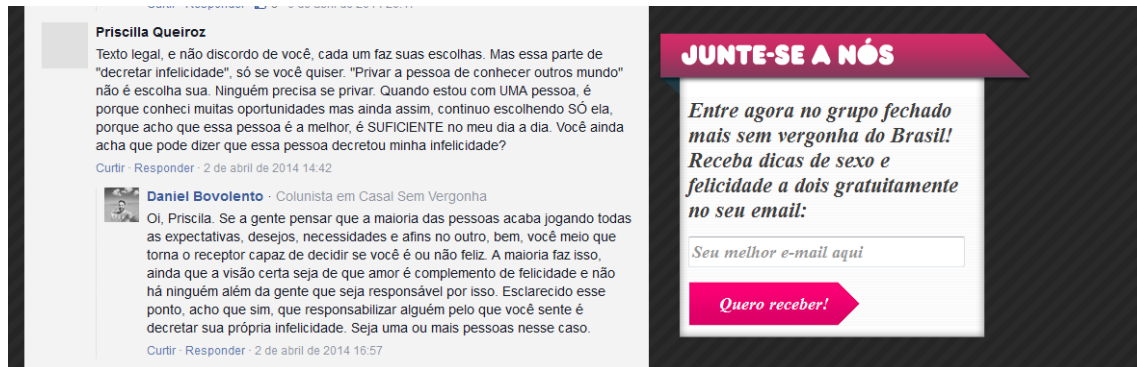


Figura 7 - Comentários

Fonte: <http://www.casalsemvergonha.com.br/2014/04/02/ame-e-deixe-amar-um-manifesto-a-favor-do-poliamor/> - acesso em 11 de dezembro de 2015.

Recorrendo, mais uma vez a Bakhtin, ela apresenta a distinção entre biografias heroicas e cotidianas. É a vontade de ser herói, de ter importância na vida dos outros que caracteriza o primeiro tipo. Nessa biografia, tem-se “um tipo de comportamento voltado para a heterogeneidade da vida, a intensidade, as grandes ações, o desejo de glória e o desapego das rotinas”. Ao contrário da “biografia social cotidiana”, que se refere ao “imaginário do herói “honrado e bom”, centrado na vida familiar ou pessoal e no desejo de felicidade”. (ARFUCH, 2010, p. 195-196).

Falando especificamente sobre as entrevistas, Arfuch afirma que o herói e a heroína cotidianos não são facilmente encontrados nelas. No entanto, suas figuras permanecem e algumas características apresentam-se: “a “bondade familiar”, as rotinas, as debilidades, a felicidade perdida ou encontrada farão parte inseparável de toda narrativa pessoal”. (ARFUCH, 2010, p. 196). Há possibilidade de uma coincidência essencial entre a biografia heroica e a cotidiana: em algum momento, por exemplo, um ponto indócil de domesticidade pode ser exposto, possibilitando algo a ser compartilhado. (ARFUCH, 2010).

Na mídia em geral, histórias de vida de pessoas que vivem o poliamor apresentam-se com um tom diferenciado do encontrado na postagem e no blog analisados. Aproxima-se do que Sodré (2010) chama de “est tica do grotesco”. Representava uma aliança simbólica da produção de TV com os setores mais pobres e excluídos de consumo em São Paulo e no Rio de Janeiro. O autor afirma que para conquistar, para a TV, a audiência popular, acionou-se o lado arcaico da vida nacional.

O grotesco, por seus efeitos expressivos de distanciamento com rela o ao objeto temático, era a categoria est tica apropriada para tratar tecnologicamente do “arcaico”. O universo oral da cultura popular foi retraduzido pelo código eletrônico para o público urbano, como se fosse uma realidade distante, an mica ou monstruosa. (SODRÉ, 2010, p. 104).

Agrimani (1995) apresenta *fait divers* como componente indissociável da imprensa sensacionalista. De acordo com ele, “segundo o Grande Dicionário Universal do Século XIX de Pierre Larousse, *fait divers*   uma rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustra es as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo”. (AGRIMANI, 1995,

p. 25). São publicados “pequenos escândalos, acidentes de carros, crimes terríveis, suicídios de amor, operário caindo do quinto andar, roubo a mão armada, chuvas torrenciais, tempestades de gafanhotos, naufrágios, incêndios, inundações (...)”. (AGRIMANI, 1995, p. 25). O poliamor é, geralmente, aproximado a essas duas concepções, caracterizado como um fato inusitado, *grotesco*, por tratar de um relacionamento que foge a norma, em que mais de duas pessoas estão envolvidas.

Arfuch não vê a mudança da reconfiguração da subjetivação com maus olhos.

[...] Tratar-se-à de perdas e, também, de chances, mutações, reacomodações, combates pela hegemonia em que o uno dá lugar ao múltiplo: haverá vários espaços públicos e privados, submetidos a um devir dialógico, a um constante processo de interpenetração. (ARFUCH, 2010, p. 340).

No espaço biográfico, ganham destaque as vidas impossíveis, aquelas desejadas e sonhadas, as trajetórias de sucesso, mas também as quedas, as figuras do herói, usos e costumes. Além disso, as autoajudas, mitos, ritos, identificações etc. São narrativas que traçam essa tensão entre destino e decisão. Esse que é, para a autora, o dilema de toda existência, que leva um saber, uma forma exemplificadora, em relação ao caráter do protagonista. (ARFUCH, 2010).

Ao se referir aos dois *corpi* de entrevistas analisados, ela propõe que, neles, têm-se as grandes coordenadas do espaço biográfico:

o peso da infância, a trama familiar, os modelos de sucesso, as crenças, o despontar de novas autonomias, as estratégias de autocriação – e também de autocontrole –, os valores biográficos em voga, a fabulação identitária, a representação de si como constitutiva dessas identidades, a afirmação das diferenças, a leveza e a chatice do ser, em suma, a exaltação do ter vivido, de ter entesourado uma experiência. (ARFUCH, 2010, p. 348).

Na postagem analisada, pudemos identificar a representação da infância e, com ela, o peso da vida em família, com todos os bastidores. Os enunciados demonstram crenças e pensamentos relacionados a modelos de relacionamentos, principalmente o poliamor, que é apresentado e defendido. Ele trata também das dificuldades de não se encaixar nos modelos sociais prévios e mostra-nos essa experiência com a reprodução de dizeres de outros sobre o poliamor. Em suma, a sua vida, com todas as suas minúcias, é o maior manifesto a favor do poliamor que se escreve por este sujeito.

Por fim, de acordo com Arfuch, a inscrição narrativa da experiência é o que sustenta a modelização social da própria vida. “O que seria das regras tácitas ou delineadas na fria letra de códigos de honra, manuais de etiqueta ou decoro, tratados morais, máximas, recomendações, decálogos, normativas, sem sujeitos, histórias, tramas, intrigas... em suma, sem narrativas?” (ARFUCH, 2010, p. 349).

### 3. AMORES MÚLTIPLOS, AMORES LIVRES?

#### 3.1 “Poliamor não me contempla”: uma proposta de análise

Para esta dissertação, analisaremos a postagem do dia 16 de março de 2015 (segunda-feira), intitulada *Poliamor não me contempla* assinada por Laura Elisa. O texto segue os padrões descritos anteriormente: o título está em roxo, assim como o fundo sobre o qual uma letra média e preta, apresenta o texto.

Há oito diferentes imagens que acompanham o texto verbal. Na primeira, tem-se um quarto, em que se pode ver uma parede atrás da cama de casal. Nela, há um papel de parede florido em azul, rosa e dourado. Nos dois lados da cama, têm-se criados-mudos em uma cor clara, sobre cada um deles há um abajur verde com o topo em branco. Na cama, também de uma cor clara, encontram-se quatro pessoas: um homem, de cabelo escuro e pele clara, e três mulheres, todas brancas, duas de cabelo escuro e uma de cabelo louro. Os quatro estão cobertos por um lençol e um edredom brancos. É possível ver o peito do homem, já que o lençol sobe somente até a altura de sua cintura. Nas mulheres, no entanto, vai até quase os ombros delas, tampando-lhes os seios.

Na segunda imagem, têm-se três pessoas: dois homens e uma mulher. A imagem está em preto e branco, focalizando o “trisal” da cintura para cima. A mulher, branca, encontra-se no meio, nua, com os cabelos claros soltos tampando os seios, ela está inclinada para trás e com as mãos em cada um dos homens, mas beija na boca do da esquerda. Os rapazes são, assim como a mulher, brancos, no entanto, seus cabelos são escuros e curtos. Eles também estão nus. O homem da esquerda encontra-se de lado, com os olhos fechados, já o homem da direita, está com os olhos abertos, sorrindo ao ver o beijo de seus companheiros. O homem da esquerda encontra-se com a mão direita sobre a cintura da mulher; o da direita, por sua vez, deixa a mão direita sobre si mesmo. A imagem possui uma espécie de moldura, em preto, na qual a parte de baixo é mais larga que a de cima e dos lados.<sup>26</sup>

Na imagem seguinte, têm-se três mulheres em o que parece ser o casamento delas. As três estão em vestidos de noiva em um espaço aberto, em que podemos identificar troncos e galhos de árvores, além de folhas. As três estão próximas, a noiva do meio, branca de cabelo escuro, abraça as duas noivas que estão a sua volta e beija a noiva da esquerda no rosto. Essa noiva é também branca, mas de cabelos claros. A noiva da direita, branca e de cabelo azul, é a única que olha diretamente para a câmera no momento da foto, sorrindo.

Na quarta imagem, há dois homens e uma mulher. Os três vestem (o que parece ser) camisetas brancas, como se estivessem em um momento íntimo em casa. São todos brancos de cabelos escuros. Eles olham diretamente para a câmera. Os homens se encontram dos lados da jovem. O rapaz da esquerda olha a câmera com um meio sorriso, enquanto a moça faz um “bico” com os lábios e está puxando a alça da blusa do rapaz da esquerda. O rapaz da direita é o

<sup>26</sup> Nessa parte mais larga, encontram-se, em branco, alguns escritos. No entanto, devido à qualidade de resolução da imagem só nos foi possível identificar a palavra Poliamor.

que menos se consegue ver o rosto, ele está inclinado para baixo, beijando o ombro da mulher. Atrás deles há um fundo escuro que remete a um quarto.

Na quinta imagem, podemos ver, em preto e branco, três mulheres que parecem estar, também, em um momento íntimo. São todas brancas de cabelos escuros. Nenhuma delas olha para a câmera, estão todas de olhos fechados, como se estivessem em um momento de prazer, de pura paixão. Há um beijo entre a mulher da direita e a do meio, enquanto que a da esquerda está somente próxima à do meio. Já na sexta imagem, tem-se uma fotografia colorida de sete (e um pedaço mínimo de um oitavo) pés brancos. Todos em uma cama, envolvidos em um lençol branco.

Na sétima imagem, há duas mulheres e um homem aparentemente caminhando por um parque. Do lado esquerdo da imagem, encontra-se o homem, que veste calça jeans e camiseta rosada com listras escuras. Possui cabelo louro médio, meio preso. Ele abraça, pelo seu lado direito, uma mulher de cabelos longos e escuros, vestindo uma blusa branca e tem, na cintura, uma blusa de frio amarrada. Essa mulher está próxima à outra, também de cabelos escuros, mas médios, que dá mão ao homem. A mulher da esquerda está usando calça jeans e camiseta branca. Os três são brancos.

Na última imagem, por sua vez, têm-se três pessoas deitadas em um colchão coberto por um lençol branco. Uma mulher, em uma camisola preta, encontra-se entre dois homens: o da esquerda está de lado, com o tronco nu, enquanto o da direita está com uma blusa aberta, possibilitando que se veja seu tronco completamente. Os homens encontram-se de olhos fechados. A mulher, por outro lado, está olhando diretamente para a câmera.

Nessas imagens, podemos encontrar aspectos em comuns. Não há, apesar de serem oito imagens, nenhuma de negros, gordos ou deficientes. Elas representam um padrão físico socialmente aceito. São homens e mulheres brancos e magros. Além disso, a maioria delas remete a sexo, seja pela imagem da cama (em três das oito imagens), seja pela nudez ou seminudez (em três das oito imagens) ou pela imagem de beijo (em quatro das oito imagens). Há erotismo, na maior parte delas, seja pelos tons (fotografias em preto e branco), seja pelas expressões das pessoas fotografadas e olhares (em direção à câmera, como se fizesse um convite), pela imagem da cama ou pela representação do momento de intimidade.

The image shows a screenshot of a web browser displaying a blog post. The browser's address bar shows 'mais Próximo blogs' and 'Cnar um blog Login'. The page title is 'A gota D'água' with the subtitle 'Do antigo "Amélia é a mãe"'. The date is 'segunda-feira, 16 de março de 2015'. The main article is titled 'Poliamor não me contempla' by Laura Elisa. It features a photograph of three people in bed. The text of the article discusses polyamory and challenges monogamy. A sidebar on the right, titled 'Mensagens populares', lists several popular posts, including 'Menina se enforca após ter foto íntima divulgada na internet' and 'Menina de 17 anos se mata após ter vídeo íntimo vazado na internet'.

Figura 8 – Parte inicial da postagem analisada<sup>27</sup>

Fonte: <http://anaeufrazio.blogspot.com.br/2015/03/poliamor-mulher-negra-gorda-.html> - acesso em 17 de novembro de 2015.

Somente em duas das oito imagens, o poliamor é associado a relacionamento em um sentido mais distante do sexual: a imagem de três pessoas de mãos dadas/abraçadas passeando juntas (referimo-nos à imagem 7) e a do casamento de três mulheres (imagem três). São momentos do cotidiano, vivenciados por pessoas que praticam diferentes modelos de relacionamentos sexuais e afetivos. Situações em que se pressupõe mais amor do que sexo. Nas outras imagens, ao contrário, parece ser compartilhado o discurso (frequentemente reproduzido por grupos mais conservadores da sociedade) que relaciona poliamor à promiscuidade, imoralidade, pecado etc.

Analisando, primeiramente o título da postagem, *Poliamor não me contempla*, atentamo-nos ao significado do verbo contemplar. Realizada uma busca em um dicionário virtual, encontramos sete entradas para ele. O principal uso encontrado é: *Olhar(-se) fixamente; mirar(-se) com muito fascínio*<sup>28</sup>. No entanto, esse não nos parece ser apropriado. O quinto uso mais recorrente, por sua vez, sim: *Ato de tratar com tolerância ou complacência*. O significado do verbo *contemplar* no título se refere à consideração, representação, inclusão. O sujeito-autor afirma, sem rodeios, que não é relacionado ao poliamor, que esse modelo de relacionamento “não é para ele”. Desde o título se tem objetividade com uma negação concisa. A partir dela, já podemos identificar a linha argumentativa do sujeito enunciador.

Assim como fizemos no capítulo anterior, dividiremos a postagem em análise em excertos.

### Excerto 1

Poliamor não **me** contempla

**Eu, sinceramente, desafio vocês** a **me** convencerem que essa história de **poliamor me** contempla. **Eu desafio vocês** a convidarem para desconstruir a monogamia uma mulher que **nunca** teve direito à ela. **Eu desafio vocês** a irem falar sobre não-monogamia para uma mulher negra, pra uma mulher gorda, para uma mulher trans, pra uma mulher com deficiência. **Eu desafio vocês** a ir falar pra uma mulher que está presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido, **eu desafio vocês** a ir lá trocar uma ideia com ela sobre **flexibilização de fidelidade, de amor livre**.

Já no título da postagem, um elemento linguístico de caráter subjetivo, o pronome oblíquo “me”, referente a “eu”, instaura no enunciado o sujeito da enunciação. Realiza-se, assim, uma debreagem enunciativa actancial. Identificando, ainda, os elementos referentes à actorização, que podem ser pronomes pessoais (do caso reto e do oblíquo), pronomes possessivos e pelas desinências número-pessoais nos verbos. Identificamos “eu”, pronome pessoal reto, chamado também, por Benveniste (1976), de pessoa subjetiva. Sujeito do verbo desafiar (em “desafio”), no

<sup>27</sup>Todas as imagens da postagem podem ser encontradas na seção Anexos.

<sup>28</sup>Léxico: dicionário de português online. Disponível em: <http://www.lexico.pt/contemplar/>. Acesso em 19 de novembro de 2015.

presente do indicativo.

Além disso, há o uso do pronome oblíquo “me” em mais dois momentos. Essas marcas linguísticas já revelam um texto que não possui a mínima pretensão de ser neutro. Esses elementos constituem uma debreagem enunciativa actancial. Na debreagem enunciativa se estabelecem no enunciado os actantes da enunciação (“eu” e “tu”), o espaço da enunciação (“aqui”) e o tempo em que ocorre a enunciação (“agora”).

Encontramos, na primeira linha, a instituição do “tu”, explicitamente, e representado pelo pronome de tratamento “você”. O enunciado é construído de maneira subjetiva e direta, como em uma interação face a face. O uso do verbo desafiar (em “desafio”) estabelece um tom firme, de enfrentamento e que demanda uma atitude por parte do enunciatário.

O adjunto adverbial de intensidade, “sinceramente”, pode ser observado em nossa análise. Com o uso desse elemento, o efeito de sentido construído é o de autenticidade, de sinceridade, um enunciator sem meias palavras. “Sinceramente” acentua o tom de subjetividade já encontrado nessa linha.

Nas outras linhas do excerto, a pessoa subjetiva “eu” e o verbo desafiar (em “desafio”) são recorrentes, assim como o pronome de tratamento “você”. Reafirmando o tom subjetivo da argumentação nesse excerto. O adjunto adverbial “nunca” pode ser localizado, constituindo uma debreagem enunciativa temporal, em que se instaura um marco temporal no enunciado, o tempo do enunciado (“então”). Podemos utilizar para nossa análise a categoria topológica concomitância (anterioridade) VS não-concomitância (posterioridade), ou seja, através do elemento, o enunciator trata de um tempo anterior ao da enunciação. (FIORIN, 1996).

Por fim, é preciso pontuar que o verbo desafiar, uso recorrente na postagem, possui duas possibilidades de regência: 1) “*alguém A + verbo no infinitivo* (incitar, provocar)<sup>29</sup>: Eu desafio você a ser tão bom quanto ele; 2) *alguém PARA algo* (propor duelo, combate ou competição): Minha mãe me desafiou para mais uma partida de cartas”. No excerto 1, o enunciator usou a segunda possibilidade (propôs algo) e, para completar seus enunciados, utilizou diferentes complementos verbais: “mulher que nunca teve direito à ela; mulher negra; mulher gorda; mulher trans; mulher com deficiência; mulher presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido”. São diversas as mulheres citadas ao longo das linhas, diferentes contextos em que o poliamor não é uma realidade, em que ele não seria “aplicável”.

## Excerto 2

**Eu desafio vocês** a ir falar para uma travesti periférica que se prostitui que ela tem que “desconstruir o amor romântico.” **Eu desafio vocês** a convencer uma mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST **desse** marido revolucionário sexualmente livre que “Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo”. É muito fácil dentro da **sua** bolha branca, magra, com acesso à informação e economicamente privilegiada vir pregar uma não-monogamia branca rosada e com sardas, porque é assim que é **esse** rolê e **vocês** sabem, mas nem ligam.

<sup>29</sup> Só linguagem. Disponível em: [http://solinguagem.blogspot.com.br/2011/04/regencia-verbal\\_21.html](http://solinguagem.blogspot.com.br/2011/04/regencia-verbal_21.html). Acesso em 22 de novembro de 2015.



Podemos localizar, logo no início do excerto, a pessoa subjetiva “eu”, o verbo desafiar (em “desafio”) e a instauração do “tu”, através do pronome de tratamento, “você”. A regência escolhida para o verbo desafiar é a mesma do primeiro excerto. No entanto, nesse excerto, o complemento verbal é representado pelas expressões “travesti periférica que se prostitui e uma mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST”. O enunciador continua a acrescentar realidades nas quais o poliamor não é vivido.

Tem-se o elemento dêitico “desse”, referente ao marido apresentado. Em seguida, o enunciador se refere, novamente, ao “tu” discursivo através do pronome possessivo “sua”. O pronome de tratamento “vocês” é utilizado pelo enunciador para se referir ao grupo o qual julga responsável por “pregar” o poliamor. Ele caracteriza o grupo ao qual se dirige, ao qual responde através de sua postagem, como branco, magro e privilegiado econômica e educacionalmente – “sua bolha branca, magra, com acesso à informação e economicamente privilegiada vir pregar uma não-monogamia branca rosada e com sardas”.

Com essas caracterizações, o enunciador estabelece dois grupos diferentes: o primeiro, representado pelos complementos verbais apresentados no primeiro e segundo excerto (“mulher que nunca teve direito à ela; mulher negra; mulher gorda, mulher trans; mulher com deficiência; mulher presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido; travesti periférica que se prostitui e uma mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST” e o segundo, caracterizado pelos elementos de adjetivação apresentados no final no segundo excerto (“sua bolha branca, magra, com acesso à informação e economicamente privilegiada vir pregar uma não-monogamia branca rosada e com sardas”), incluindo-se no primeiro grupo.

### **Excerto 3**

**Vocês** não ligam se a não-padrão é a que vai estar sempre sozinha na sua mesa de bar cheio de caszinho. **Vocês** não ligam se **a gente** sobra e sempre sobrar nessa ciranda festiva do mais-amor-por-favor. **Vocês** não se importam. **Esse** discurso poliamoroso não deixa de reproduzir dentro dele todas as opressões estruturais que já existem. Quem já não é vista como socialmente aceitável para uma monogamia, será também preterida numa não-monogamia. Com a diferença de que agora **a** convenceram de que isso é normal, de que **ela** não pode fazer cobranças, que **ela** não pode estar sofrendo o que sofre porque **ela** concordou com esse tipo de relação.

No excerto 3, tem-se, novamente, o pronome de tratamento “você” fazendo referência aquele com quem se fala, “tu”. O elemento “vocês” aparece para estabelecer a comunicação com o outro grupo. O enunciador se utiliza da expressão “a gente”, locução pronominal com valor semântico de “nós”, para se instaurar no enunciado. Com esse elemento lingüístico, o enunciador se inclui na enunciação, mas não de forma acentuadamente subjetiva, ele se soma a outros sujeitos (“não-eus”) para expressar um ponto de vista. Esse uso refere-se a um grupo de pessoas (em específico,

as mulheres) que acreditam ser não-padrão. Como é possível perceber, mais uma vez, o enunciador se utiliza da ideia dos dois grupos opostos para se expressar.

Em seguida, tem-se o elemento dêitico “esse” que se refere ao discurso do poliamor, que o enunciador tão veementemente critica. Ele, através dos elementos “(a) convenceram, (ela) não pode fazer cobranças, (ela) não pode estar sofrendo e (ela) concordou”, realiza uma debreagem enunciativa actancial para construir um efeito de sentido de objetividade e neutralidade. Dessa forma, ele demonstra maior controle sobre suas emoções, possibilitando maior credibilidade a sua argumentação.

#### **Excerto 4**

Daí **eu te pergunto** o que tem de revolucionário num homem “desconstruir a monogamia” se isso pra ele já é e sempre foi um direito? Para o homem trair é normal. O homem com mais de uma mulher é normal. A mulher é obrigada a aceitar porque “homem é assim mesmo”. E, no final, o que isso tudo acaba gerando é uma justificativa pra esse homem fazer o que sempre fez e agora se apoiar num discurso super engajado de paz, amor e liberdade. Os homens vão se apoiar nesse discurso para continuar usando mulheres como eles sempre bem fizeram ou do mesmo jeito que subvertem o sentido da liberdade sexual da mulher.

No excerto 4, poucos são os elementos a serem classificados. Tem-se a pessoa subjetiva “eu”, indicando uma debreagem enunciativa actancial, assim como o verbo perguntar (em “pergunto”), que constitui uma debreagem enunciativa temporal. Na mesma linha, encontramos o pronome oblíquo “te” que se refere à segunda pessoa, “tu”. Através desses elementos, é possível observar que o enunciador retoma o ponto de vista subjetivo. Ele abandona, então, nesse excerto, as estratégias de distanciamento e coletividade, retornando à mesma estratégia do primeiro excerto.

#### **Excerto 5**

A verdade é que se **você** é não-padrão, vão passar uma vida **te** tratando como lixo. Vão fazer com que **você** custe a, um dia talvez, acreditar que é digna do amor de alguém. Vão roubar para sempre **sua** autoestima, **vocês** vai ter que reconstruí-la todo dia. Diariamente, quando **você** acordar e **se** olhar no espelho vai ter que **se** convencer que **você** vale a pena, mesmo que tudo, o tempo todo **te** diga o contrário. Vão **te** roubar a possibilidade de construir relacionamento saudáveis e ainda vão tentar **te** culpar pela **sua** insegurança. Vão reduzir tudo que **te** provocaram numa palavra simples e curta: ciúmes. E vão deixar toda a responsabilidade de lidar com esse “ciúme” nas **suas** costas. E não **se** esqueça que o ciúmes de mulher será sempre um exagero, sempre uma paranóia, uma divagação.

No excerto 5, têm-se muitos elementos que se referem à pessoa com quem se fala, “tu”. O enunciador se expressa alternando entre os elementos “você(s)”, “te”, “sua(s)” e “se”. Esses elementos se relacionam a uma indeterminação e equivalem a qualquer um, até mesmo o enunciador. Dessa forma, é possível a constituição de uma embreagem enunciativa, pois o enunciador se refere a si mesmo não como “eu”, primeira pessoa, mas como segunda

pessoa do singular, “tu”. Tem-se, então, a segunda pessoa do singular pela primeira pessoa do singular. A embreagem se dá quando se tem o efeito de retorno à enunciação, “produzida pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado.” (FIORIN, 1996, p. 48). Diante disso, as estratégias do enunciador possibilitam um efeito de sentido de objetividade, o que não seria possível se o sujeito-autor construísse seu texto a partir da primeira pessoa. Se construísse o texto dessa forma, ele teria um caráter intimista, quase como uma confissão.

### **Excerto 6**

Quer viver uma relação não-monogâmica? Parabéns! Nossa, um minuto de silêncio para **você!** Só não **me** venha dizer “Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo”. Não **me** venha falar para **mim** como **você se** sente, porque **eu não sou** como **você**. Quem pode querer não se importar? Quem tem esse privilégio? Que mulher tem esse privilégio? **Vocês** não interseccionam, **vocês** só falam do umbigo de **vocês** e banalizam o que **as outras sentem** e ainda vem **me** falar de sororidade. Acontece que **tô** cansada de falar de **vocês**, de fazer um feminismo branco, um feminismo que universaliza a condição de mulher tomando como base a mulher branca. A demonstração pública de afeto será do padrão, o relacionamento abusivo será da preta. A monogamia e a não-monogamia serão privilégio de quem se enquadra no padrão. O amor escondido será da preta. Sem mais.

No último excerto da postagem, o enunciador institui, mais uma vez, o “tu” através do pronome de tratamento “você”. Nessa mesma linha, o pronome oblíquo “me” remete ao sujeito da enunciação “eu”, assim como os elementos “me”, “mim”, “eu” e o verbo ser (em “sou”).

Têm-se, ainda, “você” e “se”, que fazem referência, novamente, ao “tu”. Em seguida, o pronome de tratamento “você(s)” aparece de novo, são 4 usos. Demonstrando uma relação direta e enérgica com o interlocutor, “tu”, como se o momento de expressar-se não pudesse passar, constituindo uma debreagem enunciativa actancial. O pronome oblíquo “me” e “to”, que fazem referência à pessoa subjetiva, podem ser indicados. Constituindo uma debreagem enunciativa actancial. Por fim, encontramos o último elemento linguístico a ser classificado. O pronome de tratamento “vocês” faz referência ao interlocutor, “tu”.

Nesse último excerto, a subjetividade atinge seu ápice, não há neutralidade, não há distanciamento. Apresenta explicitamente a situação de enunciação (“eu” e “tu”). Apresenta os motivos de seu posicionamento. Nesses enunciados, podemos detectar os problemas notados pelo enunciador. Como em qualquer outro tipo de relacionamento/relação humano/a, o poliamor não é imune às questões sociais e políticas, é atravessado (constituído?) por elas. E é isso que ele não pode deixar de perceber, ao contrário do enunciador da postagem analisada no Capítulo II.

Apesar de, em alguns momentos, o enunciador ter recorrido à coletividade para se expressar, o texto construído é predominantemente subjetivo, em que seu posicionamento é fortemente atestado. O poliamor não “nasce” em uma câmara vedada, selado, sem contatos com o mundo exterior. Para o enunciador, longe de relacionamentos idealizados, ele nota a realidade dos problemas de gênero (ainda, dependência financeira de muitas mulheres; ainda, o estupro; ainda,

a negação da monogamia por parte dos homens) e de raça (ainda, o feminismo branco recusa-se a considerar que os seus interesses não são os únicos; ainda, a difícil realidade enfrentada pelas mulheres negras). Muitas das questões já foram discutidas, em 1981, por bell hooks. Principalmente, o fato de que a vida das mulheres negras é duplamente afetada - pelo racismo e pelo sexismo.

Essa postagem nos é vista como uma manifestação de resistência. Nela, o ecoar de um *não* à uma nova imposição branca pode ser percebido desde a primeira linha.

### 3.2 Interdiscursividade/ Memória enunciativa/ Formações discursivas e o Poliamor

Como já dito no Capítulo II, o conceito de interdiscurso é de extrema importância para o nosso trabalho. Entendido também como um processo, é por meio dele que todo discurso se constitui. O interdiscurso, ou, a memória discursiva é o que possibilita a leitura de um texto, é o que estabelece os implícitos. (PÊCHEUX, 2010).

Orlandi (2012, p.71) observa que, em análise do discurso, memória faz referência ao saber discursivo, ou seja, a questão de que todo dizer se produz sobre um já-dito. As nossas palavras só fazem sentido porque elas já significam. “Para que nossas palavras façam sentido é preciso que já signifiquem, que produzam em uma memória discursiva, que possam ser interpretadas”. Essa memória discursiva é chamada de interdiscurso e, nela, os sentidos se estabilizam da mesma forma que se movimentam.

Na postagem em análise, há enunciados de diferentes discursos sob a aparência de um. Se localizarmos esses diferentes dizeres interconectados e separarmos-los, essa unidade pode ser desfeita e identificaremos a partir de quais discursos ela se forma.

O “discurso do poliamor” é identificado nestes primeiros enunciados. O enunciador reproduz os argumentos geralmente defendidos por poliamoristas: “desconstrução da monogamia”, “flexibilização de fidelidade”, “desconstrução do amor romântico” e “ninguém deveria se importar com quem o parceiro faz sexo”. O “discurso da monogamia” também pode ser identificado, já que, para se falar de um, fala-se do outro.

#### (Excerto 1)

Eu desafio vocês a convidarem para **desconstruir a monogamia** uma mulher que nunca teve direito à ela.

#### (Excerto 1)

Eu desafio vocês a ir falar pra uma mulher que está presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido, eu desafio vocês a ir lá trocar uma ideia com ela sobre **flexibilização de fidelidade, de amor livre**.

#### (Excerto 2)

Eu desafio vocês a ir falar para uma travesti periférica que se prostitui que ela tem que **“desconstruir o amor romântico”**.

**(Excerto 2)**

Eu desafio vocês a convencer uma mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST desse marido revolucionário sexualmente livre que **“Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo”**.

Todos esses argumentos representam o contrário do que prega a monogamia. Como afirmam Pilão e Goldenberg (2012), o poliamor pode ser considerado como o outro absoluto da monogamia, pois afirma a possibilidade de se relacionar romanticamente com mais de uma pessoa ao mesmo. Enquanto que, na monogamia, os relacionamentos são somente entre duas pessoas.

No enunciado do excerto 3, apesar do enunciador relacionar o que argumenta ao poliamor, parece-nos, na verdade, que o apresentado é próprio da monogamia. De acordo com Pilão (2012), no poliamor, é fundamental que todos concordem com os relacionamentos e que tudo seja às claras. Do contrário, não seria poliamor. Seria um relacionamento monogâmico com traições ou uma prática poligâmica. Poliamor pressupõe aceitação de todos envolvidos.

**(Excerto 3)**

Com a diferença de que agora a convenceram de que isso é normal, de que **ela não pode fazer cobranças, que ela não pode estar sofrendo o que sofre porque ela concordou com esse tipo de relação**.

Em alguns relacionamentos poliamorosos, como já apresentamos no Capítulo I, há a prática da polifidelidade. Nela, os envolvidos determinam regras e condições para o relacionamento, que acontece entre determinadas pessoas e, se algum dos envolvidos se relacionar com alguém fora desses limites, o ato é considerado de grande desonestidade. No entanto, em outros relacionamentos, o poliamor apresenta-se mais próximo às práticas do amor livre. Nesses, não há polifidelidade, os relacionamentos não compartilham de padrões ou terminologias, a única “regra” é a fidelidade a sua própria vontade.

Com toda certeza, em ambos os tipos de poliamor pode haver ciúmes e insegurança. Aliás, essas características são chamadas por Pilão de “eu residual monogâmico”, comuns a quem vive o poliamor. No entanto, os poliamoristas buscam, como se em níveis de desenvolvimento, livrarem-se delas<sup>30</sup>. Muitas vezes, não é a situação vivida pelo parceiro que incomoda, mas o resquício do sentimento de posse (o que, para eles, é o responsável pelo ciúme).

---

<sup>30</sup> No enunciado do *Excerto 3*, diferentemente de qualquer outra situação estudada a respeito, tem-se uma imposição por parte do “poliamor” e não das práticas monogâmicas.

Sabemos que, no dia a dia, as práticas relacionadas ao poliamor podem diferir daquelas que são apresentadas pela “ideologia poliamorosa”. No entanto, não nos parece que o descrito seja poliamor. Nas entrevistas apresentadas por Pilão (2012) em seu trabalho, muitos entrevistados afirmam que é necessário identificar os poliamoristas “verdadeiros”. Isso se relaciona ao fato de que, muitas vezes, pessoas se utilizam da terminologia e de algumas características da prática que lhe convém, mas deixam de lado o que é fundamental – honestidade, amor, igualdade, liberdade.

No último enunciado, Excerto 4, o poliamor é associado ao “discurso hippie”. Há intertextualidade em “discurso super engajado de paz, amor e liberdade” com um dos lemas do movimento: paz e amor (*Peace and Love*). O movimento hippie foi um movimento da década de 60 nos EUA, mas ganhou somente força no Brasil na década seguinte. Era contra os ideais da época e defendia, entre outras coisas, o amor livre.<sup>31</sup> Como afirma Pilão, muitas vezes poliamor e amor livre são tidos como sinônimo. Entretanto, o amor livre, com influência anarquista, é um conceito difuso, que vai contra a utilização de rótulos (namoro, casamento) e contesta a necessidade de formalização da relação. No poliamor, por sua vez, a defesa da possibilidade de amar mais de uma pessoa por vez é o principal. Há relacionamentos poliamorosos fortemente influenciados pelas práticas do amor livre, mas esse não é o único tipo de relacionamento poliamoroso.

**(Excerto 4)**

E, no final, o que isso tudo acaba gerando é uma justificativa pra esse homem fazer o que sempre fez e agora se apoiar num discurso super engajado de paz, amor e liberdade.

Nos próximos enunciados, são mencionados diferentes problemas que compõem uma sociedade em que o “discurso sexista” ainda é fortemente reproduzido. É possível relacionarmos a expressão “relacionamento abusivo” tanto às formas de violência física, quanto às psicológicas. O estupro, considerado por muitas como o maior tipo de violência que pode ser sofrido pela mulher, é apresentado com um agravante: o próprio marido é o agressor. O que nos permite afirmar que, em muitos casos, a mulher não está segura nem em sua própria casa.

**(Excerto 2)**

Eu desafio vocês a convencer uma **mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST desse marido revolucionário sexualmente livre** que “Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo”.

No entanto, é nas formas de violência psicológica que o enunciador se detém: traição masculina e a obrigação de aceitação que é imposta à mulher, toda e qualquer reação feminina é vista como sintoma de doença mental. Todos esses problemas apresentados se relacionam a questões de gênero e são intensamente explorados pelo enunciador.

<sup>31</sup><https://pt.wikipedia.org/wiki/Hippie>.<http://www.infoescola.com/cultura/hippies/>. Acesso em janeiro de 2016.

**(Excerto 1)**

Eu desafio vocês a ir falar pra uma **mulher que está presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido**, eu desafio vocês a ir lá trocar uma ideia com ela sobre flexibilização de fidelidade, de amor livre.

**(Excerto 4)**

Daí eu te pergunto o que tem de revolucionário num homem “desconstruir a monogamia” se isso pra ele já é e sempre foi um direito? **Para o homem trair é normal. O homem com mais de uma mulher é normal. A mulher é obrigada a aceitar porque “homem é assim mesmo”**. E, no final, o que isso tudo acaba gerando é uma justificativa pra esse homem fazer o que sempre fez e agora se apoiar num discurso super engajado de paz, amor e liberdade. Os homens vão se apoiar nesse discurso para continuar usando mulheres como eles sempre bem fizeram ou do mesmo jeito que subvertem o sentido da liberdade sexual da mulher.

**(Excerto 5)**

E não se esqueça que **o ciúmes de mulher será sempre um exagero, sempre uma paranóia, uma divagação**.

Destaca-se, como um dos trabalhos mais importantes dos estudos de gênero, o livro de Judith Butler, *Problemas de Gênero* (1990). Na obra, um dos questionamentos iniciais diz respeito à definição do sujeito do feminismo. Ela afirma que insistir no sujeito do feminismo, uma categoria una de mulheres, provoca a recusa em aceitar essa categoria. Para ela, essa não problematização pode impedir as possibilidades representacionais do feminismo.

Qual o sentido de estender a representação a sujeitos cuja constituição se dá mediante a exclusão daqueles que não se conformam com as exigências normativas não explicitadas do sujeito? Que relações e dominação e exclusão se afirmam inintencionalmente quando a representação se torna o único foco da política? A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de “representação” só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito “mulheres” não for presumido em parte alguma. (BUTLER, 1990, p. 23-24).

Dentro do feminismo, ao buscar construir uma solidariedade de identidade, recorre-se, geralmente, à noção de “mulheres”. Entretanto, nada parece provocar uma maior separação no sujeito feminista do que a discussão a respeito da distinção entre gênero e sexo. Tal distinção foi criada para questionar a ideia de que a biologia é o destino e se relaciona à concepção de que, apesar do sexo ser intrincado a biologia, o gênero, não o é. Ele é culturalmente construído, portanto

não é o resultado do sexo nem tão fixo quanto ele. (BUTLER, 1990).

De acordo com Butler, sendo o gênero entendido como “os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” (BUTLER, 1990, p. 24), não se pode afirmar que ele resulte de um sexo. Há uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo a estabilidade do sexo binário, não se pode pressupor daí que a construção de homens ocorra somente a corpos masculinos, ou a de mulheres a corpos femininos.

[...] mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (algo que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino. (BUTLER, 1990, p. 24-25).

Ela questiona, em seguida, o “sexo”, concepção naturalizada e, aparentemente, incontornável. Pergunta-se se ele é natural, cromossômico, hormonal ou anatômico. Também como a crítica feminista deve considerar os discursos científicos que afirmam tais fatos. Para Butler, como é possível contestar o caráter imutável do sexo, assim como o gênero é culturalmente construído, talvez, o sexo também o seja. Ou, ainda, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção, entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. (BUTLER, 1990, p. 25).

Não há sentido em uma definição de gênero como interpretação cultural do sexo se o sexo é uma categoria tomada em seu gênero. Não se deve considerá-lo somente como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, mas o próprio aparato de produção pelo qual os sexos são determinados. Assim, “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza”, mas “é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura”. (BUTLER, 1990, p. 25).

Gênero, de acordo com Machado (2010), é uma categoria criada para fazer referência ao aspecto que constitui a construção cultural das diferenças sexuais. Isso se dá de tal forma que as definições sociais das diferenças sexuais são identificadas através das definições de gênero. Essa categoria, para a autora, pode ser o ponto de partida metodológico para investigar as diversas formas que as sociedade estabeleceram as relações sociais entre os sexos.

Este conceito pretende indagar metodologicamente sobre as formas simbólicas e culturais do engendramento social das relações sociais de sexo e de todas as formas em que a classificação do que se entende por masculino e feminino é pertinente e faz efeito sobre as mais diversas dimensões das diferentes sociedade e culturas. (MACHADO, 2010, p. 05).

Há proximidade entre a postagem analisada e o texto de Butler em diferentes aspectos. Na postagem, o substantivo plural “mulheres” não é usado para a construção de uma representação coletiva. Crítica feita por Butler ao Feminismo. É utilizado, ao contrário, o termo mulher acompanhado por outros elementos definidores (“mulher negra”,



“mulher gorda”, “mulher com deficiência” etc.). Dessa forma, o sujeito-autor inclui os grupos que busca representar dando ênfase às suas particularidades.

Também, ele não toma sexo e gênero como categorias indissociáveis, mas compartilha das afirmações de Butler. A inclusão dos grupos “mulher trans” e “travesti” reforça uma problemática de gênero que vai além daquela do senso comum que interpreta o corpo masculino enquanto gênero masculino e o corpo feminino como gênero feminino. São representados grupos que o feminismo branco<sup>32</sup> geralmente deixa de lado.

Por fim, o sujeito-autor, ao mesmo tempo em que apresenta afastamento em relação a diversas questões do feminismo branco, compartilha de outras. Podemos pensar aqui que ele, como pano de fundo, apresenta a estrutura patriarcal, um dos conceitos base da teoria feminista. Estrutura essa que, apesar de muito criticada, ainda é estudada, vista como a responsável pela assimetria entre os gêneros e de onde decorrem todos os problemas que são apresentados na postagem.

**(Excerto 2)**

É muito fácil dentro da **sua bolha branca, magra, com acesso à informação e economicamente privilegiada vir pregar uma não-monogamia branca rosada e com sardas**, porque é assim que é esse rolê e vocês sabem, mas nem ligam.

Para a construção de sua argumentação, o enunciador se refere ao “discurso do feminismo interseccional” e ao “discurso do feminismo”. Ele demonstra a complexidade existente por trás do “discurso do poliamor”, que não se articula somente em relação ao “discurso da monogamia” ou ao “discurso cristão”. O feminismo interseccional refere-se às diversas formas de opressão: de gênero, raça, condição social, idade, deficiência etc. Possibilita pensarmos a situação das mulheres negras, já que o feminismo, originalmente branco e classista, não abarcava os interesses das mulheres negras. Não se sentiam representadas e apresentavam resistência em relação ao movimento. Dentro do feminismo interseccional situa-se o feminismo negro.

Para Crenshaw (1989), as mulheres negras podem vivenciar discriminação de diversas formas e se apresenta como problema as nossas suposições de que as reivindicações delas devem ser unidirecionais. Ela apresenta uma analogia para esclarecer o seu posicionamento:

Considere uma analogia com trânsito em uma intersecção, vindo e indo em todas as quatro direções. Discriminação, como trânsito em uma intersecção, flui em uma direção, e pode flui em outro. Se um acidente acontece em uma intersecção, pode ser causado por carros viajando de várias direções e, as vezes, por todos eles. Similarmente, se

---

<sup>32</sup> Lemos (1997) opta pelo uso *feminismo tradicional* para se referir a primeira vertente do referido posicionamento teórico. Como essa vertente, no entanto, caracterizava-se enquanto branca e classicista, deixando **seus** interesses em destaque, optamos pelo uso feminismo branco para nos referirmos a ela em nossa dissertação.

uma mulher negra é prejudicada porque ela está em uma intersecção, o seu “machucado” pode resultar de discriminação sexual ou discriminação racial. (CRENSHAW, 1989, 149).<sup>33</sup> (Tradução minha)

Desde as imagens da postagem (às quais nos referimos anteriormente), inicia-se uma argumentação em que a questão racial está em primeiro plano. Assim como no passado, o “discurso do branco” é sempre imposto ao negro. Conscientemente, ou não, compartilhamos de uma ideologia racista, em que se prega uma supremacia branca. Esse grupo, então, posicionado no topo dessa hierarquia social, passa a estabelecer os seus interesses, tornando esses os de todos. Como aponta bell hooks (1981), esse foi o fator principal para separação e afastamento entre o feminismo branco e o feminismo negro.

**(Excerto 6)**

Acontece que tô cansada de falar de vocês, de **fazer um feminismo branco, um feminismo que universaliza a condição de mulher tomando como base a mulher branca. A demonstração pública de afeto será do padrão, o relacionamento abusivo será da preta. A monogamia e a não-monogamia serão privilégio de quem se enquadra no padrão. O amor escondido será da preta.** Sem mais.

Apesar do contexto sobre o qual trata bell hooks<sup>34</sup> em *Ain't I a woman* (1981) não ser o do Brasil, consideramos sua obra sobre a condição da mulher negra norte-americana de extrema importância. Pois, além de ser um dos primeiros trabalhos escritos sobre a temática, algumas questões discutidas por ela nos parecem comuns ao contexto brasileiro.

Para hooks, as mulheres negras da contemporaneidade não se juntaram à luta pelos direitos das mulheres porque não tinham *womanhood* (“feminilidade”) como uma parte importante de suas identidades. Racismo, assim como sexismo, havia condicionado-as a desvalorizar sua feminilidade e considerar a raça como o único aspecto de sua identidade. Elas tinham medo de reconhecer que o sexismo poderia ser tão opressivo como o próprio racismo. Acreditavam que a liberação da opressão racial seria o necessário para libertá-las. Era uma geração de mulheres negras ensinadas a ser submissas, a aceitar a inferioridade sexual e a ficarem em silêncio.

Em meio à busca pelo direito ao voto nos Estados Unidos, em uma época em que somente homens brancos podiam votar, o sexismo desses homens falou mais alto ao darem o direito ao voto aos homens negros, deixando as mulheres negras e brancas de lado. Anteriormente a esses planos, as ativistas brancas acreditavam que seria importante para sua causa a união a ativistas negros. No entanto, quando parecia que aos homens negros seria dado o direito ao voto, essa união foi desfeita. Passaram a clamar aos homens brancos por solidariedade racial. Tal atitude tinha como

---

<sup>33</sup> Consider an analogy to traffic in an intersection, coming and going in all four directions. Discrimination, like traffic through an intersection, may flow in one direction, and it may flow in another. If an accident happens in an intersection, it can be caused by cars traveling from any number of directions and, sometimes, from all of them. Similarly, if a Black woman is harmed because she is in the intersection, her injury could result from sex discrimination or race discrimination.

<sup>34</sup> Glória Jean Watkins optou pelo pseudônimo bell hooks (em letra minúscula) por influência de sua bisavó materna Bell Blair Hooks.

objetivo ofuscar os planos masculinos de apoio ao voto dos homens negros. (hooks, 1981).

Com o racismo das mulheres brancas, o fraco laço entre elas e os ativistas negros foi quebrado.

Apesar do artigo de *Elizabeth Stanton* “Mulheres e Homens Negros”, publicado em 1869, publicado pelo jornal *Revolution*, num esforço para mostrar que o choro republicano pelo “voto masculino” foi objetivado para criar antagonismo entre homens negros e todas as mulheres, a ruptura entre os dois grupos não poderia ser consertada.<sup>35</sup> (hooks, 1981, p.3). (Tradução minha).

Enquanto muitos ativistas políticos negros eram simpatizantes da causa feminina, eles não estavam dispostos a perder a sua chance de votar. As mulheres negras, por outro lado, estavam em um beco sem saída: se apoiassem ao voto feminino, estavam se aliando às mulheres brancas que já haviam revelado seu racismo; se apoiassem o voto dos homens negros estavam assegurando uma ordem social patriarcal na qual a sua voz política era ausente. (hooks, 1981).

Apesar de homens e mulheres negros terem lutado por igualdade durante o período escravista e durante a *Reconstruction Era*, os líderes políticos negros apoiavam valores patriarcais. De acordo com hooks, enquanto os homens negros prosperavam em meio à vida americana, eles encorajavam as mulheres negras a papéis mais subservientes. O século XX trouxe uma mudança definitiva no papel exercido pelas mulheres negras nos assuntos políticos e sociais. Essa mudança indicava um declínio geral nos esforços de todas as mulheres para uma reforma social. (hooks, 1981).

No início do movimento dos direitos civis, na década de 50, ocorreu o mesmo. Apesar de mulheres e homens negros lutarem juntos pela igualdade racial, as feministas negras não receberam aclamação pública da mesma forma que os líderes homens. Na maior parte das comunidades norte-americanas, os papéis atribuídos a homens e mulheres seguiam um modelo sexista. No movimento da década de 60 para libertação negra, os ativistas negros – homens - reconheciam publicamente que eles esperavam as mulheres negras envolvidas, mas de acordo com papel sexista padrão. Eles exigiam que as mulheres negras assumissem uma posição subordinada. (hooks, 1981).

Na sua dissertação de mestrado sobre o feminismo negro e a organização de mulheres no Rio de Janeiro, Lemos (1997) afirma que as mulheres não tinham posicionamentos de destaque dentro do Movimento Negro carioca da época. A elas eram sempre relegadas às funções de secretariado e de cuidar da comida em eventos. Não possuíam poder político. (LEMOS, 1997). A realidade desse papel secundário foi o que levou as mulheres do movimento à criação de outro grupo, o Movimento das Mulheres Negras.

Para hooks, as mulheres negras dificilmente eram reconhecidas como um grupo distinto do composto pelos homens negros, ou como parte do grupo mais abrangente mulher. (hooks, 1981). Quando se trata do povo negro, o foco é no homem negro. Quando se fala sobre a mulher, o foco é na mulher branca. Em nenhum outro lugar, de acordo com a pesquisadora, há mais evidência disso do que nos escritos do feminismo.

---

<sup>35</sup> Even though Elizabeth Stanton in her article “Women and Black men”, published in the 1869 issue of the *Revolution*, attempted to show that the republican cry for “manhood suffrage” was aimed at creating antagonism between black men and all women, the break between the two groups could not be mended.

A mulher a quem Berg se refere é a mulher branca apesar de ela nunca ter afirmado isso. Ao longo da história americana, o imperialismo racial dos brancos tem apoiado o costume de acadêmicos de usarem o termo mulher mesmo se eles estiveram se referindo somente à experiência da mulher branca. Ainda que esse costume, quer praticado conscientemente ou inconscientemente, perpetue racismo na medida em que nega a existência de mulheres não-brancas nos Estados Unidos. Perpetua também sexismo na medida em que supõe que a sexualidade é o único traço auto-definidor da mulher branca e nega sua identidade racial. As mulheres brancas liberacionistas não desafiaram essa prática sexista-racista; elas continuaram-na.<sup>36</sup> (hooks, 1981, p. 8). (Tradução minha).

Bell hooks defende que racismo e sexismo, ao contrário do que pensam liberacionistas brancas, são inseparáveis. No “momento de meu nascimento, dois fatores determinaram meu destino, ter nascido negra e ter nascido mulher”. (hooks, 1981, p. 12). A luta contra o racismo e a luta contra o sexismo estão conectadas. Patricia Hill Collins, em seu livro *Black Sexual Politics* (2004), também defende o mesmo.

Realizando um movimento histórico, hooks afirma que, no século XIX, devido ao crescimento econômico, os homens brancos foram se afastando dos preceitos religiosos que havia moldado a vida dos primeiros colonizadores. Essa mudança acabou levando a mulher branca a uma nova percepção: elas não eram mais as tentadoras, eram louvadas como a parcela mais nobre da humanidade cujo dever era elevar os sentimentos dos homens e inspirar os seus impulsos superiores. (hooks, 1981). Exorcizada dos antigos estigmas, o preço que elas deveriam pagar pela sua “elevação” era negar seus impulsos sexuais.

Tal mudança ocorreu na mesma época em que se deu uma massiva exploração sexual das mulheres negras. Ao passo em que o homem branco idealizava a mulher branca, eles sexualmente atacavam e brutalizavam a negra. (hooks, 1981). Para a autora, o racismo não era a única causa de tamanha crueldade e sadismo perpetuado pelos homens brancos em relação às mulheres negras.

O profundo ódio destinado às mulheres foi incorporado na psique do colonizador branco pela ideologia patriarcal e pelos ensinamentos religiosos anti-mulher que motivaram e sancionaram a brutalidade dos homens brancos em relação às mulheres negras. No início da chegada delas nas colônias americanas, mulheres e homens negros enfrentaram uma sociedade que estava ansiosa para impor aos africanos deslocados a identidade de selvagem sexual.<sup>37</sup> (hooks, 1981, p. 32-33). (Tradução minha).

Collins (2004) também observa sobre essa “identidade de selvagem sexual”. Ela, ao apresentar exemplos de

---

<sup>36</sup>The women Berg refers to are white women yet she never states this. Throughout American history, the racial imperialism of whites has supported the custom of scholars using the term “women” even if they are referring solely to the experience of white women. Yet such a custom, whether practiced consciously or unconsciously, perpetuates racism in that it denies the existence of non-white women in America. It also perpetuates sexism in that it assumes that sexuality is the sole self-defining trait of white women and denies their racial identity. White women liberationists did not challenge this sexist-racist practice; they continued it.

<sup>37</sup> The deep hatred of woman that had been embedded in the white colonizer’s psyche by patriarchal ideology and anti-woman religious teaching both motivated and sanctioned white male brutality against black woman. At the onset of their arrival in the American colonies, black women and men faced a society that was eager to impose upon the displaced African the identity of “sexual savage.”

mulheres atuais, como Beyoncé e Jennifer Lopez e, do passado, a artista Josephine Baker e Sarah Bartmann<sup>38</sup>, afirma que, independente da época, as mulheres negras são associadas a uma sexualidade animalésca, selvagem. (COLLINS, 2004, p. 27).

Ela cita o *Comércio Ocidental de Escravos e os Blocos de Leilões do Sul* para abordar a forma como os escravos eram vistos. De acordo com ela, eles eram não mais que objetos a venda. No entanto, as mulheres negras faziam parte de um espetáculo muito maior que os homens negros: o sexual. Isso se dava porque as concepções ocidentais a respeito da mulher e feminilidade sempre estiveram mais ligadas à beleza física e atratividade. “Como todas as mulheres, as mulheres negras eram objetos para serem vistos, apreciados, comprados e usados, principalmente, por homens brancos ricos”. (COLLINS, 2004, p. 30).

Citando um artigo escrito por Amiri Baraka<sup>39</sup>, bell hooks demonstra o compromisso do intelectual em estabelecer um patriarcado negro. Apesar de uma nova nação, a nação negra, que consiste em um mundo em que haverá diferentes valores do mundo branco, rejeitado por ele, a estrutura social concebida era baseada na mesma fundação patriarcal que a sociedade branca americana. O racismo foi a força separatista entre os homens brancos e os negros, o sexismo, por sua vez, foi a força que os uniu. (hooks, 1981). Homens de diferentes raças acreditavam que uma ordem social patriarcal é a única ordem viável para a fundação de uma sociedade.

Enquanto as mulheres brancas foram colocadas em um pedestal, as mulheres negras eram vistas como caídas. Em comunidades negras, a mulher com traços mais próximos das brancas, era vista como a “dama” (*lady*), enquanto as mulheres de pele mais escura eram vistas como “vacas” ou “putas” (*bitches* ou *whores*). (hooks, 1981).

Dedicando-se às relações entre mulheres negras e brancas no início do século XX, a autora afirma que as relações eram carregadas de tensão e conflito. O movimento pelo direito das mulheres não aproximou os dois grupos. Ao contrário, trouxe à tona o fato de que as mulheres brancas não estavam dispostas a renunciar à supremacia branca para apoiar o interesse de todas as mulheres. O racismo do movimento e do campo de trabalho lembrava as mulheres negras, constantemente, das distâncias que separavam as duas experiências. Distâncias essas que as mulheres brancas não gostariam de mudar. (hooks, 1981).

Para a autora, o movimento das mulheres da década de oitenta não era diferente daquele do movimento pelo direito das mulheres. O racismo das mulheres brancas que, de tão intenso, cegou-as tornando impossível que admitissem dois fatos óbvios: em primeiro lugar, em um estado capitalista, racista, imperialista, as mulheres não compartilham de um status social como um grupo coletivo; em segundo lugar, nos Estados Unidos, o status social das mulheres brancas nunca foi como o da mulher negra ou do homem negro. (hooks, 1981).

As mulheres brancas não desafiaram a utilização da palavra “mulher” (*woman*) como referência somente a mulher branca. Ao contrário, apoiaram-na. Tal utilização servia a dois propósitos: primeiro, permitia a elas proclamarem

---

<sup>38</sup> Deixando seu país pela França, a artista norte-americana Josephine Baker dançava e cantava com os seios a mostra e em uma saia de bananas. Já Sarah Bartmann, uma mulher de origem Khoi, devido a suas largas ancas, era exibida na França e Inglaterra.

<sup>39</sup> De acordo com hooks (1981, p. 95), Baraka publica, em 1970, no *Black World*.

os homens brancos opressores enquanto fazia parecer, linguisticamente, que nenhuma aliança existia entre mulheres brancas e homens brancos baseada num imperialismo racial compartilhado. Segundo, possibilitou às mulheres brancas agir como se alianças não existissem entre elas e mulheres não-brancas em nossa sociedade e, ao fazerem isso, poderiam desviar atenção do seu classicismo e racismo. (hooks, 1981).

Para a autora, sempre que as mulheres negras queriam expressar suas ideias sobre o racismo das mulheres brancas ou sua percepção a respeito das mulheres que estavam à frente do movimento, alegando que elas não eram oprimidas, a resposta obtida era “opressão não pode ser medida”. Enfatizavam uma “opressão comum” para que as mulheres negras se juntassem ao movimento. Devido à resistência em admitir diferentes níveis de discriminação ou opressão, as mulheres brancas passaram a ser vistas pelas mulheres negras como inimigas. (hooks, 1981, p. 145).

Como muitas feministas brancas de classe média e alta que sofrem menos pela opressão sexista estavam tentando focar toda atenção nelas mesmas, segue que elas não aceitariam uma análise da sorte das mulheres na América que apresentaria que nem todas as mulheres são igualmente oprimidas porque algumas mulheres são capazes de usar sua classe, raça e privilégio educacional para efetivamente resistir à opressão sexista.<sup>40</sup> (hooks, 1981, p. 145). (Tradução minha).

Hooks afirma que poucas, ou nenhuma, mulher branca liberacionista estava disposta a reconhecer que o movimento das mulheres estava estruturado, conscientemente, para excluir as mulheres negras ou mulheres não-brancas. Servindo, principalmente, ao interesse das mulheres de classe média e alta com formação universitária, que buscavam igualdade social em relação aos homens brancos de classe média e alta. Embora admitissem que os grupos de mulheres liberacionistas eram racistas e classicistas, elas achavam que isso não diminuía o movimento. (hooks, 1981). No entanto, de acordo com a autora, é o racismo e o classicismo de líderes da ideologia feminista que levaram um grande número de mulheres negras a suspeitar de seus motivos, rejeitando uma participação ativa em qualquer tentativa para organizar um movimento das mulheres. (hooks, 1981).

Muitas mulheres negras aceitavam o feminismo como uma ideologia política que defendia igualdade social para todas as mulheres. Elas rejeitaram o movimento quando se tornou evidente que mulheres brancas da classe média e alta estavam utilizando-o aos seus próprios interesses.

Enquanto a definição estabelecida do feminismo é a de uma teoria política, econômica e social de igualdade entre os sexos, as mulheres liberacionistas brancas utilizaram o poder garantido a elas pela virtude de ser membros da raça dominante na sociedade americana, para interpretar o feminismo de forma que ele não era mais relevante para todas as mulheres. E parecia inacreditável para as mulheres negras que elas estavam sendo solicitadas para apoiar um movimento cuja maior parte das participantes estava largamente interessada em manter as hierarquias racial e de classe entre as mulheres.<sup>41</sup> (hooks, 1981, p.149). (Tradução minha).

---

<sup>40</sup> As many upper and middle class white feminists who suffer least from from sexist oppression were attempting to focus all attention on themselves, it follows that they would not accept an analysis of woman’s lot in America which argued that not all woman are equally oppressed because some woman are able to use their class, race and educational privilege to effectively resist sexist oppression.

<sup>41</sup> While the established definition of feminism is the theory of the political, economic, and social equality of the sexes, white women liberationists used the power granted them by virtue of their being members of the dominant race in American society to interpret feminism in

Apesar do texto de bell hooks ter sido publicado no início da década de 80, muitas das suas observações ainda nos são extremamente relevantes. A autora apresenta uma análise perspicaz a respeito do movimento feminista, afirmando que as lideranças estavam mais preocupadas com pautas individuais, geralmente de grupos social e educacionalmente privilegiados. Não estavam preocupadas em modificar as estruturas sociais em que viviam, como o capitalismo, mas em ocupar os cargos e posições ocupados pelos homens brancos. Muito do escrito por hooks está em consonância com as afirmações da postagem. Apesar de contextos diferentes, já que hooks faz um histórico da sociedade americana, finalizando em 80 e, na postagem, tem-se o brasileiro em 2015, as questões abordadas são próximas: aspectos da vida da mulher negra, imposições por parte das brancas e os respectivos feminismos.

Lemos (1997) observa as diferenças entre as mulheres negras e brancas. Para ela, as mulheres brancas reivindicavam o direito ao trabalho. As mulheres negras, por outro lado, como já trabalhavam há mais de 500 anos<sup>42</sup>, exigiam melhores condições de trabalho. Ela também se refere ao direito das mulheres negras de ter filhos e criá-los. As mulheres brancas, por sua vez, lutam pelo direito de evitar filhos. Outra diferença apontada por ela é em relação ao corpo<sup>43</sup>.

Segundo elas, a sexualidade, mesmo sendo uma bandeira importante, não se apresentava com tanta prioridade para as mulheres negras. Tal fato se dá porque o corpo da mulher negra na sociedade moderna, em grande parte, já lhe pertencia. Ele já fazia parte de seu cotidiano, das suas danças, do equilíbrio com as trouxas de roupa ou com a famosa lata d'água na cabeça. (LEMOS, 1997, p. 132).

A não-monogamia, mais especificamente, apresenta-se como outra diferença entre as mulheres negras e brancas. Enquanto no feminismo branco muito se tem falado de “amor livre”, as negras buscam o direito à monogamia. O poliamor, tema e ponto de partida para todos os outros aspectos sociais e políticos desenvolvidos na postagem, é representado como o “novo” a ser imposto pelas brancas. Apesar de se tratar de um grupo minoritário, as mulheres brancas ainda não consideram as diferenças entre os diversos tipos de mulheres.

O enunciador cita inúmeros tipos de minorias. Elas, não tendo a mesma situação privilegiada dos praticantes do poliamor, vêm-se cercados por limites bem delineados. Sexismo, racismo e uma situação econômica e educacional desprivilegiada podem representar obstáculos incontornáveis. Como afirma hooks (1981), para alguns grupos é mais fácil resistir efetivamente à opressão.

---

such a way that it was no longer relevant to all women. And it seemed incredible to black women that they were being asked to support a movement whose majority participants were eager to maintain race and class hierarchies between women.

<sup>42</sup> É importante considerarmos também o papel desempenhado pelas mulheres negras no passado colonial escravista e os números cada vez maiores de negras e negros em estado de pobreza, em prisões e em hospitais psiquiátricos.

<sup>43</sup> Como já apontamos anteriormente, citando hooks, no século XIX, a percepção a cerca das mulheres brancas foi modificada. Antes vistas como tentadoras, passaram a ser vistas como seres superiores e responsáveis pela elevação masculina. O preço pago por tamanha mudança foi o de aprender a negar seus impulsos sexuais. Talvez a necessidade das feministas brancas abordarem a “descoberta” da sexualidade venha desse histórico.

**(Excerto 3)**

Vocês não ligam se a não-padrão é a que vai estar sempre sozinha na sua mesa de bar cheio de caszinho. Vocês não ligam se a gente sobra e sempre sobrar nessa ciranda festiva do mais-amor-por-favor. Vocês não se importam. Esse discurso poliamoroso não deixa de reproduzir dentro dele todas as opressões estruturais que já existem. Quem já não é vista como socialmente aceitável para uma monogamia, será também preterida numa não-monogamia.

**(Excerto 5)**

A verdade é que se você é não-padrão, vão passar uma vida te tratando como lixo. Vão fazer com que você custe a, um dia talvez, acreditar que é digna do amor de alguém. Vão roubar para sempre sua autoestima, vocês vai ter que reconstruí-la todo dia. Diariamente, quando você acordar e se olhar no espelho vai ter que se convencer que você vale a pena, mesmo que tudo, o tempo todo te diga o contrário. Vão te roubar a possibilidade de construir relacionamentos saudáveis e ainda vão tentar te culpar pela sua insegurança. Vão reduzir tudo que te provocaram numa palavra simples e curta: ciúmes. E vão deixar toda a responsabilidade de lidar com esse “ciúme” nas suas costas.

O “discurso das minorias” é recorrentemente apresentado na postagem. Esse discurso tem sido largamente reproduzido em nossa sociedade nos últimos anos, principalmente veiculado pela iniciativa pública. O termo “minorias”, mais especificamente, não deve ser associado a grupos em menor número em uma sociedade. Ao contrário, o termo é relativo ao controle exercido por um grupo majoritário sobre os demais, tendo nenhuma relação com quantidade numérica<sup>44</sup>. De acordo com Edson B. Rondon Filho:

As minorias sociais advêm das coletividades que são discriminadas e estigmatizadas, consubstanciando um quadro de subordinação cultural, política ou socioeconômica a um grupo de domínio, independentemente do número de sujeitos que a compõem em relação à totalidade populacional, como é o caso de idosos, negros, indígenas, mulheres, homossexuais etc. (RONDON FILHO, 2012, p. 269).

Para Rondon Filho, a forma como se dá a lógica do processo de minoração é caracterizada pela inferiorização e pela estigmatização. Como resultado, há antagonismos e ambivalências entre o *status quo* que está em vigor e os diferentes tipos de resistência. Isso, de acordo com o sociólogo, é o que nos obriga a pensar sobre as possibilidades desse evento social. (FILHO, 2012).

As preocupações do sujeito-autor da postagem são em relação às mulheres, especificamente às negras, gordas, trans, com deficiência, travestis, pobres. As mulheres brancas, no entanto, não são incluídas. Elas são, ao contrário, a quem se deve resistir. No feminismo branco, como já tratamos anteriormente, discussões a respeito das práticas não-

<sup>44</sup> Como afirma Rondon Filho (2012, p.262), “Minorias podem ser, inclusive, compostas pela maioria populacional”.



monogâmicas vem ganhando cada vez mais espaço. Afastando-se, decisivamente, da monogamia. As feministas negras, por sua vez, reivindicam, na verdade, o direito à monogamia.

A diversidade do grupo minoritário mulher destaca-se através desse embate, demonstrando, mais uma vez, a impossibilidade de ver o grupo mulher como uno. Ao incluir esses diversos grupos, o sujeito-autor intersecciona essas diferentes lutas, apresentando-se como porta-voz de todas elas para tratar de seus interesses.

De acordo com Rondon Filho (2012, p. 271), estigma, é uma forma de designação social que gera descrédito ao estigmatizado, é a forma pela qual “se designa a normalidade do outro pela depreciação do estigmatizado”. O conteúdo dessa prática é constituído de forma relacional.

Há também a discriminação. Citando Elias e Scotson (2000), o autor observa que ela “opera em virtude de grupos e diferença de status”. (RONDON FILHO, 2012, p. 278). Na discriminação, os grupos dominantes se entendem “melhores”, inferiorizando assim os grupos dominados. Funciona com o propósito de injuriar a imagem de um grupo ou pessoa. Apresentando a distinção entre discriminação e preconceito, ele afirma:

É evidente que não podemos confundir discriminação com preconceito, já que aquela é resultado deste. A discriminação é mais ampla, pois extrapola a esfera individual e alcança níveis grupais e institucionais, enquanto o preconceito é restrito ao subjetivo (é o julgamento negativo sobre algo ou pessoa) e pode ter como alvo pessoas e grupos portadores de estigmas ou considerados desviantes. (RONDON FILHO, 2012, p. 278).

Para o autor, resumidamente, discriminação, relação social na qual os preconceitos são representados nos estigmas/desvios e se materializam nas identidades, construídas de forma positiva ou negativa de forma a justificar as imagens e as ideias. Podendo ser de diferentes espécies, a discriminação se dá quanto a gênero, religião, opção sexual, classe social, raça, ou a doenças, idade, geração etc. (RONDON FILHO, 2012).

É de igual importância resgatar o conceito de Julia Kristeva de corpo abjeto ou abjeção. Abjeção é uma dessas atitudes violentas do sujeito contra aquilo pelo qual se sente ameaçado. Para a autora, isso instiga seu desejo, mas ele não se deixa seduzir. Desvia-se, rejeita-se. Paradoxalmente, o abjeto provoca um fascínio de repulsa e de desejo simultaneamente.

Kristeva explica, mais especificamente, o conceito de abjeto:

Não é, pois, a ausência de limpeza ou de saúde que torna abjeto, mas aquilo que perturba uma identidade, uma sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras. O intermediário, o ambíguo, o múltiplo. O traidor, o mentiroso, o criminoso em sua consciência, o estuprador sem vergonha, o assassino que alega ser o salvador... Todo crime, por destacar a fragilidade da lei, é abjeto, mas o crime premeditado, o assassino acobertado, a vingança hipócrita são mais ainda porque redobram a exibição dessa fragilidade legal. Ele que renuncia a moral não é abjeto – pode haver grandeza na amoralidade e mesmo no crime que exibe sua falta de respeito à lei, revoltado, liberador e suicida. A abjeção, por outro lado, é imoral, sinistra, ardilosa, suspeita: um terror que se disfarça, uma raiva que sorri, uma paixão que usa o corpo para troca ao invés de lhe aquecer, um devedor que lhe vende, um amigo que lhe apunhala.<sup>45</sup> (KRISTEVA, 1982, p. 04). (Tradução minha).

<sup>45</sup> It is thus not lack of cleanliness or health that causes abjection but what disturbs identity, system, order. What does not respect borders, positions, rules. The in-between, the ambiguous, the composite. The traitor, the liar, the criminal with good conscience, the shameless rapist, the

Ela afirma que há existências que não se dão sobre um desejo, sempre de objetos, mas sobre a exclusão. Distingue-se daquelas identificadas como neuroses ou psicoses, as quais se dão pela negação e pelos seus diferentes tipos, *a transgressão, a denegação e a forclusão*. Na teoria do inconsciente, considera-se a repressão de conteúdos<sup>46</sup>, esses não “atingem” a consciência, mas operam modificações no sujeito (no discurso, lapsos etc.; nos corpos, sintomas ou, no discurso e nos corpos, as alucinações etc.).

Os conteúdos “inconscientes” permanecem aqui excluídos, mas de maneira estranha: não tão radicalmente para permitir a diferenciação sólida entre sujeito e objeto, e, todavia, com uma nitidez suficiente para que uma posição de defesa seja estabelecida – que implique uma recusa, mas também uma elaboração sublimatória. Como se a oposição fundamental fosse entre Eu e Outro, ou, mais arcaicamente ainda, entre Dentro e Fora. Como se essa oposição subsumisse aquela, elaborada a partir das neuroses, entre Consciente e Inconsciente.<sup>47</sup> (KRISTEVA 1982, p. 07). (Tradução minha).

A ideia de Kristeva de abjeto, enfatizando a oposição fundamental entre Eu/Outro ou Dentro/Fora, possibilita-nos pensar as minorias por outro ponto de vista. As minorias apresentadas pelo sujeito-autor da postagem (assim como qualquer outro tipo de minorias) podem constituir o Outro de que fala Kristeva.

Em relação a cada grupo minoritário, a abjeção trabalha de uma forma diferente. Quanto ao grupo “mulher”<sup>48</sup>, de maneira geral, a abjeção funciona pela perturbação do sistema, da ordem. Isso se dá porque, para a propagação das relações sociais assimétricas entre os sexos, é necessário que um grupo seja inferiorizado. Por isso, a exclusão, a repulsa, a abjeção. O sujeito-autor, mais especificamente, fala sobre as mulheres negras, gordas, trans e deficientes. Essas, por sua vez, são abjetos devido às suas características físicas<sup>49</sup> que fogem aos padrões de aceitação social: cor da pele, o peso e a falta da “normalidade” (seres “defeituosos”).

No entanto, é extremamente interessante notarmos que, na postagem, há articulação entre dois grupos de minorias: o grupo mulher não-padrão e o grupo que pratica o poliamor. Como, para o sujeito-autor, o grupo que pratica o poliamor é composto por mulheres brancas privilegiadas econômica e socialmente, o status de “minorias” parece se

---

killer who claims he is a savior... Any crime, because it draws attention to the fragility of the law, is abject, but premeditated crime, cunning murder, hypocritical revenge are even more so because they heighten the display of such fragility. He who denies morality is not abject; there can be grandeur in amorality and even in crime that flaunts its disrespect for the law – rebellious, liberating, and suicidal crime. Abjection, on the other hand, is immoral, sinister, scheming, and shady: a terror that disassembles, a hatred that smiles, a passion that uses the body for barter instead of inflaming it, a debtor who sells you up, a friend who stabs you.

<sup>46</sup> A autora afirma que Freud também propôs, ao lado na noção de repressão, as noções de denegação e de rejeição. (KRISTEVA, 1982).

<sup>47</sup> The “unconscious” contents remain here excluded but in strange fashion: not radically enough to allow for a secure differentiation between subject and object, and yet clearly enough for a defensive position to be established – one that implies a refusal but also a sublimating elaboration. As if the fundamental opposition were between I and Other or, in more archaic fashion, between Inside and Outside. As if such an opposition subsumed the one between Conscious and Unconscious, elaborated on the basis of neuroses.

<sup>48</sup> Com uma construção significativa, o sujeito-enunciador, ao se utilizar do substantivo “mulher”, consegue reconstruir o processo de referência (bell hooks (1981) afirma que, quando se utilizava a substantivo mulher/mulheres, estava-se referindo, na verdade, a mulher branca). Na postagem, “mulher” inclui diversos tipos de mulheres, essas com as mais variadas características, MENOS a mulher branca.

<sup>49</sup> No caso da mulher trans, podemos pensar também o quão indesejável é esse abjeto que perturba as identidades existentes, que desafia a criação divina, a ordem do natural.

desfazer. A postagem é construída tomando-se como majoritário um grupo que vive uma prática pouco aceita socialmente. Há abjeção trabalhando. O poliamor subverte o matrimônio (religioso e civil), assim como os modelos de relacionamentos afetivos e sexuais. O poliamor rejeita os limites, as regras, coloca em cheque todo um sistema.

Parece-nos que, para o sujeito-autor, como havia ali um embate, um choque entre o seu grupo minoritário e o outro grupo que, apesar de minoritário, representava as mulheres brancas e um risco - a defesa da não-monogamia, a resistência realizou-se como se estivesse em frente a um grupo majoritário. Ou ainda, se considerarmos o que afirma Hall (1998), ao apresentar a indicação de Clarence Thomas, negro de visões políticas conservadoras, a Suprema Corte norte-americana em meio ao processo de sua nomeação, o juiz foi acusado, por uma mulher negra, de assédio sexual. A sociedade americana foi polarizada: Thomas foi apoiado por alguns negros devido à questão da raça, já outros se opuseram por se aterem à questão sexual. As mulheres negras também estavam divididas, agiam dependendo de qual identidade prevalecia: como negra ou mulher. (HALL, 1998). O que prevalece, para o sujeito-autor da postagem, é sua identidade de feminista negra, opondo-se vigorosamente ao que afirmam feministas brancas, independentemente da magnitude do defendido.

### 3.3 Narrativas de vida

Ao apresentarmos, anteriormente, a descrição de elementos de acordo com a teoria da enunciação, afirmamos que a maior parte da postagem é desenvolvida através da utilização da primeira pessoa do singular, pronomes subjetivos e oblíquos, assim como desinências número-pessoais.<sup>50</sup> É construído um texto com forte aspecto subjetivo. Entretanto, nos primeiros quatro excertos da postagem, o enunciador, aquele que se constrói como “eu”, não apresenta traços da sua narrativa de vida, mas de outros, se assim pudermos considerá-los. A narração se dá em relação à vida de outros.

#### **(Excerto 1)**

Eu desafio vocês a convidarem para desconstruir a monogamia uma mulher que nunca teve direito à ela.

Eu desafio vocês a ir falar pra uma mulher que está presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido, eu desafio vocês a ir lá trocar uma ideia com ela sobre flexibilização de fidelidade, de amor livre.

#### **(Excerto 2)**

Eu desafio vocês a ir falar para uma travesti periférica que se prostitui que ela tem que “desconstruir o amor romântico.”

---

<sup>50</sup> Tal uso, para estudiosos das narrativas de vida, pode ser um indicie de autobiografia. No entanto, neste trabalho, não desenvolveremos nossa análise a partir desse ponto de vista.

Eu desafio vocês a convencer uma mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST desse marido revolucionário sexualmente livre que “Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo”.

Arfuch (2010) afirma que uma articulação indissociável entre o “eu” e o “nós” é realizada. Essas diferentes narrativas, de diversos modos, podem abrir possibilidades de autocriação. Da mesma forma, podem imagens e identificações múltiplas, que não fazem parte dos coletivos tradicionais. Esse jogo das diferenças representa uma das características da democracia. Para nós, na postagem, todas essas “vidas” constituem uma narrativa maior, a narrativa do “eu”. Ele, ao escrever, expressa-se por todos, representando todas essas vidas, fictícias ou não, no seu espaço íntimo.

Repetição, como espelho tranquilizador que nos devolve, para além da peripécia individual, do sucesso ou do fracasso, a mesma história: aquela que pode nos permitir a inclusão – a ilusão – de um “nós”. Nessa oscilação, desenha-se também o dilema, a tensão entre a utopia das vidas desejáveis e aquelas verdadeiramente existentes. (ARFUCH, 2010, p. 349).

É somente nos excertos 5 e 6 que podemos relacionar a postagem às narrativas de vida propriamente ditas. Utilizando-se de uma instauração actancial diferente<sup>51</sup> das apresentadas nos outros excertos, o narrador apresenta aspectos de uma vida, vivências. No entanto, essa representação não se dá como nas biografias ou autobiografias. Não são apresentados tempo nem lugar específicos, mas os sentimentos e pensamentos mais íntimos de um narrador que os escreve em um tom triste, pessimista e de revolta em um blog cujo objetivo é discutir questões relacionadas a gênero.

A postagem toda, seguindo as características do blog, pode ser relacionada às vivências da mulher. São apresentados problemas específicos de gênero. Apesar disso, não se refere a todas as mulheres, mas, especificamente, às mulheres não-padrão. Os tipos de mulheres não consideradas ou representadas pelo feminismo (branco). O feminismo do enunciador, ao contrário, demonstra preocupação e um posicionamento político firme em relação a esses grupos, um feminismo interseccional.

### **(Excerto 5)**

A verdade é que se você é não-padrão, vão passar uma vida te tratando como lixo. Vão fazer com que você custe a, um dia talvez, acreditar que é digna do amor de alguém. Vão roubar para sempre sua autoestima, vocês vai ter que reconstruí-la todo dia. Diariamente, quando você acordar e se olhar no espelho vai ter que se convencer que você vale a pena, mesmo que tudo, o tempo todo te diga o contrário. Vão te roubar a possibilidade de construir relacionamento saudáveis e ainda vão tentar te culpar pela sua insegurança. Vão

<sup>51</sup> O enunciador ao utilizar o pronome de tratamento *você*, como segunda pessoa do singular, pela primeira pessoa do singular, constitui uma emblema enunciativa. Tal uso possibilita um efeito de sentido de objetividade, já que a narrativa não acontece a partir de uma subjetividade materialmente construída – *eu*.

reduzir tudo que te provocaram numa palavra simples e curta: ciúmes. E vão deixar toda a responsabilidade de lidar com esse “ciúme” nas suas costas. E não se esqueça que o ciúmes de mulher será sempre um exagero, sempre uma paranóia, uma divagação.

Como estamos analisando uma postagem do blog *A gota D'Água – Do antigo Amélia é a mãe*, é necessário pensarmos que há configurações específicas. Esse blog não se caracteriza como um espaço em que a escrita de narrativas de vida seja o principal objetivo, mas textos com um forte teor informativo e argumentativo relacionados a questões de gênero. No entanto, isso não significa a ausência desse tipo de narrativas, mas a presença em forma diluída, postagens constituídas por traços biográficos. Vivências são apresentadas. Diferentemente dos gêneros convencionais, como os diários íntimos, mas são apresentadas.

No excerto anterior, é possível identificarmos uma “fabulação identitária”: o enunciador se constrói através da “afirmação das diferenças”, dos desafios de sua vivência, dos traumas, dos conflitos psicológicos. As crenças apresentadas ajudam nessa constituição identitária, logo no primeiro enunciado, tem-se “A verdade é que se você é não-padrão, vão passar uma vida te tratando como lixo”. Essa crença guia as percepções do enunciador e sintetiza todos os enunciados seguintes. Ele generaliza. É possível que uma pessoa “padrão” seja tratada como lixo e uma pessoa “não-padrão” resista a opressões.

O tom que encontramos aproxima-se de uma confidência, a intimidade é compartilhada. Quase como uma conversa entre mãe e filha ou avó e neta, o que já foi vivido é passado adiante em um tom de conselho – principalmente no enunciado “E não se esqueça que o ciúmes de mulher será sempre um exagero, sempre uma paranóia, uma divagação”. Não é possível, por sua vez, localizarmos “a exaltação de ter vivido”. O peso, entretanto, faz-se presente. Essa dor de ser diferente e ter que viver em uma sociedade que faça questão de notar essa diferença.

**(Excerto 6)**

Quer viver uma relação não-monogâmica? Parabéns! Nossa, um minuto de silêncio para você! Só não me venha dizer “Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo”. Não me venha falar para mim como você se sente, porque eu não sou como você. Quem pode querer não se importar? Quem tem esse privilégio? Que mulher tem esse privilégio? Vocês não interseccionam, vocês só falam do umbigo de vocês e banalizam o que as outras sentem e ainda vem me falar de sororidade. Acontece que tô cansada de falar de vocês, de fazer um feminismo branco, um feminismo que universaliza a condição de mulher tomando como base a mulher branca. A demonstração pública de afeto será do padrão, o relacionamento abusivo será da preta. A monogamia e a não-monogamia serão privilégio de quem se enquadra no padrão. O amor escondido será da preta. Sem mais.

No último excerto, não é possível apontarmos traços vivenciais. Tem-se, com toda clareza, a vida como assunto

principal (e os relacionamentos humanos), mas não uma vida em específico. O enunciador se posiciona contra, resiste, ele não deseja se encaixar nas resoluções de outros. Para isso, cita o feminismo interseccional. Demonstra, assim, um posicionamento contrário ao feminismo branco, demonstra atrito. De acordo com Arfuch, as novas narrativas e identificações, assim como as novas identidades (políticas, étnicas, culturais, religiosas, genéricas, sexuais etc.), são novos modelos de vidas possíveis. Elas supõem o conflito e esse, por sua vez, supõe resistência. Esse algo que requer ser narrado, nessa postagem, é a vida em meio a problemas sociais como o sexismo e o racismo. É o ter vivido *isso*.

Pêcheux apresenta, no anexo intitulado *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, esclarecimentos sobre a relação teórica entre o Marxismo (Althusser), Psicanálise (Lacan) e Linguística (Saussure), chamada de Tríplice Aliança. Ele se retifica, pois, de acordo com Leite, em face à afirmação de que há o real da língua, assim como há o real da história e o real do inconsciente, existe uma inviabilidade de construir uma posição teórica que oferecesse as respostas que o real de cada campo requer e firmar esse posicionamento é confirmar o fracasso da Tríplice da Aliança na vertente que foi destacada por Pêcheux no específico texto. (LEITE, 2003).

Construindo sua retificação, Pêcheux afirma que investigou de que forma, nas evidências constituídas pela interpelação, o sujeito é criado como historicamente capaz de ir contra as causas que o determinam. Criado sob certas condições ligadas à teoria marxista-leninista, ele apreende essas causas teórica e praticamente. (PÊCHEUX, 1988). Diante do sujeito interpelado pela ideologia dominante burguesa, o autor se apoiava em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para descobrir o ponto, sob a evidência, em que o absurdo reaparece.

Isso tornou possível um tipo de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se localiza. O teórico acredita que há a possibilidade de uma “interpelação às avessas”. (PÊCHEUX, 1988). Nesses enunciados, ele expõe o primeiro ponto de sua retificação. O teórico francês observa que algo, em relação à Psicanálise, também estava desacertado. Mais especificamente, quanto à referência aos conceitos da disciplina, na relação entre ego e o sujeito.

Tudo se passa, em *Les Vérités de La Palice*, como se o que foi dito do sujeito se confundisse tendencialmente com o que foi posto relativamente ao ego como “forma-sujeito” da ideologia jurídica, a ponto de que o funcionalismo, expulso politicamente pela porta, pudesse apesar de todas as denegações, ter voltado a tamborilar pela janela psicanalítica, sob a forma de uma espécie de gênese do ego; à força de levar exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência. (PÊCHEUX, 1988, p. 299).

A falha em *Les Vérités de La Palice*, para o Pêcheux, era justamente não considerar que a falha era possível. Contornava-se, dessa forma, que o *non-sens* do inconsciente, lugar em que a interpelação encontra onde se agarrar, nunca é inteiramente oculto nem bloqueado pela evidência do sujeito-centro-sentido, seu produto, como não são sucessivos o tempo da produção e o do produto (da mesma forma que o são para o mito platônico), mas são inscritos, na verdade, na simultaneidade de um batimento por meio do qual o *non-sens* do inconsciente volta a todo tempo no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar. (PÊCHEUX, 1988).

Só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/*non-sens* do sujeito dividido. (PÊCHEUX, 1988, p. 300).

Esse ponto distancia, então, o conceito psicanalítico de recalque da ideia (filosófica) de esquecimento ou apagamento. Pêcheux continua a considerar que o sentido é produzido no *non-sens*, a partir do deslizamento sem origem do significado, daí dá-se a instituição da primazia da metáfora sobre o sentido, no entanto, ele acrescenta que esse deslizamento não se oculta sem deixar marcas no sujeito-ego da forma-sujeito ideológica, a qual pode ser localizada com a evidência de um sentido. (PÊCHEUX, 1988).

Aprender até seu limite máximo a interpretação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (e o mínimo que se pode dizer é que os exemplos são abundantes, seja na cerimônia religiosa, no processo jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político...). (PÊCHEUX, 1988, p. 300-301).

O reconhecimento dessa existência do sujeito dividido, do real do inconsciente constitui o segundo ponto a ser retificado. Nas últimas linhas do anexo, Michel Pêcheux apresenta dois pontos, aos quais chama de incontornáveis: no primeiro, afirma que sem resistência, não há dominação. Esse, “o primeiro prático da luta de classes”, traz “é preciso “ousar se revoltar””. No segundo ponto, tem-se “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”. (PÊCHEUX, 1988, p. 304).

A leitura da retificação de Pêcheux nos possibilita pensar que é possível, pelo inconsciente, fugir da interpelação. No entanto, tal ação se dá de forma involuntária, não está na dependência da vontade. É possível aproximarmos a postagem em questão ao que afirma o teórico francês. A concepção de dois grupos opostos apresentada pelo sujeito-autor da postagem, em que há um grupo de pessoas brancas, em uma situação social, econômica e educacional privilegiada e outro grupo, constituído por pessoas negras, de baixa renda e uma situação social e educacional precária, apresenta atrito. A postagem não deixa de apresentar também um cenário de luta de classes, mas um cenário agravado, em que questões raciais e de gênero, além da econômica, entram em cena.

Como Pêcheux tão veemente afirma, não há dominação, sem resistência. Nessa postagem podemos identificar isso. Apesar de o poliamor ser um tema, aparentemente, distante de tais questões, o sujeito-autor demonstra a ligação existente entre ele e os aspectos sociais, políticos, ideológicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da escrita desta dissertação, nas primeiras leituras e análises das duas postagens, não havia ainda percebido o grau de complexidade que se apresentava a mim. Acreditava que ambas as postagens seriam próximas em estilo, a segunda seria como a primeira, mais especificamente. Na verdade, devo confessar que me levou um bom tempo para entender a segunda postagem. Minha análise dessa postagem só começou a encaminhar depois da leitura da obra de bell hooks. Só comecei a localizar os interdiscursos da postagem “Poliamor não me contempla” após essa leitura. Não tinha previsto que estudaria o feminismo interseccional (feminismo negro), que em meu trabalho abordaria outras minorias (acreditava que a única minoria seria o poliamor) ou, ainda, a resistência representada nessa postagem. O Capítulo III foi, sem dúvida, a parte mais difícil desse trabalho de ser escrita, exigiu muito amadurecimento de minha parte. Por outro lado, a primeira postagem, “Ame e deixe amar: Um manifesto a favor do poliamor”, foi o que eu acreditava que encontraria. A sua análise foi realizada sem grandes dificuldades. Os próprios interdiscursos encontrados foram os esperados.

Nesta dissertação, três foram os objetivos específicos propostos: identificar, nos enunciados das duas postagens, as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos-autores, em conformidade com o postulado por Benveniste (1976; 1989) e com a releitura de Fiorin (1996). Análise do interdiscurso presente nos enunciados em questão. Por fim, partindo do pressuposto que a escrita de postagens sobre o poliamor pode estar relacionada a vivências, investigá-las enquanto narrativas de vida. Esses objetivos possibilitaram um movimento analítico que partia de aspectos linguísticos mais localizados, como as marcas linguísticas específicas de instauração de pessoas, por exemplo, e avançava a aspectos mais amplos do texto, contextuais. Isso foi fundamental para o avanço da minha análise. Eu podia realizá-la com segurança, pois conhecia meus passos.

A análise de elementos referentes à enunciação, as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos-autores, foi essencial. Por ser uma análise mais localizada, enquanto a investigação do interdiscurso e dos traços que poderiam constituir narrativas de vida são mais contextuais, a minha compreensão foi geral. Isso possibilitou que os mais diversos tipos de elementos e traços me chamassem atenção, constituindo um todo. A análise dos elementos referentes à actorização demonstrou que debreagens foram realizadas em grande número. Os enunciadore utilizaram-se da primeira pessoa do singular – “eu” – e da primeira pessoa do plural – “nós”, além do pronome de tratamento – “você”. Demonstrando um tom predominantemente subjetivo, que, em alguns momentos, expressava mais coletividade. Isso pode representar uma estratégia do enunciador para que o sujeito-leitor se identifique com a postagem. Quanto aos elementos relacionados à instauração temporal, a maior parte deles representa o presente, a enunciação enunciada, o que pode configurar mais uma estratégia de aproximação ao sujeito-leitor. Não há uma distância temporal realmente caracterizada. A instauração espacial, por sua vez, demonstrou-se pouco significativa nas postagens. Nenhum elemento linguístico que fizesse referência ao espaço foi identificado.

Shah (2005) apresenta sua concepção de blog enquanto artefato cultural. De acordo com ele, pensarmos os



blogs dessa forma possibilita identificarmos várias narrativas possíveis, não somente uma linear. Isso nos leva a ver cada postagem de um blog como uma narrativa e podemos identificar, se nos distanciarmos, uma rede formada por narrativas diferentes. Nos blogs estudados, *Casal sem Vergonha* e *A gota D'Água – Do antigo Amélia é a mãe*, podemos vê-los dessa forma. Ainda mais, como no caso desses blogs, pois são espaços em que diversos sujeitos-autores postam, os dois têm suas postagens escritas por colaboradores. Isso amplia o conceituado por Shah. Cada postagem representa uma narrativa diferente e, nesses blogs, diversos autores-sujeitos escrevem diversas narrativas. São narrativas individuais e coletivas que, a todo tempo, esbarram-se, comunicam-se.

Por fim, é preciso discutir o que nos foi possível encontrar a partir dos três objetivos específicos que propusemos, ou seja, como o poliamor é representado nas postagens analisadas. Como todo modelo de relacionamento humano ou, antes, como toda interação humana, as opiniões divergem, não há consenso, a subjetividade aparece em primeiro plano. Assim como para muitas pessoas a monogamia é problemática, para outros, o poliamor também o é. Na primeira postagem, tem-se uma opinião favorável, uma pessoa vive esse modelo de relacionamento porque acredita que se vê realizado nele, feliz como não seria vivendo um relacionamento legitimado e socialmente aceito no Brasil, o monogâmico. Por isso, não viver a norma e enfrentar dificuldades, parece valer a pena. O sujeito-autor conta suas vivências, afirmando que, para ele, funciona. Para outras pessoas, como sabemos, não necessariamente.

Na segunda postagem, por outro lado, o poliamor é tratado como uma imposição das feministas brancas. Por isso, um grito de resistência constitui essa postagem. Mais uma vez, afirma-se que mulheres brancas e mulheres negras são diferentes, que a categoria mulher não é una. São vidas diferentes, graus diferentes de opressão. As brancas, com suas imposições, oprimem ainda mais um grupo já bastante oprimido. O sujeito-autor apresenta todas as contradições e questões sociais por trás do poliamor. Não há aqui uma visão ingênua, como se o poliamor fosse o modelo perfeito de relacionamento humano, a libertação das regras limitadoras da monogamia ou da poligamia. Sempre nas relações humanas pode haver problemas. Não há escapatória. E os problemas não são somente os da superfície. Não há aqui uma visão romântica apegada aos ideais da monogamia. O sujeito-autor não se posiciona contra o poliamor utilizando de argumentos como “natural” ou “certo”. Há, muito ao contrário, um fundo político e social: a monogamia, um princípio de base cristã, foi imposta a elas, mas nunca devidamente se realizou, as suas vidas amorosas sempre foram muito diferentes das brancas (assim como a relação com a sexualidade e com a maternidade). Agora, querem realizar mais uma imposição, a da não-monogamia. Essa discussão não é algo artificial, ralo, mas sério, substancialmente político, que demanda mais discussões, pois se fala pouco (ou nada!) sobre o que realmente se precisa falar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995. Parte I: Sensacionalismo na Comunicação.
- AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. Blogs: mapeando um objeto. In: **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. (orgs.) – São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2007.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição – HUCITEC, 2006.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black sexual politics**. New York; London: Routledge, 2004.
- CRENSHAW, Kimberle. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics," *University of Chicago Legal Forum*: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Available at: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **O atual e o real**. Disponível em: [https://antropologiassociativa.files.wordpress.com/2010/06/deleuze\\_1996\\_o-atual-e-o-virtual\\_bookchapt.pdf](https://antropologiassociativa.files.wordpress.com/2010/06/deleuze_1996_o-atual-e-o-virtual_bookchapt.pdf). Acesso em 23.11.2016.
- EFIMOVA, L.; HENDRICK, S. In search for a virtual settlement: an exploration of weblog community boundaries. In: **Communities and Technologies**, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- hooks, bell. **Ain't I a woman**. Boston: South End Press, 1981.
- KRISTEVA, Julia. Approaching Abjection. In: KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: An Essay on Abjection**. New York: Columbia University Press, 1982. p. 1-17.

LEITE, Nina V. de A. *Só Há Causa Daquilo que Falha*. Artigo apresentado no I SEAD. 11 de Novembro de 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. [Le pacte autobiographique]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEMONS, Rosália de Oliveira. *Feminismo Negro em Construção*: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Dissertação. Instituto de Psicologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) **Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo**, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP, 2000.

MORGANTE, Mirela Marin. NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: debate teórico. In: **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988, Anexo III, p. 293-307.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: Achard, Pierre (et al.). **Papel da memória** (pp. 49-57). Campinas: Pontes, 2010.

PILÃO, Antônio. Cerdeira. *Poliamor*: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero. Dissertação. PPGSA, UFRJ, 2012.

PILÃO, Antônio. Cerdeira.; GOLDENBERG, Mirian. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. In: Revista Ártemis, Edição V. 13; jan-jul, 2012. pp. 62-71.

RAMINIELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, P. J. Sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. In: **Revista da Famecos**, n.23, dezembro de 2003. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/235/179>. Acesso dezembro de 2015.

RONDON FILHO, Edson Benedito. Polícia e minorias: Estigmatização, desvio e discriminação. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Vol. 6 – n 2 – ABR/MAI/JUN 2013 – pp. 269-293. Disponível em: <http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-6-2-Art4.pdf>. Acesso em 23 de março de 2016.

SHAH, N. PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace. **Cut-up.com Magazine**, Holanda, V.2.5, issue 42, 24/09/2005.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 2010.

WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

## ANEXOS

## ANEXO A – Prints da postagem “Ame e deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor”

terra NOTÍCIAS ECONOMIA ESPORTES DIVERSÃO MÚSICA VIDA E ESTILO TERRA TV SHOPPING

SOBRE ANUNCIE CONTATO COLABORE SIGA-NÓS NO TWITTER VISITE NOSSA FANPAGE

**CASAL SEM VERGONHA** SEXO AMOR ATITUDE LISTAS LIFESTYLE

**AMOR** Ame e deixe amar – Um manifesto a favor do poliamor

amor daniel poliamor

**AMOR** O segredo dos relacionamentos felizes **VLOG**

O Segredo Não Está Em Respeitar as Diferenças - Está Em Amá-las

VEJA TODOS OS VÍDEOS ▶

**CASAL SEM VERGONHA**  
FOTOS E DICAS EXCLUSIVAS TODOS OS DIAS NA SUA MÃO

**TOP 5**

- 10 Segredos da Mulher Boa de Cama
- Sexo bom não precisa de penetração
- 15 Coisas em que Ela Pensa Quando Você Está Dentro Dela
- 11 Coisas em que Ela Pensa Quando Está Dentro de Você
- 4 dicas pra ele não te esquecer depois do sexo

\*Poligamia é coisa de quem não quer firmar compromisso nenhum. É coisa de moleque mimado que quer comer todo mundo ou coisa de piranha. Cidadãos de bem nunca pensariam nisso, gente bem criada entende que um bom casamento e uma relação longínqua entre duas pessoas – mas só se forem heterossexuais – é o futuro perfeito pra alguém.\*

Ouvi esse trecho acima algumas vezes já. Enquanto alguns sonham em encontrar o amor da sua vida, o Príncipe Encantado ou uma atriz pornô sueca, outros pensam apenas em conhecer pessoas e compartilhar seus mundos. Eu sou uma delas, e antes que você me ataque como a maioria faz, digo que isso não é nenhum problema ou uma daquelas anomalias psicológicas que Freud adoraria tratar.

Meus pais me criaram com uma visão bonita do amor. Um casamento estável de 20 e tantos anos, 2 filhos bem criados, uma situação estável com casa própria, algumas viagens, carro na garagem e tudo mais. A vida perfeita convencionalmente aceita pela maioria das pessoas. Nos bastidores dessa história de amor, no entanto, algumas histórias de infidelidade, algumas sessões de terapia, alguns comprimidos pra dormir e resgatar da depressão e um sorriso bonito na cara pra sustentar o cenário perfeito da sociedade. Funciona pra eles, ótimo. Mas pra mim (e pra muita gente) a coisa não é bem assim.

Quando nascemos, automaticamente entramos num jogo cheio de regras cagadas por aí. Cadê aquele termo em que eu declaro que li e aceito as regras impostas pela sociedade? Não existe. É meio como um “vai lá, campeão, se vira”. Na verdade, é bem mais um “vai lá e vive exatamente o que todo mundo espera que você viva”. No meio dessas expectativas todas, eu sempre me enxerguei de um modo diferente: gostava sempre de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Cheguei a me apaixonar perdidamente por três garotas no jardim de infância. Mais duas no ensino médio. Mais algumas mais tarde. Mesmo sendo claro e dizendo abertamente que me sentiria infeliz se tivesse que abrir mão de uma das pessoas pela qual me apaixonei, continuavam me

empurrando prum muro. Grifado nele, a palavra "escolha".

Deixe-me ser claro: eu já fiz uma escolha. E estou apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo. Consigo viver com as duas pro resto da minha vida (ou até o sentimento durar), mas não preciso escolher uma só. Eu concordo, elas concordam. O relacionamento funciona bem assim e elas podem se relacionar com quem quiserem. Eu funciono bem apenas tendo as duas. Isso me torna menos respeitável do que a maioria? Não. Isso me torna um depravado estranho que não quer arcar com relacionamentos sérios? Eu arco, meus relacionamentos são tão sérios quanto o seu e possuem regras também. A única diferença é que existe mais de uma pessoa envolvida neles. Como a Aline do seriado, eu me divido entre duas pessoas que me completam. E acho que restringir a sua vida a uma única pessoa é decretar infelicidade a ambos. Imagina só ser responsável por todas as expectativas, frustrações, desejos (emocionais e sexuais) de alguém, além de privar essa pessoa de conhecer outros mundos?

Não, não me incomodo. Desde que tudo seja feito com respeito e de forma clara. Mas as pessoas têm o costume de achar que o que foge do convencional é errado. Se não está na Bíblia, é do capeta. Se ninguém fez isso antes, é estranho. E tentam fazer de você um peão do Jogo da Vida que deve circular por aquele velho tabuleiro conhecido. Viver modelos pré-concebidos de relacionamentos é o mesmo que decretar a sua própria infelicidade. A gente não merece isso, ainda mais em algo que deveria ser prazeroso, ainda mais se você descobre que não existe só uma pessoa pra ocupar um espaço bonito na sua vida.

Assim como eu, muitas pessoas funcionam desse jeito. Elas amam mais de uma pessoa e se relacionam de um jeito só delas. E não, isso não é traição. Não, também não é indecisão ou falta de vergonha na cara. É só uma forma de manifestar amor, assim como você manifesta no seu casamento, ou no seu namoro, ou em qualquer que seja seu modelo de relacionamento. Se funciona pra você, ótimo. Funciona pra gente de



#### DANIEL OLIVEIRA

"Jornalista de comportamento" em mesa de bar, publicitário carioca botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>

[LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL](#)

[Tweetar](#) 57 [Curtir](#) [Compartilhar](#) 4,3 mil [G+](#) 13

*\* Todos os nossos conteúdos do site Casal Sem Vergonha são protegidos por copyright, o que significa que nenhum texto pode ser usado sem a permissão expressa dos criadores do site, mesmo citando a fonte. \**

## POSTS RELACIONADOS



O amor é outra coisa



Foi amor e foi lindo - mas não precisa ser pra sempre



## @KSALSEMVERGONHA

### Tweets

**Maressa** @MahBataglini 24m  
21 Coisas Que Aprendemos Com o Sexo  
[casalsemvergonha.com.br/2011/1/via/@ksalsemvergonha](http://casalsemvergonha.com.br/2011/1/via/@ksalsemvergonha)

**Casal Sem Vergonha** 1h  
@ksalsemvergonha  
Fragmentos de Uma Noite Com Você  
[casalsemvergonha.com.br/2011/1/pic.twitter.com/cOUEt1TBW1](http://casalsemvergonha.com.br/2011/1/pic.twitter.com/cOUEt1TBW1)  
Retweetado por Bela com z  
Mostrar foto

Compor novo Tweet...

## JUNTE-SE A NÓS

Entre agora no grupo fechado mais sem vergonha do Brasil! Receba dicas de sexo e felicidade a dois gratuitamente no seu email:

Seu melhor e-mail aqui

## ANEXO B – Prints da postagem “Poliamor não me contempla”

segunda-feira, 16 de março de 2015

### Poliamor não me contempla

Por Laura Elisa

Eu, sinceramente, desafio vocês a me convencerem que essa história de poliamor me contempla.

Eu desafio vocês a convidarem para desconstruir a monogamia uma mulher que nunca teve direito à ela.

Eu desafio vocês a irem falar sobre não-monogamia para uma mulher negra, pra uma mulher gorda, para uma mulher trans, pra uma mulher com deficiência.

Eu desafio vocês a ir falar pra uma mulher que está presa a um relacionamento abusivo, que é traída pelo

Menina se enforca após ter foto íntima divulgada na internet

Parece que estou reeditando uma notícia, mas infelizmente não se trata disso. Desta vez, a adolescente tinha 16 anos. Giana Laura Fa...

Menina de 17 anos se mata após ter vídeo íntimo vazado na internet

Infelizmente Júlia não suportou a vergonha de ter sua intimidade exposta na internet e resolveu acabar com a própria vida, se ento...

Poliamor não me contempla  
Por Laura Elisa Eu,

marido, mas que não pode sair de casa por causa dos filhos, por que depende economicamente do marido, eu desafio vocês a ir lá trocar uma ideia com ela sobre flexibilização de fidelidade, sobre amor livre.

Eu desafio vocês a ir falar para uma travesti periférica que se prostitui que ela tem que "desconstruir o amor romântico".

Eu desafio vocês a convencer uma mulher que é estuprada sistematicamente pelo marido dentro de casa, que contraiu uma DST desse marido revolucionário sexualmente livre que "Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo".



É muito fácil de dentro da sua bolha branca, magra, com acesso à informação e economicamente privilegiada vir pregar uma não-monogamia branca rosada e com sardas, porque é assim que é esse rolê e vocês sabem, mas nem ligam.

Vocês não ligam se a não-padrão é a que vai estar sempre sozinha na sua mesa de bar cheio de casazinho. Vocês não ligam se a gente sobra e sempre sobrá nessa ciranda festiva do



mais-amor-por-favor.

Vocês não se importam.



Esse discurso poliamoroso não deixa de reproduzir dentro dele todas as opressões estruturais que já existem. Quem já não é vista como socialmente aceitável para uma monogamia, será também preterida numa não-monogamia. Com a diferença de que agora a convenceram de que isso é normal, de

que ela não pode fazer cobranças, que ela não pode estar sofrendo o que sofre porque ela concordou com esse tipo de relação. Daí eu te pergunto o que tem de revolucionário num homem "desconstruir a monogamia" se isso pra ele já é e sempre foi um direito? Para o homem trair é normal. O homem com mais de uma mulher é normal. A mulher é obrigada a aceitar porque "homem é assim mesmo". E, no final, o que isso tudo acaba gerando é uma justificativa pra esse homem fazer o que sempre fez e agora se apoiar num discurso super engajado de paz, amor e liberdade. Os homens vão se apoiar nesse discurso para continuar usando mulheres como eles sempre bem fizeram ou do mesmo jeito que subvertem o sentido da liberdade sexual da mulher.



A verdade é que se você não é padrão, vão passar uma vida te tratando como lixo. Vão fazer com que você custe a, um dia talvez, acreditar que é digna do amor de alguém. Vão roubar para sempre sua autoestima, vocês vai ter que reconstruí-la todo dia. Diariamente, quando você acordar e se olhar no espelho vai ter que se convencer que você vale a pena, mesmo que tudo, o tempo todo te diga o contrário.



Vão te roubar a possibilidade de construir relacionamentos saudáveis e depois ainda vão tentar te culpar pela sua insegurança. Vão reduzir tudo que te provocaram numa palavra simples e curta: ciúmes. E vão deixar toda a responsabilidade de lidar com esse "ciúme" nas suas costas. E não esqueça que ciúmes de mulher será sempre um exagero, sempre

uma paranoia, uma divagação.

Quer viver uma relação não monogâmica? Parabéns! Nossa, um minuto de silêncio pra você! Só não me venha me dizer "Ninguém devia se importar com quem o parceiro faz sexo". Não me venha falar para mim como você se sente, porque eu não sou você. Quem pode querer não se importar? Quem tem esse privilégio? Que mulher tem esse privilégio?

Vocês não interseccionam, vocês só falam do umbigo de vocês e banalizam o que as outras sentem e ainda vem me falar de seriedade



sinceramente, desafio vocês a me convencerem que essa história de poliamor me contempla. Eu desafio vocês a...



Criança de 09 anos é estuprada em Pacatuba e linchada na internet

Uma menina de 09 anos, de iniciais V.I.G.S. foi estuprada pelo vizinho que realizava uma obra na casa da vítima. O agressor era um p...



Apoio a Fran – Menina que teve vídeo íntimo vazado na internet

Por Ana Eufrázio Nos últimos dias tem circulado na internet um vídeo íntimo onde aparece uma garota fazendo sexo oral com o "namora...

Número total de visualizações de página

249137

Ocorreu um erro neste dispositivo

#### Arquivo do blogue

▼ 2015 (30)

- ▶ Outubro (2)
- ▶ Junho (2)
- ▶ Maio (1)
- ▶ Abril (7)

▼ Março (11)

- Meu estupro aconteceu no seio familiar
- Moça é insultada pelos "pró vida" porque foi mãe a...
- Maternidade compulsória: Um relato comovente
- O valor da vida de uma mulher
- Nem toda mulher tem instinto materno
- O meu lugar de fala
- Poliamor não me contempla
- O lado cruel da obstetrícia
- Lei do Feminicídio sancionada
- Aborto legal, seguro e gratuito.
- Aborto: o que não te falam

▶ Fevereiro (6)

▶ Janeiro (1)

▶ 2014 (125)

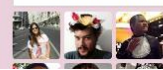
▶ 2013 (115)

G+1 7

#### Convide seus amigos

Ana Eufrázio

+ Adicionar a círculos.



sentem e ainda vem me raiar de sorriçaaae. Acontece que eu tô cansada de falar de vocês, de fazer um feminismo branco, um feminismo que universaliza a condição de mulher tomando como base a mulher branca.

A demonstração pública de afeto será do padrão, o relacionamento abusivo será da preta.

A monogamia e a não-monogamia serão privilégio de quem se enquadra no padrão. O amor escondido será da preta.

Sem mais.

Postado por Ana Eufrázio às 21:08

**20 comentários:**

**Luciano disse...**

Questão bem controversa, porém importante. Isso me faz remontar ao período em que Adultério era crime, na verdade, crime mesmo era a INFIDELIDADE FEMININA, pois homens podem variar, podem dar ao luxo de aflorar o seu lado animalesco.

Quanto ao mulher, ela precisa seguir a dupla moral, eu não posso, porém ele;sim!

Acredito na liberdade de escolhas e se a mulher - negra, índia ou branca - se sentir confortável e afim de manter uma relação poliamorosa, não vejo problema.

Não apoio o protagonismo do homem em se valer do Poliamor como pretexto para dar continuidade a seu caráter sexual contingente e opressor

Pois a sexualidade da mulher pertence a ela e a mais ninguém.

17 de março de 2015 às 17:00

62 têm-me em círculos

**Quem sou eu**

Ana Eufrázio

Seguir 62

Ver o meu perfil completo

**Seguidores**

Aderir a este site com o Google Rede Social

Membros (21)

**ANEXO C - Análise da audiência do blog *A gota D'Água – Do antigo Amélia é a mãe***



Anaeufrazio.blogspot.com.br  
 Um blog interativo. Focado na discussão sobre a violência de Gênero e feminismo.



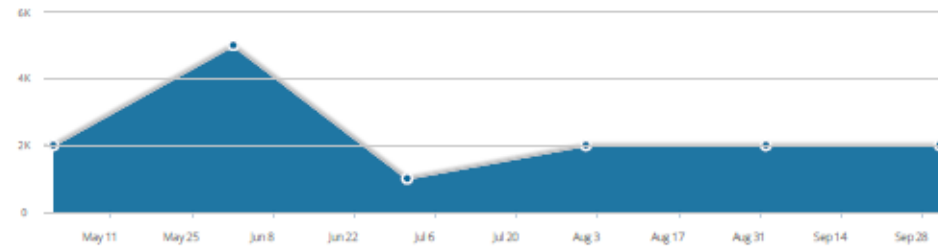


# Traffic Overview

## Estimated Monthly Visits

Showing last 6 months

Select Date Range



## Engagement

October, 2015

Visits	<b>2K</b>
Time On Site	<b>00:01:11</b>
Page Views	<b>1.59</b>
Bounce Rate	<b>56.00%</b>

## Traffic by countries

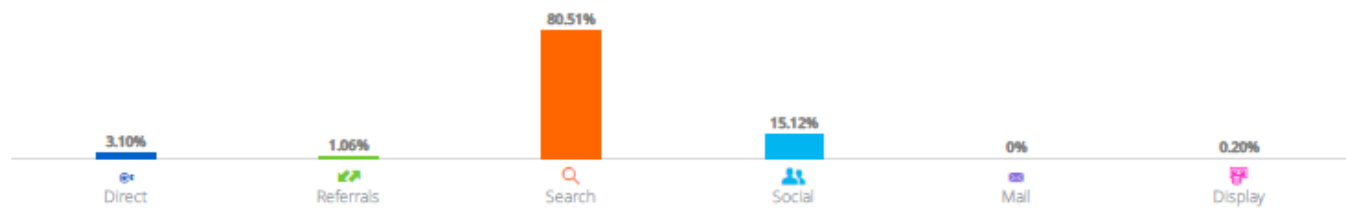
On Desktop, Last 3 months



Brazil	<b>99.33%</b>
France	<b>0.67%</b>

## Traffic Sources

On Desktop, Last 3 months



## Referrals

---



### NOT ENOUGH DATA

Site owner? Here's a few tips for you

- 1 Have you tried speaking to press and bloggers about your product? They can be a great source of referral traffic when they publish a post or article with a link.
- 2 Ask your fans, clients or business partners to put a link to your site on theirs.
- 3 Register your website in relevant directories and listings.
- 4 Look at the main referrals of your competitors to get some ideas of websites you could be engaging with.

## Search

---



### NOT ENOUGH DATA

Site owner? Here's a few tips for you

- 1 Make your site SEO-friendly to make sure its indexed by search engines. Keep your website structure simple, clean and coherent for crawlers to index and rank pages.
- 2 Find out which are the Top 100 Search Engines on the internet [here](#).
- 3 Think about the keywords you'd like to rank for and use them throughout your site, including content, titles and META tags.
- 4 To choose the right keywords, simply put yourself in your target user's shoes and think of what you'd type if you were looking for your product.

## Social

---



### NOT ENOUGH DATA

Site owner? Here's a few tips for you

- 1 Choose your social networks carefully. There are many options and you can find the Top 100 Social Networks in your Country [here](#).
- 2 Facebook and Twitter are very popular networks but if you can look for alternatives that might be more relevant to your content (e.g. LinkedIn might be more effective for professional services).
- 3 If you don't have your own social pages you can still make sure your site content is shared across social networks by adding social buttons on your site.
- 4 Work hard and be patient: unless you're a celebrity, it will take time for your social networks to grow. Make sure you invest time and effort keeping it up to date with exciting news and content.

## Display Advertising



NO DISPLAY ADVERTISING

This website doesn't use display advertising as part of their marketing activity.

## Audience Interests

### Categories



People And Society



Computer And Electronics >  
Software



News And Media > Newspapers

### Also visited websites

[Mentodoze.blogspot.com.br](http://Mentodoze.blogspot.com.br)

[Copytrans.net](http://Copytrans.net)

[180graus.com](http://180graus.com)

[Globoesporte.globo.com](http://Globoesporte.globo.com)

### Topics

blog  spot mente

## Similar Sites

## Similarity



Reporterunesp.lor.br



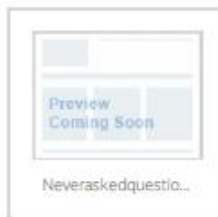
Scholar.google...



Noticiareal.com.br



Controleremotto...



Neveraskedquestio...



Cutpr.org.br



Deunatv.wordpress...



Fabeemrevista.com.br



Acidulante.com.br



Nucleopiratinings...

## Rank



## Related Mobile Apps

NO APPS FOUND



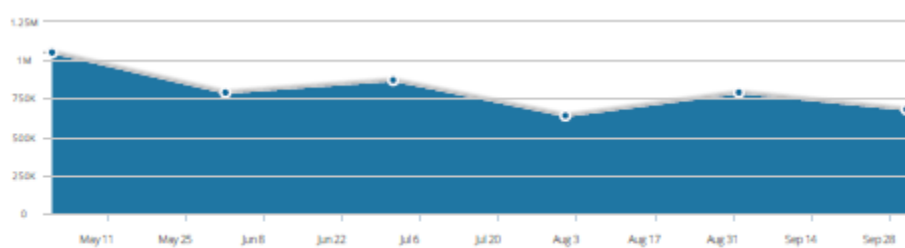
## ANEXO D – Análise de audiência do blog *Casal sem Vergonha*



## Traffic Overview

### Estimated Monthly Visits

Showing last 6 months



### Engagement






October, 2015

Visits	<b>680K</b>
Time On Site	<b>00:02:28</b>
Page Views	<b>1.97</b>
Bounce Rate	<b>70.98%</b>

## Traffic by countries

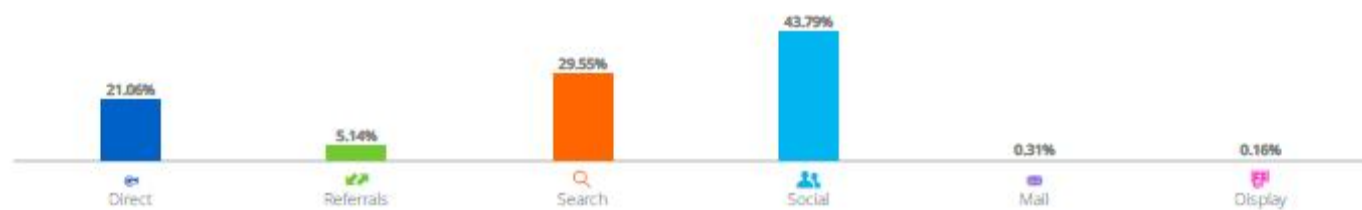
On Desktop, Last 3 months



 Brazil	<b>91.69%</b>
 Portugal	<b>4.79%</b>
 United States	<b>0.89%</b>
 Angola	<b>0.42%</b>
 Mozambique	<b>0.25%</b>

## Traffic Sources

On Desktop, Last 3 months



## Referrals



### Top Referring Sites:

- lwm.vc
- Terra.com.br
- Lista10.org
- Feedly.com
- Chatadegalocha.com



### Top Destination Sites:

- Parperfeito.com.br
- Papodehomem.com.br
- Play.leadzupc.com
- Tradeadexchange.com
- Be2.com.br

# Search



100%  
Organic Searches

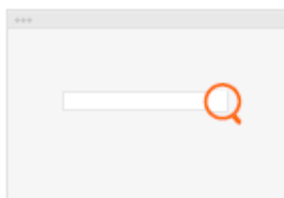
0%  
Paid Searches

Organic Keywords:

- sexo
- casal sem ve...
- casalsemverg.
- sexo oral
- e normal nam.

Paid Keywords:

No Paid Keywords



## Social



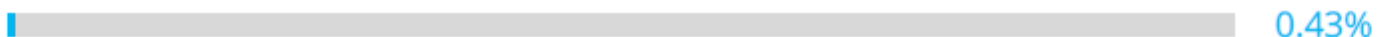
Facebook



Twitter



Youtube



Instagram



Netvibes



## Display Advertising



**NO DISPLAY ADVERTISING**

This website doesn't use display advertising as part of their marketing activity.

## Audience Interests

### Categories



People And Society



Adult



Arts And Entertainment



People And Society > Womens Interests

### Also visited websites

Entendaoshomens.com.br

Entretodasacoisas.com.br

Alpaca-sorhadora.tumblr.com

Metecolher.com.br

Conversadehomem.com.br

### Topics



## Similar Sites



## Similarity



Rank



## Related Mobile Apps

---

NO APPS FOUND